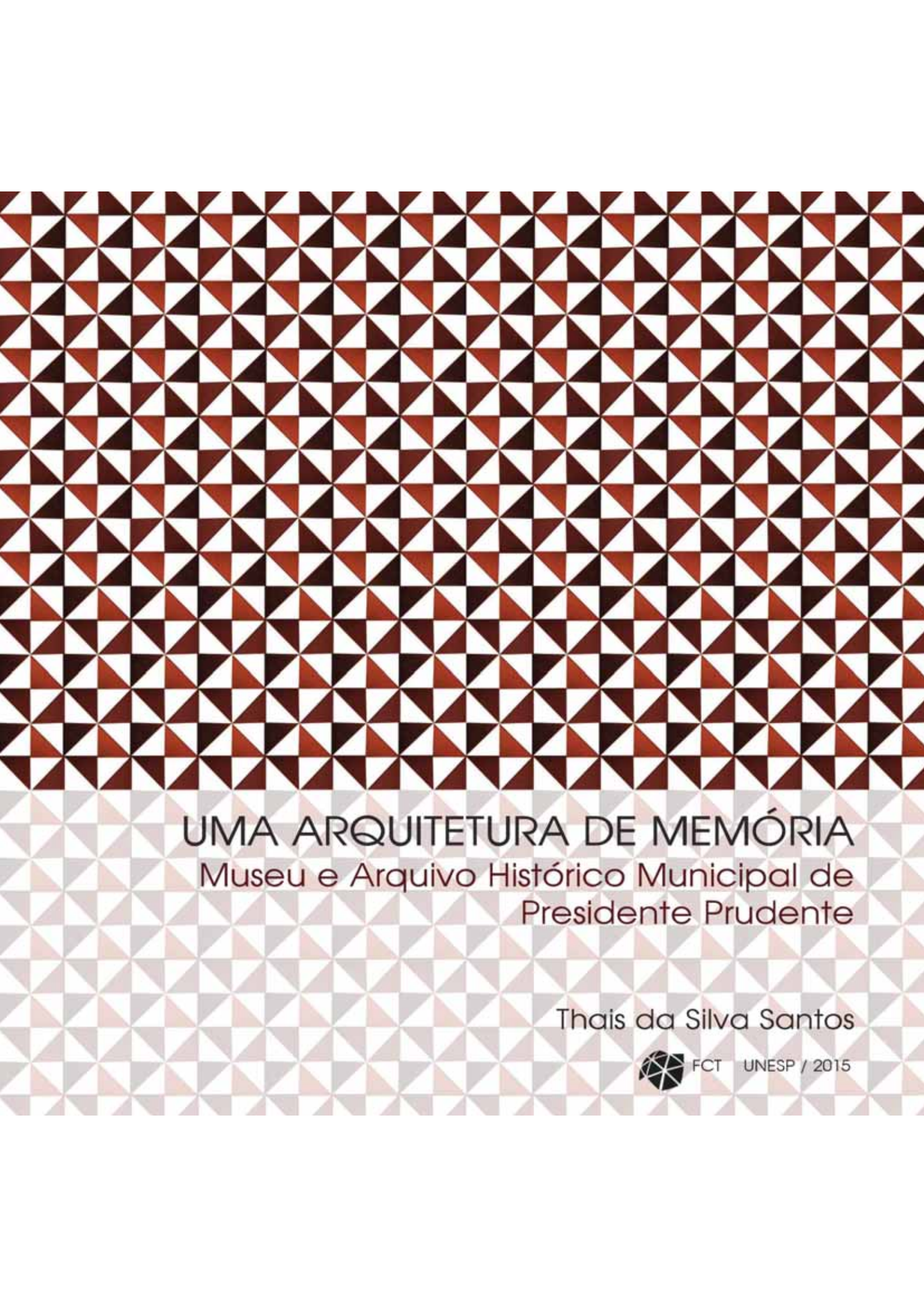




UMA ARQUITETURA DE MEMÓRIA

Museu e Arquivo Histórico Municipal de
Presidente Prudente

Thais da Silva Santos



FCT UNESP / 2015



THAIS DA SILVA SANTOS

UMA ARQUITETURA DE MEMÓRIA
Museu e Arquivo Histórico Municipal de Presidente Prudente

Monografia apresentada como requisito para aprovação da disciplina Trabalho Final de Graduação III, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP, campus de Presidente Prudente.
Orientador: Profº. Dr. Helio Hirao.
Coorientador(a): Profª Aline Anhesim.

PRESIDENTE PRUDENTE/SP
2015

DEDICATÓRIA



Aos meus pais e ao meu irmão, que estiveram ao meu lado em todos os momentos.

Muito obrigada, amo vocês.

Saudades P.



À Deus, que me presenteou com o dom de desenhar e enxergar nessa arte a possibilidade de uma profissão. Foi Ele que, durante toda a graduação, me deu força, disposição e perseverança para chegar até aqui.

Aos meus pais e ao Guilherme, meu irmão, que estiveram ao meu lado em todos os momentos e me estimulam a buscar minhas vitórias e a encarar o desconhecido. Aos meus familiares, em especial a minha prima Mayra, pelas vibrações positivas a cada ciclo que se inicia e se encerra em minha vida.

Ao meu orientador, professor Helio Hirao, por me guiar com dedicação e profissionalismo durante este trabalho.

À minha coorientadora, professora Aline Anhesim, por estimular minhas ideias e por sua paciência e amizade.

Ao meu professor, orientador e amigo, Cesar Fioriti, pela oportunidade de desenvolver um projeto de iniciação científica durante a graduação, abrindo novos horizontes.

À toda minha família prudentina por esses cinco anos de amizade e companheirismo. Em especial as minhas irmãs de coração, Ana Paula Zonta, Ana Paula Zimiani, Lara Marcato, Luiza Munõz e Terumi Kawai, pelos momentos de diversão, alegria e trabalho duro.

Às minhas companheiras de moradia, Camila Baptista e Larissa Losada, pelas infinitas risadas ao longo de quatro anos de convívio, que sempre lembrarei com saudades.

Ao meu companheiro e amigo, Luiz Gustavo Chagas, por toda dedicação que tem a nós. Por sempre me apoiar com gestos, palavras e carinho.

O meu sincero agradecimento à todos que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização deste trabalho e realização deste sonho.

"A TRADIÇÃO É UM DESAFIO À INOVAÇÃO."

Álvaro Siza (1983, p. 28)

"...NÃO SIMPLEMENTE RESTAURAR, MAS TAMBÉM CRIAR NOVOS
DESENHOS QUE ABRIGUEM, AMPAREM E EXPRESSEM HÁBITOS
URBANOS CONTEMPORÂNEOS, DO TEMPO QUE VIVEMOS."

Paulo Mendes da Rocha (1994, p. 48)





O antigo edifício do Matadouro Municipal, aparece no cenário do município de Presidente Prudente como um importante elemento do imaginário social urbano e de forte valor arquitetônico e histórico.

É possível perceber a presença de alguns marcos e lugares que revelam uma leitura da arquitetura histórica da cidade, sendo a área do Museu e Arquivo Histórico de Presidente Prudente um conjunto de interesse cultural neste espaço urbano.

Este trabalho elabora uma análise detalhada da paisagem antiga e atual e quais são os registros histórico/culturais materializados no antigo matadouro e propõe adequar o edifício histórico às novas funções urbanas contemporâneas, com o propósito de preservar a função de museu e arquivo histórico e recuperar esta herança para cidade e seu valor patrimonial.

Palavras-chave: intervenção; patrimônio; Museu; restauração.



Figura 1 - As musas	23
Figura 2 - Museu de Alexandria.....	24
Figura 3 - Museu de Turim, Itália	26
Figura 4 - Museu de São Petersburg, Rússia	26
Figura 5 - Museu de Florença, Itália	26
Figura 6 - Vaticano, Roma	26
Figura 7 - Museu de Luxemburg, França	27
Figura 8 - Cidade das Artes e Ciências, Valência	28
Figura 9 - Restaurante do Museu de Arte Moderna de São Paulo	30
Figura 10 - Café da Pinacoteca de São Paulo	30
Figura 11 - Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Portugal	31
Figura 12 - Museu Brasileiro de Escultura, São Paulo	31
Figura 13 - Museu de Arte de São Paulo	32
Figura 14 - Museu da Inconfidência Mineira, Minas Gerais	33
Figura 15 - Museu de São Miguel da Missões, Rio Grande do Sul	33
Figura 16 - Vista do pátio interno com intervenção	40
Figura 17 - Setorização do edifício	41
Figura 18 - Análise de plantas e cortes	42
Figura 19 - Localização de alguns edifícios do Circuito das Artes	47

Figura 20 - Setorização e circulação do edifício	47
Figura 21 - Análise de plantas e cortes	46
Figura 22 - Pátio interno antes e depois do projeto de intervenção	47
Figura 23 - Análise de planta	56
Figura 24 - Panos de vidro e marcação nas aberturas	56
Figura 25 - Conservatório Dramático Musical	61
Figura 26 - Diagrama volumétrico da Praça das Artes	61
Figura 27 - Direção dos fluxos dentro da quadra	62
Figura 28 - Análise de cortes	63
Figura 29 - Localização de Presidente Prudente no Estado de São Paulo	70
Figura 30 - Zoneamento de Uso e Ocupação do solo urbano de Presidente Prudente	71
Figura 31 - Presidente Prudente, em 1980	72
Figura 32 - Presidente Prudente atualmente	73
Figura 33 - Museu e Arquivo Histórico Municipal e vias de entorno	74
Figura 34 - Vias e pontos de ônibus	75
Figura 35 - Fluxo nas rotatórias	76
Figura 36 - Uso e Ocupação do solo	77
Figura 37 - Pontos de referência	78
Figura 38 - Equipamentos de cultura e lazer	80
Figura 39 - Espaços de cultura e lazer no entorno imediato	81
Figura 40 - Ata de Instalação do Museu Histórico Municipal, década de 1957	83

Figura 41 - Diretória da Fundação do Museu, 1970	84
Figura 42 - Secretária da sede provisória do Museu, 1975	85
Figura 43 - Matadouro Municipal de Piracicaba, SP, 1940	86
Figura 44 - Estrada Boiadeira, década de 1930	86
Figura 45 - Matadouro Municipal em construção, 1929	87
Figura 46 - Transferência do acervo para nova sede, década de 1978	87
Figura 47 - Reforma do Museu, 1989	88
Figura 48 - Reforma do Museu, 1989	88
Figura 49 - Construção dos anexos	89
Figura 50 - Construção do jardim japonês	90
Figura 51 - Área do Museu e Arquivo Histórico Municipal	91
Figura 52 - Planta-baixa da sala de exposição	92
Figura 53 - Planta-baixa da administração	93
Figura 54 - Planta-baixa da biblioteca Cerávolo e acervo	94
Figura 55 - Proximidade física dos edifícios	95
Figura 56 - Croqui do espaço de exposição	96
Figura 57 - Parte externa do Museu	97
Figura 58 - Objetos expostos na parte externa	97
Figura 59 - Estacionamento	97
Figura 60 - Parte externa do Museu	97
Figura 61 - Edifício histórico e seus elementos arquitetônicos	98

Figura 62 - Anexo e seus elementos arquitetônicos	98
Figura 63 - Fachada ao longo dos anos	99
Figura 64 - Manchas na pintura interna	100
Figura 65 - Orientação solar	103
Figura 66 - Entorno e vias	104
Figura 67 - Croqui do corte do terreno	105
Figura 68 - Vegetação existente	106
Figura 69 - Direção predominante dos ventos ao longo do ano	107
Figura 70 - Análise sensorial e percepção visual	110
Figura 71 - Ornamentos no edifício histórico	113
Figura 72 - Aberturas simétricas	113
Figura 73 - Cobertura com treliças de madeira e anexos	114
Figura 74 - Fluxograma	118
Figura 75 - Museu e Arquivo Histórico Municipal e seus acessos.....	124
Figura 76 -Permeabilidade e caminhos.....	125
Figura 77 - Área de recreação.....	126
Figura 78 - Edifício histórico.....	127
Figura 79 - Intervenção no edifício histórico.....	129
Figura 80 - Dimensões da cobertura espacial triangular.....	130
Figura 81 - Interligação entre os edifícios a partir da cobertura espacial.....	131
Figura 82 - Composição dos edifícios.....	132

Figura 83 - Edifício administrativo.....	133
Figura 84 - Garagem de veículos antigos e edifício administrativo (Átrio).....	135
Figura 85 - Composição do edifício administrativo.....	136
Figura 86 - Composição da garagem de veículos antigos	137



Tabela 1 - Matriz-síntese comparativa entre antigo e o atual	43
Tabela 2 - Matriz-síntese do processo de intervenção	44
Tabela 3 - Matriz-síntese do processo de intervenção	45
Tabela 4 - Matriz-síntese comparativa entre antigo e o atual	51
Tabela 5 - Matriz-síntese do processo de intervenção	52
Tabela 6 - Matriz-síntese do processo de intervenção	53
Tabela 7 - Matriz-síntese comparativa entre antigo e o atual	57
Tabela 8 - Matriz-síntese do processo de intervenção	58
Tabela 9 - Matriz-síntese do processo de intervenção	59
Tabela 10 - Matriz-síntese comparativa entre antigo e o atual	65
Tabela 11 - Matriz-síntese do processo de intervenção	66
Tabela 12 - Matriz-síntese do processo de intervenção	67
Tabela 13 - Matriz-síntese comparativa entre as quatro referências projetuais	69
Tabela 14 - Matriz-síntese do acesso	109
Tabela 15 - Matriz-síntese da área externa	110
Tabela 16 - Matriz-síntese do conjunto arquitetônico	111
Tabela 17 - Matriz-síntese da área ociosa e de convivência	112
Tabela 18 - Atividades museológicas	116



Resumo	4
Introdução	16
Reflexões sobre a memória e o patrimônio	17
Justificativa	18
Objetivos	20
Procedimentos metodológicos	21
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO	23
1.1 Estória e um pouco de história	23
1.2 Formação pública e educativa dos museus	25
1.3 O museu contemporâneo	27
1.4 Museus da Cidade	33
1.5 Intervenção em monumentos: terminologia e conceitos	35
CAPÍTULO 2: REFERÊNCIAS PROJETUAIS	39
2.1 Pinacoteca do Estado de São Paulo	39
2.2 Memorial Minas Gerais	46
2.3 Centro Cultural Matarazzo	54
2.4 Praça das Artes	60
2.5 Síntese comparativa	69
CAPÍTULO 3: RECORTE ESPACIAL	70

3.1	A cidade de Presidente Prudente.....	70
3.2	Localização da área de estudo e entorno	71
3.3	Espaço de cultura e lazer em Presidente Prudente	79
CAPÍTULO 4: OBJETO DE ESTUDO E ÁREA DE INTERVENÇÃO.....		83
4.1	Museu Histórico Municipal de Presidente Prudente	83
4.2	Matadouro Municipal	85
4.3	O atual Museu e Arquivo Histórico Municipal	89
4.4	A perda do patrimônio histórico prudentino	101
CAPÍTULO 5: ESTUDO DE PROGRAMA DE ATIVIDADES		103
5.1	Reflexões sobre análise de campo	103
5.2	A conservar	113
5.3	Programa de atividades e fluxograma	114
5.4	Necessidades técnicas para locais de exposição e armazenamento do acervo	119
CAPÍTULO 6: O PROJETO		123
6.1	Memorial do projeto	123
6.2	Acessibilidade	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		135
REFERÊNCIAS		136
APÊNDICE.....		139



O presente trabalho acadêmico pretende desenvolver um projeto no qual se pratica a Arquitetura a partir da leitura e apreensão do objeto existente e da aplicação de conceitos e metodologias na descoberta de vocações e atualizações deste espaço.

A proposta de reformulação do Museu e Arquivo Histórico Municipal de Presidente Prudente tem como intuito a mudança da dinâmica local ao passo que propõe um espaço onde a sociedade é convidada e instigada a repensar a idéia de cidade e recriá-la. O programa do museu será dividido em dois espaços: museológico (espaço de exposição, produção e apropriação) e geral (lazer e administrativo).

Ao propor uma intervenção concebida a partir da preexistência, busca-se explicar diferentes possibilidades de conexões entre temporalidades de modo a enfatizar os contrastes e não confundir ou mimetizá-los. Acredita-se que preservar as preexistências não consista em tocá-las por excesso de zelo, mas sim realizar um estudo cuidadoso a fim de exaltar as

potencialidades que irão permitir o diálogo com o contemporâneo.

Esta nova configuração da obra como imagem, documento e matéria (BRANDI, 2004) deve ser lida, interpretada e confirmada, o que define a intervenção proposta como projeto de restauro e reabilitação. Remetendo-se a um conjunto de medidas que visam dar novo grau de eficiência, configurando apropriações socioespaciais e exaltando a função do Museu e Arquivo Histórico.

A proposição deste trabalho visa beneficiar a população local, independente da faixa etária. Contudo, ainda que se busque uma escala municipal e até mesmo regional, os beneficiários serão aqueles que se apropriam do espaço do Museu, que buscam além do conhecimento, o lazer e a prática cultural.

A valorização de um espaço público para o uso coletivo revela-se importante para o desenvolvimento da dinâmica da cidade. Soma-se a esse aspecto a questão urbana e social em se qualificar os espaços públicos e incentivar a prática cultural e de preservação.

Reflexões sobre a memória e o patrimônio

Os museus são considerados como lugares de memória. Os lugares de memória são definidos por Pierre Nora (1993), como os mais deslumbrantes símbolos, festas, emblemas, monumentos e comemorações, mas também, museus. Ainda sobre os lugares de memória, Nora (1993) continua afirmando que:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Os três aspectos coexistem sempre [...]. É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão. (NORA, 1993, p. 21-22)

Quando se afirma que os museus são lugares de memória, não estamos recorrendo a uma memória congelada, mas a uma memória viva, cheia de significados, servindo como fonte de reinterpretação e ressignificação de um passado e das memórias coletivas dos grupos sociais, uma memória que serve como um conjunto de informações psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas (LE GOFF, 1996).

No Brasil, as políticas públicas para os museus, de acordo com as diretrizes do Ministério da Cultura (MinC) tem como proposta para o setor museológico a institucionalização da memória e da cultura:

Promover a valorização, a prevenção e a fruição, do patrimônio cultural brasileiro considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existente e pelo fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade social, étnica e cultural do país. (POLÍTICA NACIONAL DOS MUSEUS, MinC, 2003)

São nos museus que estão expostos os patrimônios de uma coletividade, primeiramente ligada à posse, necessariamente itens físicos, tangíveis. Entretanto, entende-se hoje que o patrimônio cultural é bem mais abrangente, incluindo a parte imaterial, modos de fazer e expressar, sabedoria popular, dentre outros, ou seja, o que está presente no domínio da cultura.

Logo, a preservação da memória de uma cidade, conseqüentemente, deve ser promovida com o intuito de ir além do saudosismo, os

acontecimentos e processos históricos de uma comunidade, devem ser preservados como patrimônio cultural, com o objetivo de compreender sua identidade e relações históricas. A afirmação de Abreu (1997) indica essas preocupações:

A guarda da memória coletiva não é uma atitude saudista de preservação do passado como valor em si, imutável, uma alienação das necessidades do presente. O passado tem que ser pesquisado não para a formação de um tradicionalismo enganoso [...]. Seu desconhecimento pode significar a perpetuação de situações que não interessam mais às exigências do presente. (ABREU, 1997, p. 187)

A memória de uma comunidade, portanto, não pode restringir somente às datas comemorativas e fatos históricos importantes, deve se ater também aos fatos cotidianos da população.

Justificativa

Toda cidade tem uma história, que evolui e se constrói no tempo, uma construção baseada em camadas ou fragmentos de camadas em que seus respectivos elementos vão se sobrepondo, se fundindo, se somando e se subtraindo

constantemente, resultando em uma verdadeira diversidade oriunda dos vários ciclos de desenvolvimento econômico, social e cultural que podem ser ilustrados através das edificações, que são a memória visível desta evolução urbana.

O acervo do Museu e Arquivo Histórico Municipal é a principal fonte de pesquisa histórica de Presidente Prudente, abrigando acervos de peças, equipamentos, fotos e documentos, os quais registram e relatam o surgimento e o desenvolvimento da cidade e da região da Alta Sorocabana. Daí a importância de se preservar o conjunto arquitetônico para que continue fazendo parte da vida das pessoas, admitindo-o como patrimônio coletivo.

Nas cidades grandes, médias e pequenas são os museus os responsáveis pela preservação da memória, porém, quando se refere a questão da sua preservação em cidades do interior de São Paulo, como Presidente Prudente, fica evidente o processo gradativo de destruição dessa memória, materializada em conjuntos arquitetônicos e urbanísticos.

Reflete Lemos (1981), o preço do "dito" progresso seria a sucessiva substituição dos bens culturais? Sua análise se refere à cidade de São Paulo, mas pode encaixar-se no caso de

Presidente Prudente que tem sua paisagem urbana sendo transformada ao longo do tempo com a substituição dos edifícios históricos em função deste ideal de "progresso" relacionado ao pensamento iluminista.

A falta de ação e revalorização por parte dos protagonistas, autoridades locais, atores sociais e institucionais com relação ao valor da memória do povo prudentino, contribui para as modificações na paisagem urbana e substituição da arquitetura simbólica sendo esta, a responsável pela construção dos elementos significativos de uma identidade.

O potencial do Museu e Arquivo Histórico Municipal fica evidente quando são organizadas exposições temporárias em espaços públicos da cidade. Em 2007, nas comemorações do 90º aniversário de Presidente Prudente, foi organizada uma exposição fotográfica relatando a história da cidade que permanecera, por um período no Serviço Social do Comércio (SESC - Thermas). Essa iniciativa rendeu comentários elogiosos ao organizador da exposição por parte dos moradores que se deparavam com a história da cidade em poucas imagens (NERES, 2009, p. 16).

Tais fatos evidenciam o potencial do espaço para se tornar efetivamente um espaço cultural, implicando portanto, em uma proposta de restauração e reabilitação, destinada a uma valorização da significação cultural do bem (CARTA DE BURRA, 1980, p. 3) e o melhoramento das condições físicas do espaço, mantendo sua identidade (CARTA DE LISBOA, 1995, p. 1). Justifica-se, pois a busca pelo interesse, ainda incipiente, da população em relação ao tema seja devidamente explorado através de seu acervo e das novas atividades culturais a serem propostas nos edifícios.

Ao realizarmos um recorte espaço-temporal, a cidade é um organismo dinâmico que evolui político, econômico, social e culturalmente, desta forma, o conjunto de interesses deve se adequar às novas funções e necessidades de um museu histórico no cenário contemporâneo em que se insere.

Assim, a instância histórica direciona no sentido de não transformar as estratificações num monólito homogêneo, num único registro, e busca subsídios nas teorias, diretrizes e cartas referentes às intervenções em áreas patrimoniais. A instância estética deve estabelecer o método de apuração e valorização da fruição do espaço

consolidado e valorizado como cenário e composição tipológica a partir do qual se estabelecerá o partido do projeto.

O espaço até então "morto", ganha potencialidades que podem ser exploradas, além disso, a reabilitação contribuirá para melhoria das condições de preservação e divulgação dos documentos históricos para fins de pesquisas, respeitando também a relevância do edifício como elemento marcante da paisagem urbana, da memória coletiva e da história da cidade.

Objetivos

Objetivo Geral

A proposta deste trabalho direciona-se ao Museu e Arquivo Histórico Municipal de Presidente Prudente, sua restauração e a reabilitação do espaço de entorno.

Objetivo Específico

➤ Garantir a preservação e a salvaguarda do testemunho para a cidade de Presidente Prudente, a partir da restauração do edifício histórico tombado e dotá-lo de infraestrutura adequada ao seu funcionamento;

➤ Garantir a permanência dos dois anexos presentes no terreno, apresentando porém outras funções;

➤ Criar uma nova edificação dotada de infraestrutura adequada para receber todo o aparato técnico e administrativo do museu;

➤ Adequar o conjunto arquitetônico ao clima, com ventilação e iluminação natural que garanta seu conforto;

➤ Em ambientes que irão receber as exposições e o acervo a questão do conforto ambiental será tratada de maneira a se adequar às necessidades que esse tipo de equipamento requer;

➤ Adequar o Museu e Arquivo Histórico Municipal às necessidades multidisciplinares inerentes de um museu histórico: exposições temporárias, atividades educacionais (palestras, cursos e eventos), área de acervo e tratamento dos objetos, área para descanso e recreação;

➤ O conjunto arquitetônico deverá ser coerente com o pensamento arquitetônico contemporâneo. Estando de acordo com as diretrizes de conservação e restauro em que a intervenção no monumento histórico deve ser harmoniosa, sem criar falsificações artísticas e históricas.

Procedimentos metodológicos

1 Pesquisa

A pesquisa está relacionada a três temas específicos: 1 patrimônio e teorias de restauro, 2 projetos de reabilitação e 3 museus; e encontra-se diluída nos produtos do trabalho, como reflexões, análises e desenhos.

A intenção de se intervir também parte do reconhecimento do valor histórico como ato presente. Sendo assim, cabe a reabilitação do espaço ser a manifestação deste momento de apreensão da obra como monumento historicizado num dado presente. A contemporaneidade, seja ela artística e científica aplicada na atual ocupação do território e na produção da arquitetura torna-se assim uma estratificação, que não somente é baseada nas questões práticas, de funcionalidade e uso, mas como premissas culturais e históricas.

2 Levantamento e análise

Para que fosse realizada a apreensão do espaço existente foram feitos levantamentos da área, composição formal e volumétrica, entorno e contexto urbano. A percepção e sinestesia

livres foram registradas através de fotografias e desenhos realizados na construção da percepção do local, aferem à memória seu efeito, ao colocar em uma unidade o paradoxo antigo/novo.

Reconhecer o edifício, a partir de visitas a campo, sendo um reconhecimento exterior e interior, com o objetivo de identificar suas características. Verificar documentações e registros próprios, junto à prefeitura; data de construção do edifício, as alterações sofridas ao longo dos anos, fotografias antigas, pesquisas anteriores, entre outros, que fazem parte desta compreensão e análise histórica.

Diagnosticar o edifício, de modo a compreender as transformações sofridas por ele explicando suas causas e o estado atual de conservação. A partir disto, é possível propor quais as medidas necessárias a serem tomadas, e qual o melhor caminho visando sua manutenção.

A fundamentação com base na estética, na história e em outras humanidades, fornece os meios adequados para direcionar as decisões de projeto no sentido de possibilitar o debate e a compreensão coletiva. A reflexão junto às questões metodológicas visa, assim, produzir uma arte comprometida com a atmosfera em que o espaço está inserido.

3 Conceito e Programa

O projeto intervém no fio de uma história, preservando a memória e colocando nesse contexto a participação social. O programa será desenvolvido após se identificar as vocações do local, da cidade e sua inserção regional, tendo em vista o uso como meio de reabilitação e não um fim, adequando as funções aos espaços, de maneira a valorizar a fruição da obra.

4 Estudos Preliminares

Os estudos iniciais serão fruto da análise da pesquisa sobre o tema, o reconhecimento da edificação, bem como a percepção do lugar e das questões sociais.

Pretende-se, assim, desenvolver um projeto com base na análise das configurações físicas, nas formas, volumes, e outros elementos que geram uma experiência sensorial, possibilitando definir questões, como necessidades, vocações e qualidades, sendo esta uma arquitetura de interpretações diversas: memória, contemplação, documento, apropriação funcional e humana.



1.1 Estória e um pouco de história

Há um preconceito muito forte em relação à palavra museu, estando associada a tudo que é ultrapassado, sem vida. A expressão "peça de museu" por exemplo, pode designar qualquer coisa velha e imprestável (GASPAR, 1993, p. 37). Entretanto, se retornarmos às origens do termo encontraremos um significado muito mais rico e sugestivo que deve ser resgatado.

O termo museu vem do latim "*museum*" que por sua vez se origina do grego "*mouseion*", denominação, na antiga Grécia, do templo ou santuário das musas (Figura 1). Segundo a mitologia grega havia nove musas que presidiam as chamadas artes liberais: história, música, comédia, tragédia, dança, elegia, poesia lírica, astronomia e a poesia épica e a eloquência. O termo estava mais ligado ao clima ou à atmosfera do local do que às suas características físicas. Era sobretudo um lugar de inspiração onde a mente podia se desligar da realidade cotidiana¹.

¹ Este breve relato histórico baseia-se sobretudo nos textos de Alexander, Wittlin, Lewis e Binni abordado na tese de GASPAR, A. Museus e Centros de Ciências: conceituação e proposta de um referencial teórico. São Paulo, 1993, p. 6.

Figura 1 - As musas em Parnaso.



Fonte: <http://culturadbolso.blogspot.com.br/2013/10/musas-e-museu-origem-da-palavra.ht>

Dentro deste espírito foi criado por Ptolomeu I a primeira instituição de que se tem notícia com essa denominação, o Museu de Alexandria (Figura 2). Ainda que tivesse algumas características que se assemelham à ideia atual de museu, como a guarda de algumas espécies de objetos, abrigava ainda um parque botânico, zoológico e uma biblioteca, era sobretudo, uma instituição de ensino e pesquisa (GASPAR, 1993).

Figura 2 - Museu de Alexandria.



Fonte: http://www.nova-acropole.pt/a_o_sonho_de_alexandria.html

O termo museu só viria a ser utilizado séculos depois com outro significado, associado a coleções. Segundo Gaspar (1993), durante a Idade Média, na Europa Ocidental, estas coleções passaram a ter tanto ou mais valor do que o

dinheiro. Reis, senhores feudais e o alto clero possuíam tesouros, como vasos de ouro e prata, jóias, armas, roupas e substâncias medicinais, eram estas, que garantiam poder e atestavam fortuna. Concomitantemente, estas coleções ficavam escondidas, sendo exibidas apenas em ocasiões especiais.

Obras de arte já eram apresentadas ao grande público através da Igreja, que as utilizava para propagar mensagens de fé em seus templos - mosaicos, vitrais, gravações em madeira e bordados - tinham o objetivo de inspirar e educar para a religião os seus frequentadores.

Entretanto, o interesse pela Antiguidade Clássica provocou o resgate e a recuperação de antigas esculturas do Império Romano que, por suas dimensões, foram sendo colocadas em lugares públicos, ampliando o acesso popular a esse acervo. O contínuo crescimento dessas coleções criou, para os seus possuidores, a necessidade de encontrar um local onde pudessem guardá-las e expô-las adequadamente a seus amigos e convidados, surgiram assim, segundo Gaspar (1993, p. 40) as galerias, do italiano, *galleria*, destinadas sobretudo às obras de arte.

Neste mesmo cenário, outros monarcas europeus começaram a permitir um acesso limitado do público às suas coleções de arte, consequentemente, outros museus foram criados tanto na Europa como nos Estados Unidos. Porém, muito pouco se conseguiu, ao que se esperava, em termos de divulgação ou popularização do patrimônio cultural existente, a imponência das edificações, a desorganização das apresentações das coleções e o despreparo dos visitantes para usufruir o que lhes era apresentado, levaram o público a se afastar dos museus.

Presume-se que, redescobrimo a idéia do templo das musas, passam por analogia a denominar esses locais de museus. Com o tempo o significado da palavra passou do clima, lugar de inspiração, estudo e reflexão, para o conteúdo, lugar onde se guardam coleções (GASPAR, 1993).

1.2 Formação pública e educativa dos museus

A preocupação para com os museus ganhou novos impulsos e significados no contexto da Revolução Francesa, especialmente em relação à sua dimensão pública. Conforme

Jacques Le Goff (1990), após a Revolução Francesa, a França consolidou-se como pioneira na organização de arquivos nacionais e no dia 7 de setembro de 1790, o museu foi declarado espaço público de guarda e preservação da memória nacionalista.

Contudo, o movimento museológico expandiu-se, atingindo outros países e continentes, popularizando-se e facilitando o acesso público às obras de arte, às coleções museais, aos documentos e aos objetos de memória. São exemplos disso Turim (Figura 3), São Petersburgo (Figura 4), Florença (Figura 5), Roma - Vaticano (Figura 6), (SANDER, 2006, p. 19).

O projeto expansionista e de proliferação das instituições museológicas de caráter público nacionalista, transformou significativamente a operação museológica, ou seja, a dinâmica das exposições, o modo de preservação, o estudo e as interpretações dos objetos. Ganham-se, então, espaço para exposições, coleções e criação de espaços públicos de socialização, tornando os museus mais adequados às necessidades técnicas, educativas e de exposição ao público (SANDER, 2006, p. 20).

Figura 3 - Museu de Turim, Itália.



Fonte: <http://italiasecreta.blogspot.com.br/2013/02/o-museu-das-antiguidade-egipcias-de.html>

Figura 4 - Museu de São Petersburgo, Rússia.



Fonte: <http://www.diariodarussia.com.br/cultura/noticias/2011/05/03/hermitage-multiplica-exposicoes-pelo-mundo>

Figura 5 - Museu de Florença, Itália.



Fonte: http://www.globeholidays.net/Europe/Italy/Toscana/Firenze/Firenze_GalleriaUffizi5.htm

Figura 6 - Vaticano, Roma.



Fonte: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/06/der-spiegel-escandalos-no-vaticano-revelam-fracasso-do-papa-e-sujeira-da-igreja.html>

A nova configuração do espaço, marcou definitivamente a abertura dos museus para o público, concomitantemente, a elaboração de normas técnicas de preservação e conservação de acervos, bem como a elaboração de uma política pública comprometida com o patrimônio artístico e histórico, contribuíram muito para definir o papel dos museus na sociedade (SANDER, 2006). A abertura das coleções reais para o público iniciou-se com a criação do Museu de Luxemburgo em 1750, (Figura 7).

Figura 7 - Museu de Luxemburgo, França.



Fonte:

<http://wp.clicrbs.com.br/viajandocomarte/category/europa/franca/paris/?topo=77,1,1,,,77>

Esta perspectiva de museu exigiu deste um desdobramento de espaços, a inserção de novas tecnologias, melhoramento do perfil profissional

e uma formação acadêmica especializada. Estas transformações passaram a ser requisitos essenciais para o desempenho de funções educativas e os museus passam a ser considerados um veículo de extrema relevância na aprendizagem dos visitantes, permitindo-lhes experimentar, assimilar a informação e construir conhecimentos.

1.3 O museu contemporâneo

A sociedade até pouco tempo foi caracterizada por um grande dinamismo, um ritmo acelerado de transformações. No entanto, a cultura foi um domínio marcado sobretudo pela estabilidade, rigidez e por particularismos. Enquanto instituições culturais, os museus partilharam destas características durante grande parte da sua existência, procurando agora acompanhar as mudanças que lhe são impostas pela sociedade onde estão inseridos.

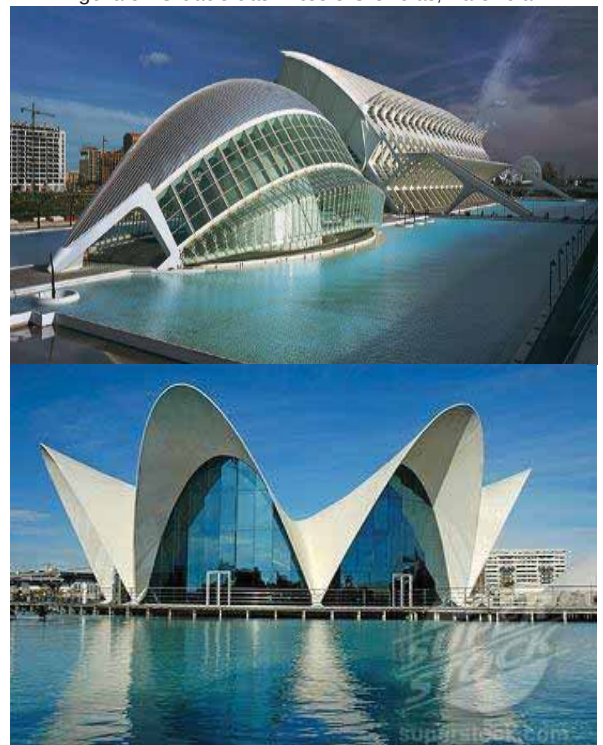
Segundo Cavalcanti (2013, p. 168), ao pensarmos as cidades contemporâneas podemos visualizar três questões básicas: as intervenções urbanas temporais ou não, os fluxos de mobilidade e as políticas de reurbanização dos centros urbanos. As três questões se relacionam a cada novo planejamento.

Especificamente ao se falar dos espaços de museus, percebe-se que nos últimos anos vêm surgindo novas formas arquitetônicas que invadem os espaços urbanos e que fazem parte, muitas vezes, das políticas de reurbanização. Ao mesmo tempo, esses edifícios surgem em espaços onde é necessária uma intervenção, tornando esses espaços mercadorias, com a finalidade de “adequar as cidades às demandas e aos fluxos internacionais de turismo e consumo urbano [...] recriar sentidos e usos dos conteúdos e materiais do passado” (LEITE, 2002, p. 115 *apud* CAVALCANTI, 2013, p. 169).

A proliferação dos serviços de informação nas cidades modernas foi em parte uma reação à crescente demanda por conhecimento. Segundo Cavalcanti (2013), a concepção de parques públicos torna-se, nesta nova concepção, lugares para o consumo de cultura, e os museus de ciências, passam a configurar o cenário das cidades contemporâneas como integrantes de uma rede cultural e onde o conhecimento se configura como atração e patrimônio. Exemplo desse tipo de museu, parque público seria a Cidade das Artes e das Ciências (1998), um projeto do arquiteto Santiago Calatrava, maior atração turística da cidade de Valencia, na

Espanha, mais por seu edifício do que por sua coleção, (Figura 8).

Figura 8 - Cidade das Artes e Ciências, Valencia.



Fonte: <http://www.valenciavalencia.com/sights-guide/cas.htm>.

Logo, os museus históricos neste mesmo cenário, colaboram com o processo de aprendizagem, buscam reforçar uma identidade e construir uma memória. Os objetos devem ser apresentados de forma a serem interpretados, sendo necessário que ações pedagógicas se

desenvolvam dentro da área das instituições museológicas (RODRIGUES, 2010, p. 219).

A necessidade de um museu histórico participar do processo de aprendizagem foi visto por Menezes (1992) como fundamental. Para ele:

Além de evocar e celebrar o passado, um museu deve organizar-se de maneira a mostrar a sociedade como organismo vivo, sujeito a mudanças. Assim, o museu histórico contribui para o enriquecimento da consciência histórica, isto é, a percepção da vida social como produto da ação humana que gera e transforma. (MENEZES, 1992, p. 7)

A educação museológica deverá ser processada de forma que resulte na construção de um saber – seja na área de patrimônio, seja na própria exposição visitada – servindo como um dispositivo de reflexão, através da linguagem que o museu histórico apresenta (RODRIGUES, 2010, p. 219).

Resumidamente, pode-se notar a mudança a qual, a instituição museu passou através de duas definições². A primeira de 1956 foi estabelecida pelo Comitê Internacional de Museus (ICOM), sendo este, uma organização internacional de museus e profissionais da área,

que atua na conservação, preservação e na difusão do patrimônio mundial, cultural ou natural:

Museu é um estabelecimento de caráter permanente, administrado para interesse geral, com a finalidade de conservar, estudar, valorizar de diversas maneiras o conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos, jardins botânicos, zoológicos e aquários. (ICOM, 1956)

A segunda definição parte do Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de 2005:

O museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviços da sociedade [...]. (IPHAN, 2005)

Se antes a instituição tinha como principal objetivo a preservação do patrimônio cultural, a partir exclusivamente da chamada cultura erudita (CASTRIOTA, 2009, p. 159), na sociedade contemporânea percebe-se um acréscimo de funções e consequentemente, diversidade. Com uma variedade de atividades, como a educação

² Definições disponibilizadas pelo Sistema Brasileiro de Museus (SBM), no site do Ministério da Cultura.

inclusão e o turismo e exaltando a democracia e o acesso à população, admitindo um caráter multidisciplinar da instituição.

Esta rede de atividades e serviços que legitima a existência dos museus, entrando numa lógica de prestação de serviços, tornar-se mais atrativo, além dos espaços preexistentes, como acervo e salas de exposição, criaram-se outros novos, que depressa se provaram muito rentáveis, como os restaurantes (Figura 9), as cafeterias (Figura 10), as lojas de museu, visitas guiadas, programação específica, como cursos e palestras³.

Segundo Zein (1991, p. 30-33) é necessário transformar o museu em uma fonte de ativação cultural para a cidade, com o objetivo de buscar significados e expectativas muito mais amplas do que os obtidos pela simples existência de seu acervo.

Figura 9 - Restaurante do Museu de Arte Moderna de São Paulo.



Fonte:

<http://betaniacaneva.blogspot.com.br/2013/04/museu-de-arte-modernamamabrilmaiojunho.html>

Figura 10 - Café da Pinacoteca de São Paulo.



Fonte:

http://mulher.uol.com.br/album/galeriasemuseuschriscampos_album.htm

³ Janes, R. *Museums in a troubled world - renewal, irrelevance or collapse* London: Routledge. 2009. Abordado na tese de MARQUES, J. G. Museus contemporâneos: locais de contágios e hibridismos. Março 2013. Consultado no dia 18 Abril 2014. URL : <http://midas.revues.org/89> ; DOI : 10.4000/midas.89

O museu discursa para além do seu acervo, cumprindo atualmente uma função aglutinadora de atividades, que lhes confere um sentido, se tornando um espaço transfigurado e que se "muta" através de diálogos e trocas, são estes, que começam lentamente a transformar o museu num "equipamento híbrido"⁴.

Segundo Marques (2013), já não falamos de um depósito de objetos cujo valor é o de contarem a história, mas falamos de testemunhos de estórias em constante (re)interpretação e mutação dos seus próprios significados. À semelhança do museu, e pelos mesmos processos de contágio, apropriação e adaptação, também a própria cultura se (re)interpreta e se (re)constrói.

Podemos também entender a arquitetura neste princípio de século XX como uma "destruição criativa" se contrapondo com o "eterno e imutável" (HARVEY, 2007). Alguns arquitetos foram definitivos no desenho de uma arquitetura contemporânea que reinventava os espaços, entre eles temos, Álvaro Siza e a

profunda relação do seu edifício com a paisagem e a cultura local (Figura 11); Paulo Mendes da Rocha que busca envolver a sociedade ao espaço e incorporar a natureza aos edifícios projetados (Figura 12).

Figura 11 - Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Portugal.



Fonte: <http://museologiaporto.ning.com/photo/museu-de-serralves-2006?context=popular>

Figura 12 - Museu Brasileiro da Escultura, São Paulo.



Fonte:
<http://arquitetadeisesoares.blogspot.com.br/2010/05/mube-arquitetura-modelando-paisagem.html>

⁴ Janes, R. *Museums in a troubled world - renewal, irrelevance or collapse* London: Routledge. 2009. Abordado na tese de MARQUES, J. G. Museus contemporâneos: locais de contágios e hibridismos. Março 2013. Consultado no dia 18 Abril 2014. URL : <http://midas.revues.org/89> ; DOI : 10.4000/midas.89

O Museu de Arte de São Paulo (MASP), de Lina Bo Bardi, situado em plena Avenida Paulista, com seu edifício em forma de prisma suspenso, cria um vão livre num gesto de liberdade do espaço, é também inovador na própria museografia (Figura 13).

Figura 13 - Museu de Arte de São Paulo (MASP).



Fonte: http://www.minube.com.br/sitio-preferido/masp-_museu-de-arte-de-sao-paulo-a936251

Os arquitetos de hoje, têm uma grande liberdade para propor diferentes soluções aos

seus projetos de museus, podendo incluir velhos princípios acadêmicos até os mais audaciosos *hightechs*. Os espaços de exposições retomam os percursos, de certa maneira conservador, logo, os espaços de circulação, convivência e serviços se apresentam mais dinâmicos e ecléticos (KIEFER, 2000, p. 21).

Outro destaque apontado por Kiefer (2000, p. 22) é sua inserção na cidade e a preocupação com a questão museológica. Neste período os museus deixam de ser simples galerias de exposição e os arquitetos passam a enfrentar com mais rigor a complexidade do programa museu.

Segundo Cavalcanti (2013, p. 175), um dos traços distintos da arquitetura das cidades contemporâneas seria sua função lúdica, criando "novos" centros nas cidades, estes, acabam por ter funções híbridas, ora funcionando como área de lazer, ora como museu, ora como escola.

Os espaços culturais têm, assim, uma nova e mais evidente articulação com a cidade, além disso as instituições culturais estabelecem novas relações com seu próprio edifício. A arquitetura passa a ser uma fonte de criação de novos públicos e o edifício por si só justifica a visita.

1.4 Museus da Cidade

No século XXI o conceito de bem cultural, como todo testemunho significativo da história e da cultura, se encontra bastante difundido no Brasil e são frequentes as instalações de museu fora dos grandes centros. Segundo Castriota (2009, p. 159), a noção de patrimônio cultural sofre ampliações, passando a englobar também manifestações populares e a moderna cultura de massa.

O conceito de bem cultural, introduzido no país no fim da década de 1930 por Mário de Andrade e outros, foi imediatamente aplicado por Rodrigo M. F. de Andrade, então diretor do SPHAN, na organização de museus como o da Inconfidência, 1938 (Figura 14) e das Missões, 1940 (Figura 15). Instalados fora dos grandes centros, esses museus visavam expressões culturais interioranas e sem ligações próximas com as produções no Brasil, mas suas coleções atingiram simultaneamente um significado local e nacional. Seu conteúdo expressa aspectos sócio-econômicos e circunstâncias políticas vivenciados pelo país (COSTA, 2002, p. 27).

Figura 14 - Museu da Inconfidência Mineira, Minas Gerais.



Fonte: <http://www.minube.com.br/sitio-preferido/museu-da-inconfidencia-a1013941>

Figura 15 - Museu de São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul.



Fonte:
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/05.055/4054>

Segundo Costa (2002, p. 28), o museu regional deveria coletar, estudar, conservar, expor e divulgar exemplares da produção estética, espiritual, intelectual, lúdica ou utilitária, além de amostragens significativas dos recursos

naturais e feitos tecnológicos da região onde estavam situados. Despertar nas comunidades o orgulho pelas obras de seus ancestrais, conscientizá-las de seu passado e de suas contribuições para a formação e a fisionomia nacional.

Nas cidades médias e pequenas são eles, os responsáveis pela preservação dos suportes da memória, pois têm como característica comum o acervo variado, contendo desde documentos, como leis antigas, fotografias, periódicos e objetos do cotidiano como, móveis antigos, aparelhos eletrônicos, entre outros.

Entre alguns exemplos de cidades médias e pequenas da região do Oeste Paulista, que conferem aos museus a função de preservação do passado através de atividades culturais e de acervos documentais estão: Álvares Machado, Penápolis, Presidente Epitácio e Presidente Prudente (NERES, 2009).

Em Presidente Prudente, uma exceção à regra, pois superando limitações foi criado o Museu e Arquivo Histórico Municipal que se propôs a atender porém, de maneira limitada, as funções deste tipo de instituição e levar adiante a tarefa de estimular a cultura em sua própria comunidade.

Desde sua fundação, o Museu tem aberto suas portas a todas as camadas da população, possibilitando à apreciação dos objetos expostos, recebendo estudantes e pesquisadores que têm utilizado de sua valiosa documentação sobre a história do município e da região.

Um fato que deve ser ressaltado é que em sua maioria, os museus estão instalados em edifícios antigos e possuem uma arquitetura modesta e característica da região. Sobre essa problemática a Carta de Veneza (1964), um documento elaborado em um congresso de especialistas que determina diretrizes para a conservação e restauro, afirma que a noção de monumento histórico "estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural" (NERES, 2009).

Outra referência de museu de cidade média, é o Museu Histórico de Londrina (1970), cidade localizada no interior do Estado do Paraná. Ocupando um prédio da antiga Estação Ferroviária da cidade, tornou-se um órgão suplementar da Universidade Estadual de Londrina, vinculado ao Centro de Letras e Ciências Humanas.

Para Lemos (1981), o objetivo principal desta instituição é a preservação da memória de um povo, a manutenção da sua identidade cultural. Preservar é, portanto, registrar os vários estágios que essa comunidade passou através dos anos. O autor ainda afirma que registrar é sinônimo de guardar para o futuro as informações ligadas a relações que não tem garantias de permanência.

Está claro que, em tempos de comunicação rápida, o desafio aos seus criadores e gestores se redobra. É preciso encontrar os meios, uma nova linguagem, uma nova gramática, uma chave de comunicação. E para isso não há regras, cada caso é um caso, cada tema ou assunto demandará soluções próprias. Assim sendo, ou se transformam para falar a nova língua da urbis, para refletir o que se passa na vida do cidadão a partir de seus acervos - de memórias do passado remoto ou recente -, ou estarão fadados ao fracasso e ao isolamento (FERRAZ, 2001, p.144).

Os equipamentos culturais surgem hoje como formas de (re)construir e afirmar a identidade de um espaço, contribuindo para a (re)vitalidade urbana.

1.5 Intervenções em monumentos históricos: terminologia e conceitos

Tributário da noção de patrimônio, o conceito de restauro não é tarefa fácil e estabelecer tal conceito, talvez não seja nem mesmo possível, sobretudo porque se trata de um campo disciplinar em constante reavaliação e evolução. Procura-se, portanto, estabelecer em linhas gerais uma definição esclarecendo o que se entende por restauração e os principais estudiosos do tema.

Até a Idade Média, a preservação voltava-se as edificações, logo, com o Renascimento, há uma modificação no olhar em relação às construções do passado, apreciadas por suas qualidades artísticas e históricas, fomentando a noção de monumento histórico. Essa nova forma de apreciação das edificações do passado é fruto da tomada de consciência de que a ruptura entre passado e presente é inexorável (CUNHA, 2010).

Com as grandes transformações que ocorreram na Europa no século XVIII, Revolução Industrial, Iluminismo e a Revolução Francesa, empreende-se diversas ações voltadas

a salvaguardar os monumentos históricos, provocando um sentimento de proteção. Dentro dessa temática, a primeira definição do moderno conceito de restauro é dada por Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879), em *Dictionnaire Raisonné de l'Architecture Française du XIe au XVIe siècle*, no qual afirma:

Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento. (VIOULET-LE-DUC, *apud* KÜHL, 2007, p. 29)

Viollet-le-Duc não se contentava em fazer uma reconstituição do estado de origem da obra, mas procurava fazer uma reconstituição daquilo que teria sido feito se detivessem todos os conhecimentos e técnicas de sua época (KÜHL, 2007).

[...] concebia o 'modelo ideal' e impunha sobre a obra esse esquema já montado. Por isso em sua obra muitas vezes percebe-se a falta de respeito pela matéria e pelas modificações sofridas pelo edifício ao longo do tempo, pois 'acertava os defeitos' buscando a pureza de estilo [...]. (SANTOS, 2004)

Há porém, alguma coerência em suas formulações teóricas, entretanto, a forma incisiva e invasiva de Viollet-le-Duc ao atuar sobre um

monumento e as transformações por que passou a teoria e a prática da restauração, acabaram por condenar sua forma de intervenção e assim, tornou-se um "vilão" da história (KÜHL, 2007).

Em oposição, no século XIX na Inglaterra temos John Ruskin (1819-1900) apresentando uma postura vinculada ao Romantismo, publica em 1849 *The Seven Lamps of Architecture*. Na sua definição de restauração dos patrimônios históricos, considera a real destruição daquilo que não se pode salvar. Pregava absoluto respeito pela matéria original e as transformações feitas em uma obra ao longo do tempo.

O elemento-chave [...] é o tempo - o que vale dizer, a história. É na longa duração, com a passagem do tempo, que a arquitetura vai se impregnando da vida e dos valores humanos; daí a importância de construir edifícios duráveis, e de preservar aqueles que chegaram até nós. (KÜHL, 2008, p. 26)

Segundo Ruskin, a melhor forma de destruir um monumento é restaurá-lo. A restauração leva à manipulação de informações, à adulteração da história. Apesar das doutrinas possuírem um grande destaque, ambas receberam críticas em debates no final do século XIX, como sintetiza Choay (2001):

Todo conhecimento em processo de formação provada a crítica de seus conceitos, de seus procedimentos e de seus projetos. As disciplinas afins quanto à conservação e restauração dos monumentos históricos não fugiriam à regra. Depois do trabalho fundador da primeira geração, veio, no fim do século, outra reflexão, crítica e complexa. (CHOAY, 2001, p. 164)

A nova geração é composta por Camillo Boito (1835-1914), que confronta as duas teorias, tenta absorver o melhor delas e constrói sua própria doutrina com base nesta oposição.

Na sua concepção de autenticidade, “a restauração passa a ser admitida e se legitima, quando se distingue do original, na medida em que toda a intervenção arquitetônica é necessariamente datada pelo estilo e técnica de sua execução” (GORSKI, 2003, p. 17). Por isto, propõe três tipos de intervenção, de acordo com o estilo e idade dos edifícios:

Para os monumentos da Antiguidade, uma restauração arqueológica, que busque antes de tudo a exatidão científica e, em caso de reconstituição, considere o tratamento das superfícies e sua ornamentação; para os monumentos góticos, uma restauração pitoresca, que se concentre principalmente no esqueleto (ossatura) do edifício, deixando a carne (estatuária e

decoração) em deterioração; enfim, para os monumentos clássicos e barrocos, uma restauração arquitetônica que leve em conta os edifícios em sua totalidade (CHOAY, 2001, p.164).

Quase ao mesmo tempo em que Boito difundia sua teoria na Itália, na Áustria Alois Riegl (1858-1905) introduzia “um trabalho de reflexão mais ambicioso com respeito a atitudes e conduta ligadas à noção de monumento histórico” (CHOAY, 2001, p. 167). Sua teoria apresenta uma distinção de valores entre o monumento e o monumento histórico, uns ditos ‘de rememoração’, ligados ao passado e que valem de memória, outros ditos ‘de contemporaneidade’, pertencem ao presente” (CHOAY, 2001, p.168), pois defende que esta denominação é determinada pela sociedade e como esta se apropria do monumento.

Com as grandes guerras no século XX, houve uma pausa nas discussões teóricas e práticas sobre restauro e conservação, pela maciça destruição das cidades. Neste contexto, Cesare Brandi (1906-1988) é a figura que se destaca, pois “delimita preceitos teóricos que servirão de embasamento à prática do restaurador, aliando suas pesquisas teóricas nos campos da estética e filosofia da arte com as

práticas e experiências desenvolvidas” (CUNHA, 2012).

Brandi (2004, p. 30) apresenta seu conceito de restauro como “o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplice polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro”. Será sua condição artística ou histórica que irá definir qual o tipo de intervenção:

Se as condições da obra de arte forem tais a ponto de exigirem sacrifício de uma parte da sua consistência material, o sacrifício, ou, de qualquer modo, a intervenção, deverá concluir-se segundo aquilo que exige a instância estética. E será essa instância a primeira em qualquer caso, porque a singularidade da obra de arte em relação aos outros produtos humanos não depende de sua consistência material e tampouco da sua dúplice historicidade, mas da sua artisticidade [...] Se refere a um artista, a um tempo, e um lugar em que está naquele momento. [...] Mas também em relação ao lugar onde a obra foi criada ou para onde foi destinada e aquele em que está no momento da nova recepção na consciência. (BRANDI, 2004, p.32-33)

Ainda que se possa falar em tantos e diversos meios para se empreender uma restauração, somente se pode afirmar que as intervenções, no caso, sobre bens culturais sejam verdadeiramente restauro quando sua finalidade última seja a conservação e transmissão ao futuro de tais bens, dado que sejam únicos e irrepetíveis (ALMEIDA, 2012).



2.1 Pinacoteca do Estado de São Paulo

Ficha Técnica:

Autores: Paulo A. Mendes da Rocha Arquitetos
Associados e Ricoy Torres e Colonelli
Consultoria

Projetos: Paulo Archias Mendes da Rocha,
Eduardo Argenton Colonelli e Wiliton Ricoy
Torres

Uso: Cultural

Ano: 1993-1998

Localização: Bairro da Luz, São Paulo - São
Paulo/SP

Área: 10.815,00 m²



A proposta de reforma da Pinacoteca, concebida pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha, “deve ser avaliada como uma intervenção que buscava adequar uma função já ‘instalada’ em um prédio que não havia sido originalmente construído para tal finalidade”. Tratava-se da “adaptação do edifício a um ‘novo uso’ já presente” (GORSKI, 2003, p. 73).

O projeto teve várias intervenções, relativas às questões funcionais, como: a inversão do eixo principal do edifício, onde o acesso passa ser pela lateral, na Av. Tiradentes e a retirada da escadaria existente e implantação em seu lugar, de um belvedere; instalação de coberturas nos vazios internos com “clarabóias planas, confeccionadas em perfis de aço e vidros laminados”, evitando a entrada de chuva e garantindo a ventilação (ROCHA, 2006, p. 206).

Foram propostos também, acessos promovidos pelas passarelas metálicas para transpor os vazios internos cobertos, instaladas nos pisos superiores e retirada das esquadrias das fachadas internas dos pátios com a manutenção das aberturas. A retirada das esquadrias favoreceu a ventilação e a iluminação, assim como a clarabóia (iluminação zenital) e criou uma transparência entre os ambientes.

Essas intervenções promoveram um eixo de circulação longitudinal a adição do elevador proporcionou circulação vertical do edifício (Figura 16).

Figura 16 - Vista do pátio interno com intervenções.



Fonte:

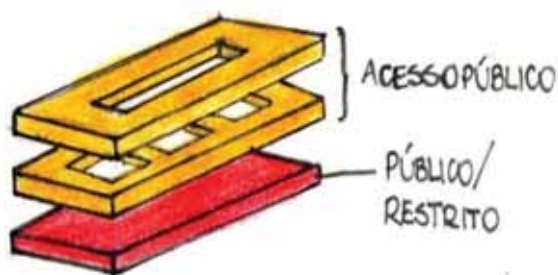
<http://colunas.revistamarieclaire.globo.com/ralstonites/2012/11/02/arquiteto-paulo-mendes-da-rocha-ganha-retrospectiva-no-museu-do-vale/>

O edifício foi “dotado de infraestrutura necessária, com a construção de um elevador para o transporte de público e de obras; climatização de diversas áreas; [...] ampliação das áreas do depósito do acervo, laboratório de restauro e biblioteca” (ROCHA, 2006, p. 206).

É importante observar que todas as estruturas adicionadas possuem características próprias, que se integram ao espaço do edifício histórico sendo distinguíveis. A exposição do

acervo foi distribuída por todos os pavimentos. No subsolo, esculturas são expostas na área de circulação e nos pátios internos, mas este setor foi reservado principalmente para abrigar os laboratórios e a biblioteca, o auditório e a cafeteria. No primeiro pavimento encontram-se a bilheteria, o hall, a recepção, a loja e setor administrativo. No segundo pavimento há apenas as galerias de exposição (Figuras 17 e 18).

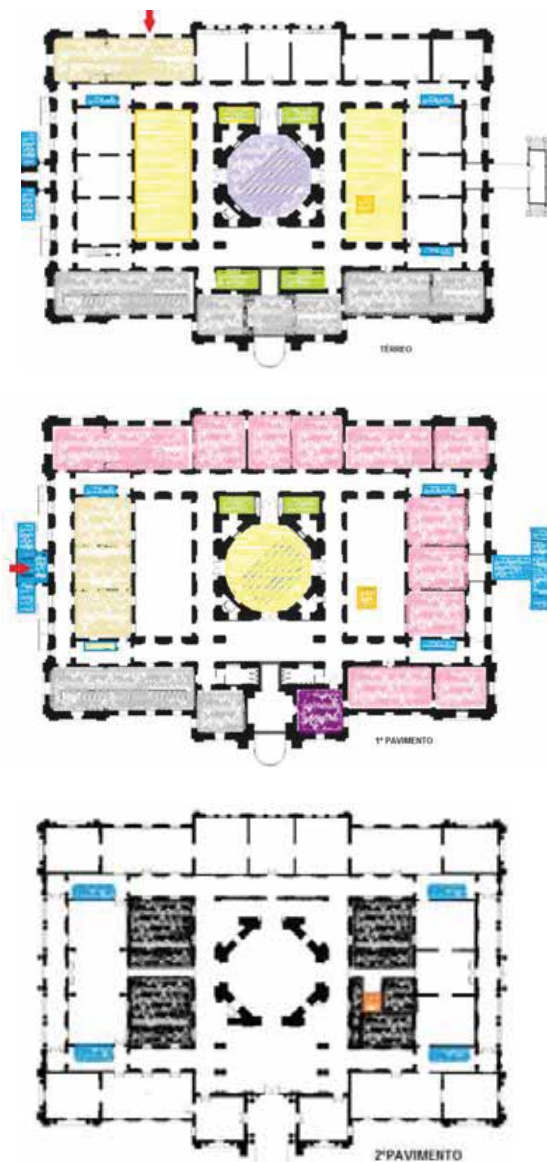
Figura 17 - Setorização do edifício.



Fonte: Autora, Maio 2014.

Quando ao valor arquitetônico Gorski (2003), apresenta uma observação sobre a justificativa de Paulo Mendes da Rocha ao escolher deixar o tijolo a mostra:

Apesar de saber que estudiosos das questões relativas às técnicas de restauro possam ter opinião distinta, alegou que as frisas e molduras da edificação haviam sido moldadas a lixa e torquês, e o tijolo já deteriorado não receberia reboco. Foi feita a opção pela manutenção do tijolo aparente, assumindo a necessidade de tratamento químico das superfícies de modo a protegê-las da chuva e da poluição atmosférica". (GORSKI, 2003, p. 76)



LEGENDA

- | | |
|--------------------------------|-----------------------|
| Acesso Público | Clarabóia |
| Circulação vertical - escada | Salas de exposições |
| Circulação vertical - elevador | Áreas administrativas |
| Sanitários | Hall |
| Pátio interno | Loja |
| Anfiteatro | |

Figura 18 - Análise de plantas e cortes.
 Fonte: <http://arquiscopio.com/archivo/2012/07/19/pinacoteca-del-estado-de-sao-paulo/>
 Editado: Autora, Maio 2014.

A seguir será apresentada uma matriz-síntese do processo do projeto de reforma, restauro e adaptação do edifício.

Tabela 1 - Matriz-síntese comparativa entre antigo e o atual.

A N T I G O	<i>Implantação/entorno</i>	<i>Uso</i>	<i>Vista externa</i>
			
A T U A L			

Fonte: Autora, Maio 2014.

Tabela 2 - Matriz-síntese do processo de intervenção.

<i>Intervenção(antigo/novo)</i>	<i>Distinguibilidade</i>	<i>Vista interna</i>
		
		

Fonte: Autora, Maio 2014.

Tabela 3 - Matriz-síntese do processo de intervenção.

<i>Restauração</i>	<i>Valor Artístico</i>	<i>Valor Histórico</i>
		
		

Fonte: Autora, Maio 2014.

2.2 Memorial Minas Gerais

Ficha Técnica:

Autores: Estúdio Arquitetura + Tetro Arquitetura,
Eduardo França, Carlos Maia, Débora Mendes,
Humberto Hermeto, Igor Macedo

Uso: Cultural

Ano: 2008-2010

Localização: Circuito Praça da Liberdade – Belo
Horizonte/MG

Área: 4.200,00 m²



Localizado na Praça da Liberdade, o edifício que antes abrigava a Secretária de Estado da Fazenda de Minas Gerais, inaugurou em 1897 o Memorial Minas Gerais, fazendo parte do chamado Circuito da Praça da Liberdade, (CIRCUITO CULTURAL DA LIBERDADE, 2012).

O projeto do Circuito é uma iniciativa do Governo Estadual com parceria com a iniciativa privada. São eles: Espaço TIM UFMG do Conhecimento; Museu das Minas e do Metal – EBX; Memorial Minas Gerais – Vale; Centro de Arte Popular – Cemig; Centro Cultural Banco do Brasil; Museu Mineiro; Arquivo Público Mineiro; Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, (Figura 19).

Figura 19 - Localização de alguns dos edifícios do Circuito Cultural Liberdade.



Fonte: ALMEIDA, P. A, 2012.

Considerando que os novos usos seriam acompanhados de um fluxo maior de visitantes internamente ao prédio, criou-se a necessidade de um novo conjunto de circulações verticais e horizontais. A partir da contraposição à escada em estilo Joly, existente junto ao hall de entrada, a nova circulação foi locada no vazio interno, junto à fachada posterior. O novo conjunto, em estrutura metálica, compreende a escada que conecta o subsolo ao primeiro pavimento, as passarelas e a caixa do elevador panorâmico, além da cobertura em vidro (Figura 20), (HELM, 2013).

Figura 20 - Setorização e circulação do edifício.

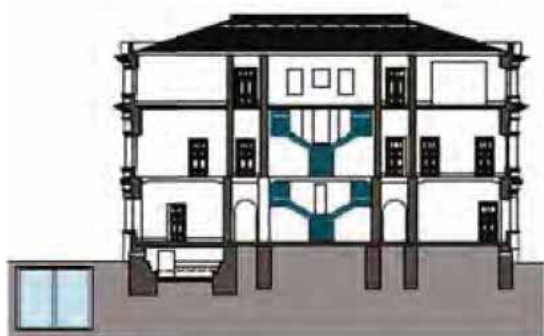
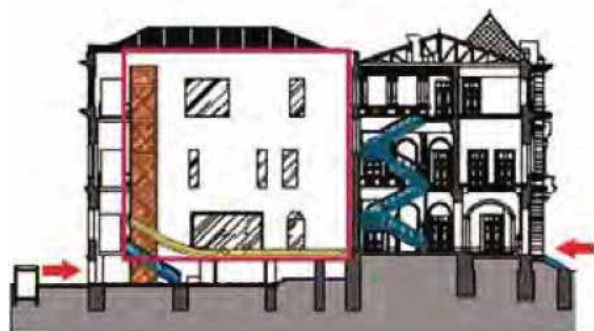


Fonte: Autora, Maio 2014.

Como as fachadas externas do Memorial Minas Gerais já haviam sido restauradas, os arquitetos “gerenciaram e intervieram no uso dos cômodos distribuídos em quatro pavimentos

– um subsolo, um primeiro andar elevado ao nível da rua, e outros dois superiores” (Figura 21) (REVISTA ARQUITETURA E URBANISMO, 2012, v. 214, p. 31).





LEGENDA

-  Acesso Público
-  Circulação vertical - escada
-  Circulação vertical - elevador
-  Sanitários "caixa preta"
-  Pátio interno com jardim
-  Cisterna
-  Salas de exposições
-  Auditório
-  Chapa de cobre

Figura 21 - Análise de plantas e cortes.
 Fonte: REVISTA ARQUITETURA E URBANISMO, 2012, v. 214,
 p. 32, *apud* ALMEIDA, P. A. S. 2012, p. 104.
 Editado: Autora, Maio 2014

A recuperação do pátio interno, caracterizando um novo espaço na forma de um jardim de bromélias protegidas por paredes de aço corten é a principal intervenção, guardando uma circulação vertical que comunica-se com todos os pavimentos do museu (Figura 22).

Figura 22 - Pátio interno antes e depois do projeto de intervenção.



Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/01-25155/memorial-minas-gerais-estudio-arquitetura-tetro-arquitetura/02_mmg_vazio-central/

Segundo o arquiteto Eduardo França “demolido o trecho que desvirtuava o vazio original, fez-se assim um pátio, que caracterizaria, o novo uso do antigo edifício sem perder importantes memórias. [...] A ideia era não gerar, no vazio reconstruído um fim de linha ao visitante, mas conduzi-lo a outros ambientes do museu”. Tornou-se uma obra de “arquitetura contemporânea de fôlego mediada pela desejável relação entre espaços antigos, estruturais originais e a proposta de intervenção” (REVISTA ARQUITETURA E URBANISMO, 2012, v. 214, p. 30).

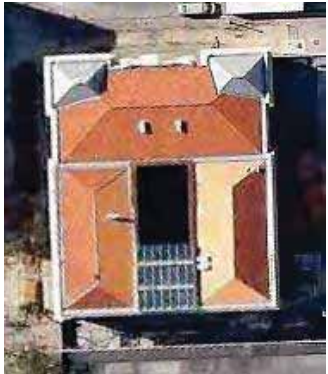
A seguir será apresentada uma matriz-síntese do processo do projeto de reforma, restauro e adaptação do edifício.

Tabela 4 - Matriz-síntese comparativa entre antigo e atual.

	<i>Implantação/entorno</i>	<i>Uso</i>	<i>Vista externa</i>
<i>A N T I G O</i>		—	
<i>A T U A L</i>			

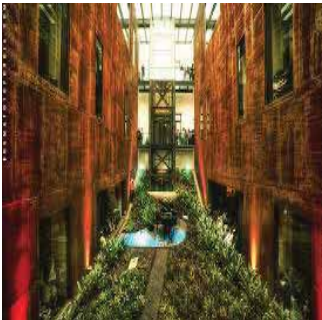
Fonte: Autora, Maio 2014.

Tabela 5 - Matriz-síntese do processo de intervenção.

<i>Intervenção(antigo/novo)</i>	<i>Distinguibilidade</i>	<i>Vista interna</i>
		
		

Fonte: Autora, Maio 2014.

Tabela 6 - Matriz-síntese do processo de intervenção.

<i>Restauração</i>	<i>Valor Artístico</i>	<i>Valor Histórico</i>
		
		

Fonte: Autora, Maio 2014.

2.3 Centro Cultural Matarazzo

Ficha Técnica:

Autor: Iara Valim

Uso: Cultural

Ano: 1990-2008

Localização: Vila Marcondes - Presidente
Prudente/SP

Área: 10.300 m²



As indústrias Matarazzo na década de 1937 era uma das grandes referências comerciais da região do Oeste Paulista, com atividades na área da agroindústria, com o descaroçamento e processamento do algodão. Instalando-se em antigos galpões da Companhia Marcondes de Colonização, Indústria e Comércio na cidade de Presidente Prudente.

As indústrias atuaram na cidade até a década de 1970, quando houve no país o declínio do complexo industrial. As instalações foram vendidas, arrendadas ou hipotecadas, consequentemente, ficaram abandonadas e desocupadas, surgindo uma luta por parte da comunidade pela recuperação do espaço e sua transformação em Centro Cultural.

A primeira medida a ser tomada foi o tombamento do imóvel e de toda sua área, encabeçados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico (CONDEPHAAT). A área foi tombada em 1987, porém isso não impediu o processo de

degradação e abandono. (SECRETÁRIA DA CULTURA DE PRESIDENTE PRUDENTE).

A recuperação dos velhos galpões iniciou setenta anos depois de suas primeiras atividades. As indústrias Matarazzo resurgiram, sendo devolvida à cidade novamente com caráter cultural. Nasce um dos mais importantes emblemas da cidade e região do Oeste Paulista, o Centro Cultural Matarazzo, contemplando uma programação difusa de eventos, cursos de formação artística/cultural, atendendo toda a população.

O centro é dotado de espaços destinados às artes, com aulas de dança, música e artes cênicas, cursos de artesanato e inclusão digital (Escola Municipal de Artes Profª Jupyra Cunha Marcondes), salas de exposições, teatro, cinema e a Biblioteca Municipal. Além da área destinada à alimentação, com quiosques, restaurante e cafeteria. Os edifícios são conectados por uma grande área externa também servindo de passagem e apropriação (Figura 23).

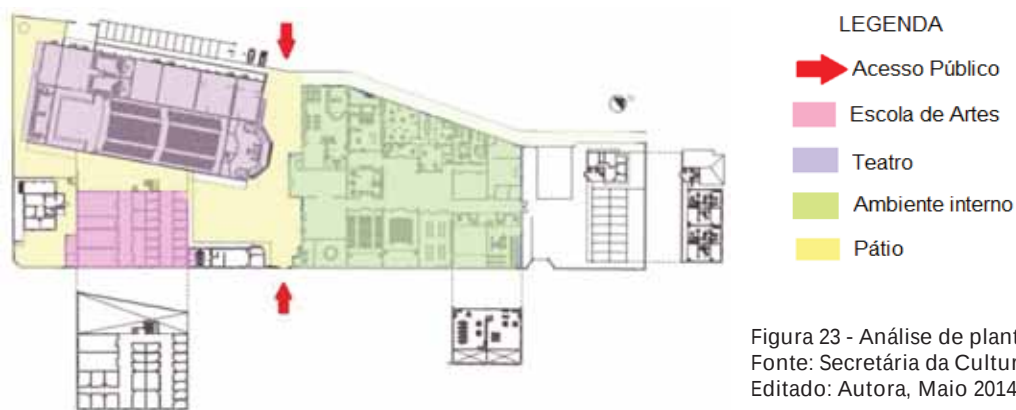


Figura 23 - Análise de planta.
Fonte: Secretária da Cultura de Presidente Prudente.
Editado: Autora, Maio 2014.

O conjunto Matarazzo foi reformado quase que totalmente, poucas coisas originais foram aproveitadas, sem critérios baseados em princípios de restauração. Segunda a arquiteta Lara Valim "o prédio era todo modulado a cada 10m, por serem barrações as paredes internas não existiam". Um exemplo disso é o barracão onde ficavam as telhas, nele foi feito o teatro, aproveitando apenas o declive para a formação da platéia e do palco.

As esquadrias originais foram substituídas por panos de vidro, havendo uma demarcação na parte externa das aberturas (Figura 24). Houve também a substituição do telhamento e construção de anexos.

Figura 24 - Panos de vidro e marcação nas aberturas.



Fonte: Autora, Maio 2014.

A seguir será apresentada uma matriz-síntese do processo de reforma, restauro e adaptação do conjunto.

Tabela 7 - Matriz-síntese comparativa entre o antigo e o novo.

	<i>Implantação/entorno</i>	<i>Uso</i>	<i>Vista externa</i>
<i>A N T I G O</i>			
<i>A T U A L</i>			

Fonte: Autora, Maio 2014.

Tabela 8 - Matriz-síntese do processo de intervenção.

<i>Intervenção(antigo/novo)</i>	<i>Distinguibilidade</i>	<i>Vista interna</i>
		
		

Fonte: Autora, Maio 2014.

Tabela 9 - Matriz-síntese do processo de intervenção.

<i>Restauração</i>	<i>Valor Artístico</i>	<i>Valor Histórico</i>
		
		

Fonte: Autora, Maio 2014.

2.4 Praça das Artes

Ficha técnica:

Autores: Francisco Fannuci, Marcelo Ferraz e
Luciana Dornellas.

Projeto: Brasil Arquitetura

Uso: Cultural

Ano: 2006 - 2013

Localização: Rua Conselheiro Crispiniano - São
Paulo/ SP

Área: 28461,63 m²



A edificação do Antigo Conservatório Dramático Musical de São Paulo, que se encontrava no interior de uma região degradada do centro da cidade, é um importante marco histórico e arquitetônico e abrigava uma sala de recitais, que há décadas estava inutilizada (Figura 25).

Figura 25 - Conservatório Dramático Musical.



Fonte:

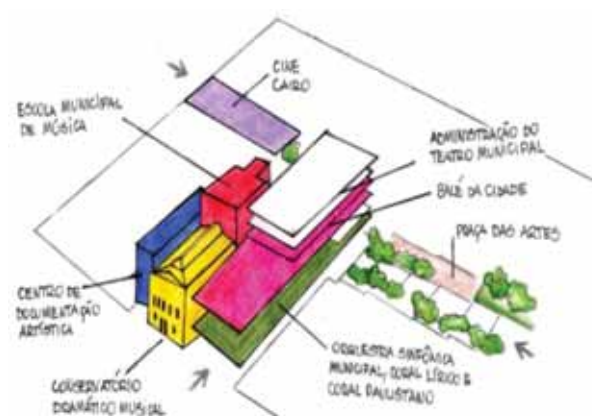
<http://www.topblog.com.br/2012/blogs/metropole/flashes-da-historia-do-teatro-em-sao-paulo>.

O Projeto Praça das Artes restaurou e reabilitou este edifício e vinculou-o a um complexo de novas construções e espaços de circulação que abrigam as instalações, como sedes das Orquestras Sifônica Municipal e Experimental de Repertório, dos Corais Lírico e Paulistano, do Balé da Cidade e do Quarteto de

Cordas. Abriga também as Escolas Municipais de Música e de Dança, o Museu do Teatro, o Centro de Documentação Artística, além de restaurantes, estacionamento subterrâneo e áreas de convivência (Figura 26).

Para tanto, resultou a desapropriações de terrenos vizinhos, tendo ao longo do projeto o acréscimo de vários lotes. Dessa maneira, o projeto foi surgindo aos poucos no quarteirão (REVISTA ARQUITETURA E URBANISMO, 2013, v. 227, p. 25).

Figura 26 - Diagrama volumétrico da Praça das Artes.

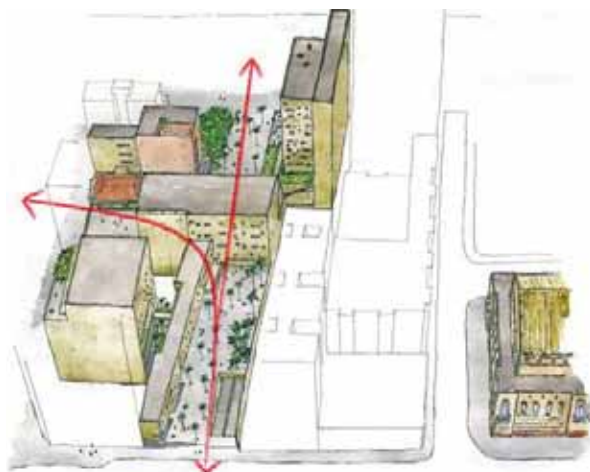


Fonte: Autora, Maio 2014.

A partir do centro da quadra o novo edifício se desenvolve em três direções – Vale do Anhangabaú (Rua Formosa), Avenida São João e Rua Conselheiro Crispiniano, se estendendo e

ocupando os espaços, sendo o térreo completamente livre, podendo circular pelo interior da quadra, como se fosse uma grande praça (Figura 27).

Figura 27 - Direções dos fluxos dentro da quadra.



Fonte:

http://vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_12/78f7eb957745_v_pa_croqui04.jpg
Editado: Autora, Maio 2014.

O conjunto edificado em concreto aparente pigmentado, com área total de 28.500,00m², é o elemento principal que

estabelece o novo diálogo, tanto com os remanescentes integrantes do conjunto (o edifício do Conservatório Dramático e Musical e a fachada do Cine Cairo) com a vizinhança.

Os espaços vazios no meio de um tecido consolidado por grandiosas intervenções vizinhas, levou a necessidades de muros de arrimo com estruturas reforçando de todos os lados para que a terra não cedesse para dentro da Praça. (REVISTA ARQUITETURA E URBANISMO, 2013, v. 227, p. 26-29).

O que torna esse projeto relevante como referencial projetual, são os caminhos de maneira a quebrar o monólito concreto e permitir uma circulação contínua, mediante a distribuição das linhas livres deixadas pelos lotes, conduzindo o visitante a explorar as vistas do conjunto edificado, tornando o espaço lugar de apropriação e passagem. Assim, o térreo se abre como uma grande praça pública, ao mesmo tempo, os últimos pisos oferecem um mirante para visualização da metrópole (Figura 28).

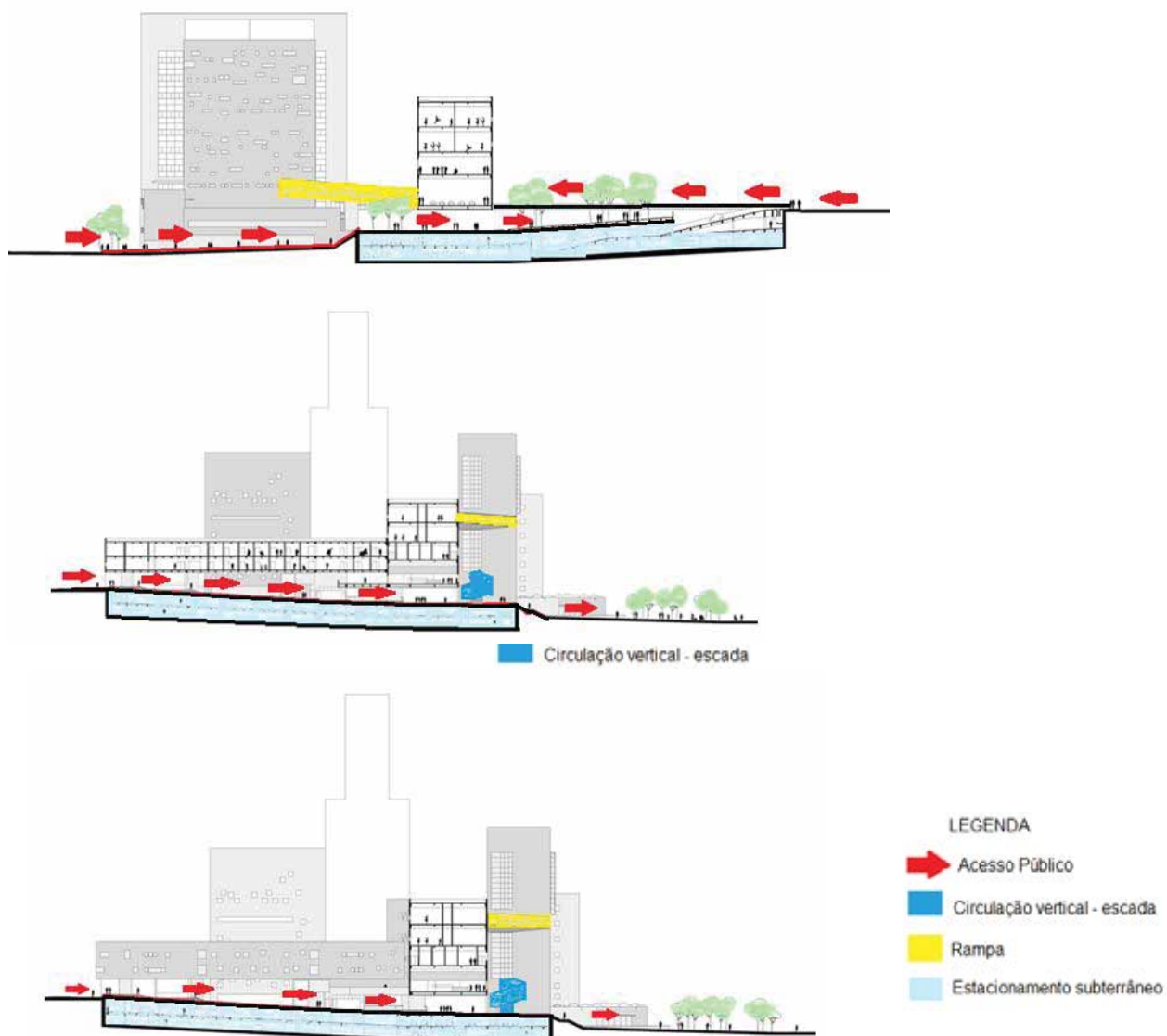


Figura 28 - Análise de cortes.
 Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-98332/praca-das-artes-brasil-arquitetura/>
 Editado: Autora, Maio 2014.

A implantação desse equipamento cultural, além de atender à histórica carência de espaços para o funcionamento do Teatro, desempenha papel indutor estratégico na requalificação da área central da cidade de São Paulo, uma vez que o rico e complexo programa de uso, focado nas atividades profissionais e educacionais de música e dança, está fortemente marcado por funções de caráter público, convivência e vida urbana (HELM, 2013).

O projeto está intrinsecamente ligado a natureza do lugar e "moldado nos prédios vizinhos" diz Luciana Dornellas (REVISTA ARQUITETURA E URBANISMO, 2013, v. 227, p.25),

resultado de fatores sócio-políticos e da formação da cidade. Compreendendo um lugar não somente como objeto físico, mas como espaço de tensão, de conflitos de interesses, de apropriação e de reconhecimento do espaço. O projeto demandou um programa que conciliasse diversos usos ligados às artes musicais e do corpo, transformando o espaço físico do lugar preexistente e conciliando com a vizinhança fortemente presente.

A seguir será apresentada uma matriz-síntese do processo do projeto de reforma, restauro e adaptação do conjunto.

Tabela 10 - Matriz-síntese comparativa entre o antigo e o novo.

	<i>Implantação/entorno</i>	<i>Uso</i>	<i>Vista externa</i>
<i>A N T I G O</i>			
<i>A T U A L</i>			

Fonte: Autora, Maio 2014.

Tabela 11 - Matriz-síntese do processo de intervenção.

<i>Intervenção(antigo/novo)</i>	<i>Distinguibilidade</i>	<i>Vista interna</i>
		
		

Fonte: Autora, Maio 2014.

Tabela 12 - Matriz-síntese do processo de intervenção.

<i>Restauração</i>	<i>Valor Artístico</i>	<i>Valor Histórico</i>
		
		

Fonte: Autora, Maio 2014.

2.5 Síntese Comparativa

Os estudos das quatro referências projetuais permitiu compreender os elementos

norteadores de cada projeto. Com base nas análises realizadas a partir dos estudos de cada projeto individualmente, foi possível chegar a uma matriz-síntese final (Tabela 13).

Tabela 13 - Matriz-síntese comparativa entre as quatro referências projetuais.

	<i>Pinacoteca</i>	<i>Memorial de Minas Gerais</i>	<i>Centro Cultural Matarazzo</i>	<i>Praça das Artes</i>
<i>Composição</i>	Monolítico: edifício como monumento que cria a paisagem.	Monolítico: edifício como monumento que compõe um conjunto com os outros na paisagem.	Conjunto de edifícios que se interligam a partir das funções. Isolados em uma quadra.	Monolítico: edifício como um monumento que compõe um conjunto com os outros na paisagem.
<i>Visual</i>	Volta-se para o interior do próprio edifício. Mantém pelos acessos, forte relação com a morfologia urbana em que insere.	Volta-se para o interior do próprio edifício.	Volta-se para o interior do conjunto edificado de forma fragmentada e confusa.	Volta-se para o exterior do edifício.
<i>Intervenção</i>	Aberturas dos vãos, elevador, cobertura do pátio e passarelas em aço.	Potencializa o pátio, chapas de aço corten e elevador.	Retirada das esquadrias e substituição por panos de vidro com demarcações. Retirada de algumas paredes internas. Destruição da ambiência anterior.	Expansão do edifício do Conservatório Dramático Musical.
<i>Pátio</i>	Três pátios internos e cobertos por uma clarabóia. Local de percurso e permanência.	Interno e aberto. Local apenas de percurso e com visual direcionado por algumas aberturas.	Interno e aberto. Local de percurso e permanência.	Pátios internos e externos. Local de passagem e permanência.
<i>Galerias</i>	Confinadas e com relação visual com os pátios.	Confinadas.	—	Aberta.
<i>Circulação</i>	Vertical por elevador e escadas nas laterais. Horizontal por passarelas.	Vertical por elevador e escadas localizados no pátio central.	Horizontal e vertical por escada.	Passarelas, elevadores, rampas-túnel e escadas.
<i>Iluminação Natural</i>	Através da clarabóia coberta com vidro. Janelas externas estão fechadas com aço corten.	Através do pátio e das janelas externas originais, porém algumas estão bloqueadas.	Através do pátio e dos panos de vidro.	Através da galeria e aberturas irregulares.

Fonte: Autora, Maio 2014.



3.1 Presidente Prudente

Presidente Prudente surgiu da união de dois núcleos urbanos que foram criados para favorecer as vendas de terras feitas por Francisco de Paula Goulart e José Soares Marcondes. Como era necessário um centro de ligação entre o sertão e as áreas mais povoadas, Goulart ficou responsável pela fundação, ocorrida em 14 de Setembro de 1917, enquanto Marcondes pela sistemática colonização. Devido à importância histórica, poder político, econômico e social, ambos ostentaram o título de coronel, mesmo não tendo participado da Guarda Nacional (ABREU, 1972).

O Coronel Goulart era proprietário da gleba Pirapó-Santo Anastácio, por sua vez, o Coronel Marcondes tinha a posse de Montalvão, surgindo assim os povoados da Vila Goulart e Vila Marcondes, englobandos na cidade de Presidente Prudente e separados pela Estrada de Ferro Sorocabana. Consequentemente, nas proximidades da estação férrea que a cidade começou a se desenvolver (ABREU, 1972).

Localizada no extremo Oeste Paulista, o município de Presidente Prudente situa-se a 22°07'04", na latitude sul, e 51°22'57", na longitude oeste, e a uma altitude equivalente a 472 m, compondo assim uma malha urbana de formato alongado que se estende no eixo norte-sul e que totaliza uma área aproximada, segundo a Secretária Municipal de Cultura e Turismo, em 563,6km² (Figura 29).

Figura 29 - Localização de Presidente Prudente no Estado de São Paulo.



Legenda:

- Estado de São Paulo;
- Município de Presidente Prudente;
- Município de São Paulo.

Fonte: <http://www.portalprudente.com.br/prudente.htm>.

Hoje a cidade com seus 96 anos, possui uma população de 207.725 habitantes (IBGE, 2010) e é a principal cidade do Oeste Paulista e sede regional da Região Administrativa de Presidente Prudente, conectando os Estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul.

A cidade se destaca no ensino superior, atraindo um número significativo de estudantes de diversas localidades, tornando-se pólo estudantil, contando com a Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho" (Faculdade de Ciências e Tecnologia), as Faculdades Integradas Antônio Eufrásio de Toledo, a Faculdade de Presidente Prudente (UNIESP) e a Universidade

do Oeste Paulista (UNOESTE), Faculdade de Tecnologia (FATEC) e duas instituições de cursos profissionalizantes (SENAC e SENAI).

3.2 Localização da área de estudo e entorno

Através da lei complementar 153/2008, que trata do zoneamento de Uso e Ocupação do solo urbano de Presidente Prudente, define o terreno aonde situa-se o Museu e Arquivo Histórico Municipal como parte da ZR2 (Zona Residencial de Média Densidade Populacional, de ocupação horizontal e vertical, de até 02 (dois) pavimentos), (Figura 30).

Figura 30 - Zoneamento de Uso e Ocupação do solo urbano de Presidente Prudente.



Fonte: Lei de Zoneamento de Uso e Ocupação do Solo de Presidente Prudente, 2008, editado pela autora.

LEGENDA:

- ZR2 - Zona Residencial de Média Densidade, de ocupação horizontal e vertical de até 02 pavimentos;
- ZR3 - Zona Residencial de Alta Densidade Populacional de Interesse Social, e ocupação horizontal e vertical;
- ZCS1 - Zona de Comércio e Serviço Central de ocupação vertical;
- ZCS2 - Zona de Comércio e Serviço de Eixos Viários de ocupação vertical;
- ZCS3 - Zona de Comércio e Serviço de Vias Principais e Secundárias de bairro e região;
- ZPPA - Zona de Preservação e Proteção Ambiental;
- ZE - Zona Especial;
- Área do Museu e Arquivo Histórico Municipal.

Localizado no Jardim das Rosas, o Museu situa-se integrado a malha urbana e acompanhou ao longo dos anos as transformações sofridas no

seu entorno imediato, assim como a expansão do município (Figura 31 e 32).

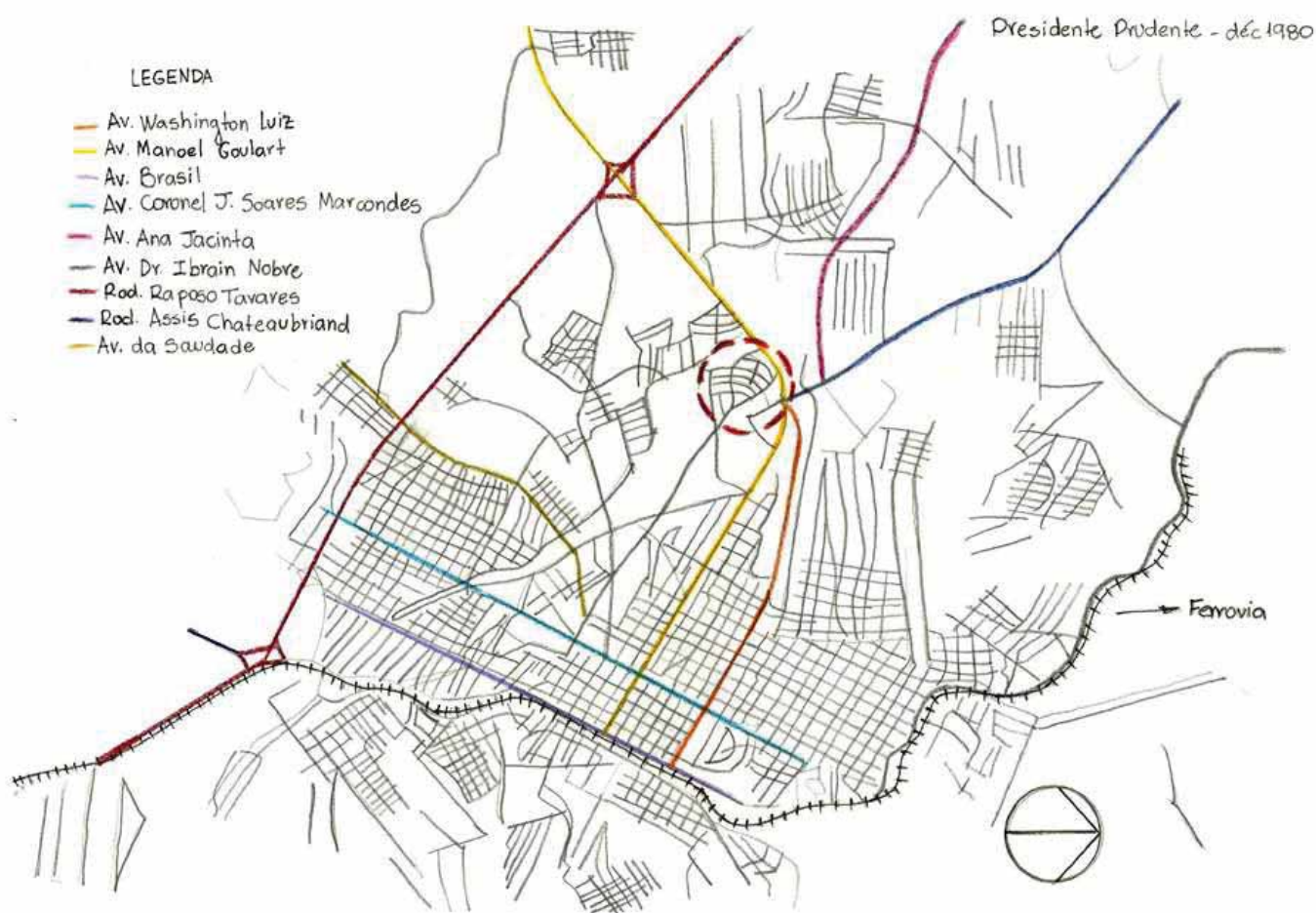


Figura 31 - Presidente Prudente, 1980.
Fonte: Autora, Abril 2014.

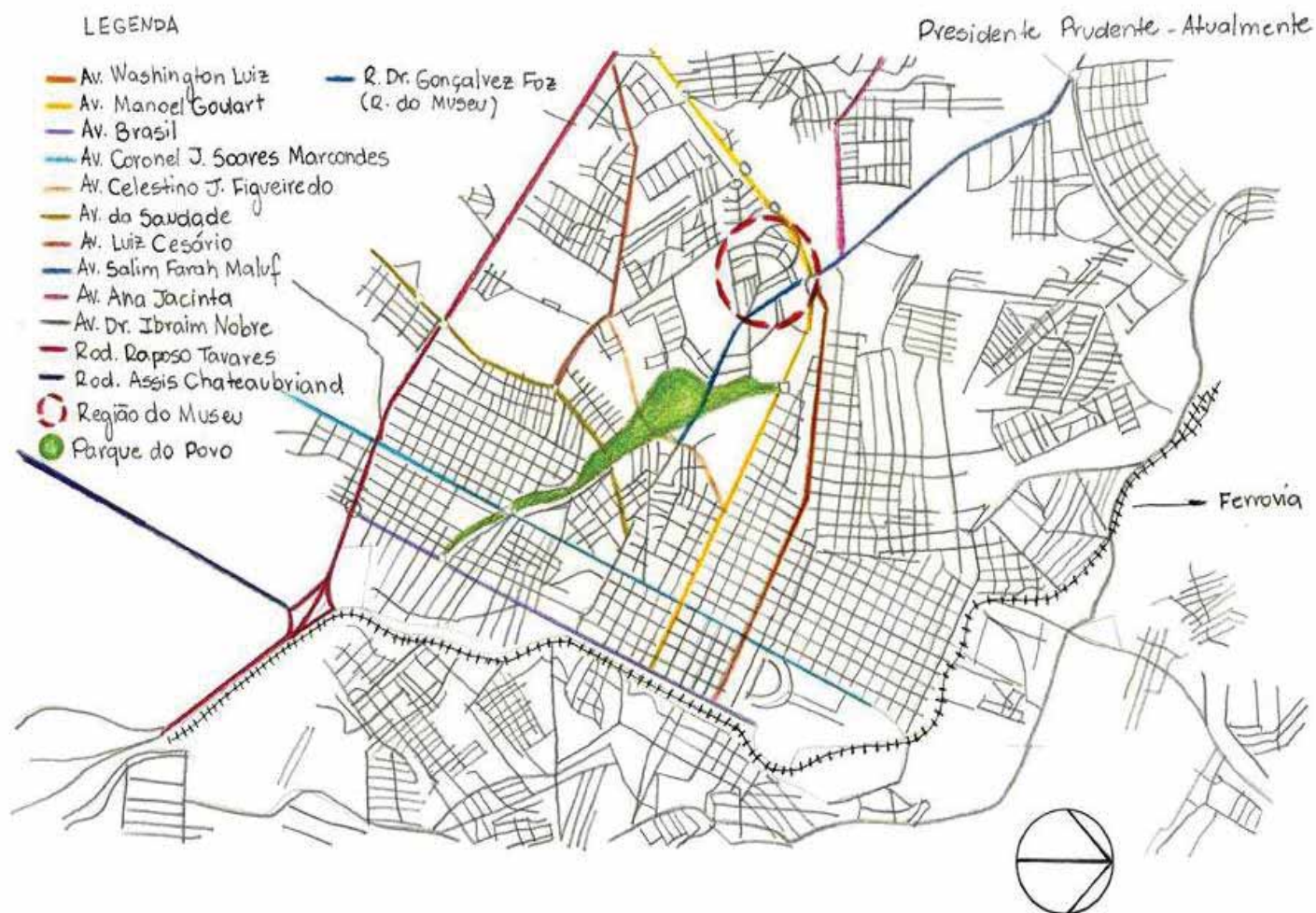


Figura 32 - Presidente Prudente atualmente.
Fonte: Autora, Abril 2014.

O terreno faz divisa com três logradouros, Avenida Manoel Goulart, Rua João Gonçalves Foz e Rua José Levy Guedes, e se caracteriza por ser um local de confluência de veículos (Figura 33). Possuindo uma ligação com os eixos viários, definidos por Lei Municipal como ZRS2 (Zona de Comércio e Serviço de Eixos Viários, de ocupação vertical). Nessas vias, devido à proximidade com a rodovia Raposo Tavares, encontram-se estabelecimentos de comércio e serviços que atendem à população prudentina e região.

Deve-se ressaltar também a facilidade de acesso existente para os habitantes da cidade, pois a acessibilidade a partir do transporte público também acontece. O entorno do Museu e Arquivo Histórico é servido por vários pontos de ônibus (Figura 34), logo, o excesso de veículos que transitam na região do equipamento, se intensificando nos horários de pico (horário de almoço e fim de tarde), sobretudo na Avenida Manoel Goulart e na Rua João Gonçalves Foz, dificulta o acesso a pé pelas pessoas ao Museu.



Figura 33 - Museu e Arquivo Histórico e vias de entorno. Fonte: Google Maps (2014), editado pela autora.

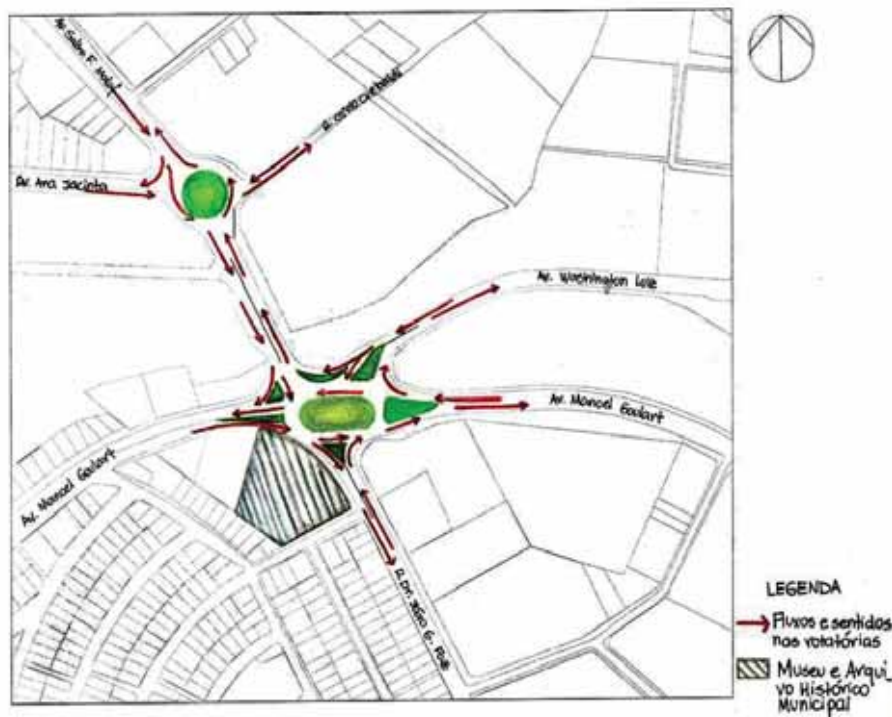


Figura 35 - Fluxo nas rotatórias.
Fonte: Autora, Abril 2014.

Aliado a facilidade de acesso e às diretrizes da legislação de uso e ocupação do solo, nos últimos anos há uma tendência de ocupação de estabelecimentos de comércio e serviços de grande porte nessa região - shopping centers, hipermercados, concessionárias de veículos, entre outros - sobretudo na Avenida Manoel Goulart e na Avenida Salim Farah Maluf. Apesar da predominância dos grandes estabelecimentos, essas vias também possuem comércio varejista e

serviços diversificados, principalmente na Rua João Gonçalves Foz - farmácia, lanches, postos de gasolina, entre outros.

Desta forma, com o intuito de analisar as características atuais, foi feita uma reflexão sobre o local onde o objeto de estudo se insere, uma vez que mudanças ocorreram com a evolução urbana, que consequentemente afetam todo sistema de funcionalidade, interesse e utilidades do espaço.

Constata-se uma predominância de residências, com crescente ascendência do setor de prestação de serviços e comércios nessa região, além da presença de instituições públicas e privadas, apresentando, portanto, funções diversificadas (Figura 36).

Os edifícios considerados mistos são aqueles que apresentam no geral comércio e residência juntos ou serviço e residência. Sendo uma região que apresenta um setor comercial forte, composto pelas redes de hipermercados Muffato Max e Walmart, assim como o PrudenShopping, atendendo em sua totalidade durante o dia e durante a noite, pode-se explicar desta forma, a dinâmica do local em ambos os períodos.



Figura 36 - Uso e ocupação do solo.
Fonte: Autora, Abril 2014.

Como pontos referencias, tem-se a proximidade com a instituição de ensino de Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), a Universidade Estadual Paulista "Júlio

de Mesquita Filho" Faculdade de Ciências e Tecnologia (UNESP), além dos comércios Prudenshopping, Muffato Max e Walmart, (Figura 37).

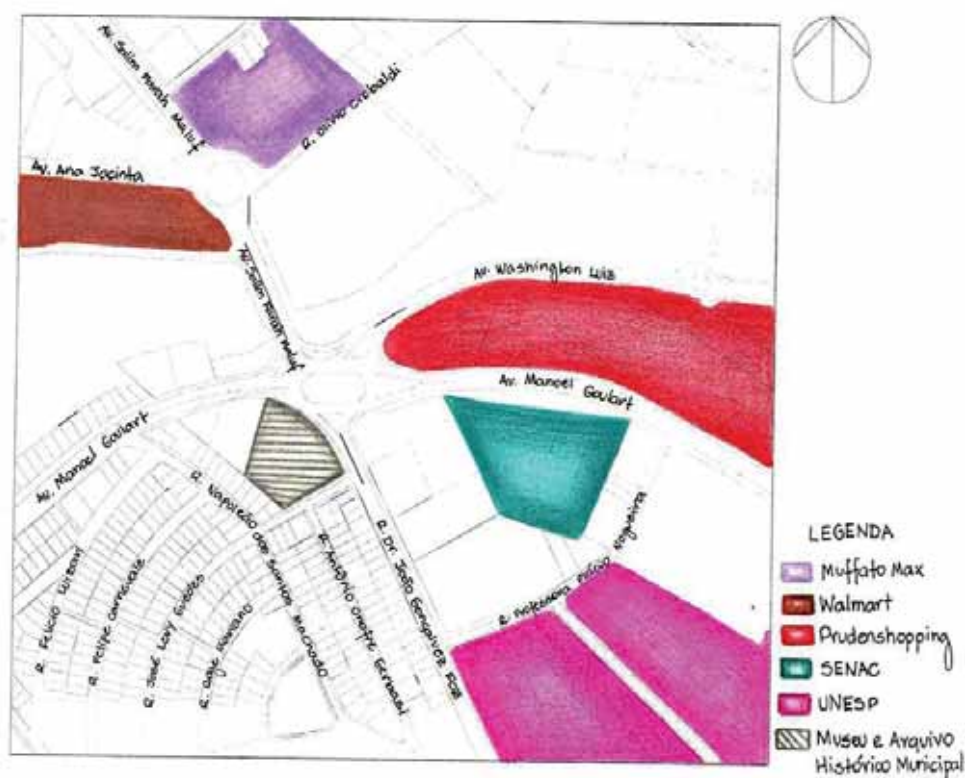


Figura 37 - Pontos de referência.
Fonte: Autora, Abril 2014.

3 Gabarito das edificações

Há uma predominância de pequenos edifícios no bairro Jardim das Rosas, mais precisamente nas "costas" do Museu, caracterizados por imóveis térreos ou de dois pavimentos de caráter residencial.

Por outro lado, na área oposta, em frente ao Museu, onde se localiza as Avenidas Ana Jacinta, Salim F. Maluf, Washington Luiz e Manoel Goulart, verifica-se uma quantidade significativa de edifícios de dois ou mais andares de predomínio comercial e de serviço, que muitas vezes prejudica a "visibilidade" do próprio Museu, descaracterizando o visual da área do acervo.

3.3 Espaços de cultura e lazer em Presidente Prudente

A Figura 38 a seguir, localiza os equipamentos que apresentam certa relevância no município de Presidente Prudente, como o Centro Cultural Matarazzo, Centro de Eventos IBC, Tênis Clube, Centro Olímpico, Parque do Povo, PrudenShopping, SENAC, Oficina Cultural Regional Timochenco Wehbi e SESC Thermas, evidenciando e afirmando que o local de estudo é propício a um espaço de caráter cultural e de lazer, pois a proximidade dessas edificações em uma determinada região da cidade é importante para agregar atividades e atrair o público interessado em consumi-la.

Figura 38 - Equipamentos culturais e de lazer.



Fonte: Google Maps (2014), editado pela autora.

No entanto, é no entorno imediato da área de estudo que encontram-se os equipamentos de maior expressão no circuito de entretenimento, como o Prudenshopping, SESC Therma, SENAC, Oficina Cultural Regional Timochenco Wehbi, Parque do Povo e Tênis Clube. A cidade como um todo abriga apenas

três equipamentos culturais (Centro Cultural Matarazzo, SESC Thermas e a Oficina Cultural Regional Timochenco Wehbi) os quais se situam aproximadamente a quinhentos metros do Museu e Arquivo Histórico Municipal e também estão conectados à Avenida Manoel Goulart, (Figura 39).



Figura 39 - Espaços de cultura e lazer no entorno imediato.
Fonte: Autora, Abil 2014.

Na Vila Marcondes foi implantada pela Prefeitura o Centro Cultural Matarazzo, que se tornou um marco por sua produção e atividades, de referência para toda a região. São diversas ações que contempla uma programação difusa de eventos, cursos de formação artística e cultural, sendo consumido democraticamente pelo público.

O segundo equipamento cultural na cidade é o SESC Thermas, como resultado de entendimentos com autoridades locais, com o apoio do Sindicato do Comércio Varejista e de parcelas expressivas da população. O clube desenvolve a educação não-formal e permanente com o intuito de estimular a autonomia pessoal por meio do contato com as artes, turismo, esporte e lazer.

O clube é aproveitado pela população em vários dias da semana e horários, contendo piscinas, academia, quadra poliesportiva, área de leitura, Unidades Móveis de Orientação Social, sem contar os eventos de musicais.

Por último, a Oficina Cultural Regional Timochenco Wehbi, fundada em 1991 em Presidente Prudente, também faz parte do cenário cultural, homenageando o dramaturgo e professor Timochenco Wehbi. Com atuação principal nas áreas de artes cênicas, artes visuais e música, contempla também áreas como patrimônio cultural, gestão cultural, entre outras. Os formatos são variados entre oficinas, workshops e ciclos de palestras.

Assim, uma nova polaridade cultural pode ser estimulada com a revitalização do espaço destinado à memória local, de modo a se comunicar com os outros equipamentos de cultura e lazer da cidade, no sentido de valorizar esse setor na vida do povo prudentino.



CAPÍTULO 4: OBJETO DE ESTUDO E ÁREA DE INTERVENÇÃO

4.1 Museu Histórico Municipal de Presidente Prudente

O Museu surgiu no momento exato, quando a sociedade prudentina admite plenamente a iniciativa tomada em 1944, pelo então prefeito Dr. Domingos Leonardo Cerávolo, pela Lei nº 52, de 13 de Dezembro de 1944.

Acima de qualquer pretensão e consciente das limitações, atendendo a uma solicitação, coube ao Prefeito Antonio Sandoval Netto anos mais tarde, assinar a Lei nº 420, de 11 de Setembro de 1957, criando o Museu Municipal independentemente de qualquer Instituição, integrando os festejos de comemoração do 40º aniversário da cidade, (Figura 40). Para a consecução desse objetivo foi decisiva a contribuição do Dr. Eurico Branco Ribeiro, na época à frente de uma Comissão encarregada de planejar a campanha de implantação de Museus Municipais, em nome do Rotary Clube de São Paulo (CORREIO DA SOROCABANA, 1980).

Figura 40 - Ata de Instalação do Museu Histórico Municipal, década de 1957.



Fonte: Museu e Arquivo Histórico de Presidente Prudente.

Uma vez criado, nem o prefeito sancionador da lei respectiva, nem os que imediatamente o sucederam, manifestaram interesse na sua instalação, falha que, se evitada, teria facilitado os óbices naturais dezoito anos depois.

Somente na gestão do prefeito Dr. Walter Lemes Soares, tendo à frente do Conselho Municipal de Cultura a professora Marina Bologna, convidada a prestigiar a Comissão do Patrimônio Artístico e Histórico, e a professora Maria Ferreira Lins, com a experiência de já ter fundado um museu escolar na cidade de Santo André, revelaram interesse pela tão demorada instalação do Museu prudentino (CORREIO DA SOROCABANA, 1980).

O então prefeito Walter Lemes Soares, através do decreto 2.072, de 28 de Maio de 1974, nomeou a Comissão de Organização e Instalação do Museu, assim constituída pela professora e presidente Maria de Lourdes Ferreira Lins, Professora Marina Bologna, pelo professor José Machado de Almeida e o vereador Newton Alves Martins (Figura 41). Iniciava-se, assim, um árduo trabalho, primeiramente visando obter uma sede e em seguida a arrecadação das primeiras peças, fotografias e documentos.

Figura 41 - Diretória da Fundação do Museu, 1970.



Fonte: Museu e Arquivo Histórico de Presidente Prudente.

Na elaboração dos estatutos, a intenção predominante em toda a equipe era de instalar um Museu que atingisse e satisfizesse o conceito de centro de irradiação de cultura atuante e dinâmica e, não apenas um depósito de peças e documentos.

Em 26 de Agosto de 1975, o Museu foi instalado em uma sede provisória, (Figuras 42), situada na rua Siqueira Campos nº180, em solenidade que contou com presença de autoridades locais, como do Dr. Eurico Branco Ribeiro, inspirador da sua criação, Dr. Francisco de Paula Machado de Campos, presidente do Museu de Tecnologia de São Paulo, palestrante inaugural, do Dr. Nelson de Barros Camargo e do Dr. Flaminio Ferreira de Campos Neto, os dois últimos bisnetos do primeiro presidente civil da

República e patrono da cidade, Prudente José de Moraes Barros, e da museóloga Dr^a. Maria Afonsina Furtado Rodrigues, além do maciço comparecimento do povo (CORREIO DA SOROCABANA, 1980).

Figura 42 - Secretária da Sede provisória do Museu, 1975.



Fonte: Museu e Arquivo Histórico de Presidente Prudente.

Em 1975 aconteceu o primeiro Seminário Comemorativo da Instalação do Museu, sobre o tema "Reciclagem em Museu", pela museóloga Maria Afonsina Furtado Rodrigues. Em 26 de Agosto de 1976, comemorando-se o transcurso do primeiro aniversário da Instituição, já transformada em Fundação, pela Lei Municipal 1.740, diante da presença de autoridades, conselheiros, diretores e membros fundadores (CORREIO DA SOROCABANA, 1980).

No ano de 1977 foi completada a estruturação jurídico-legal do Museu, pelas disposições:

- Projeto de Lei nº 7.418, de Setembro de 1977, do Prefeito Paulo Constantino, solicitando à Câmara Municipal autorização para doação de terreno à Fundação para instalação de sua sede definitiva;
- Decreto nº 1.935, de 12 de Outubro de 1977, assinado pelo Presidente da Câmara Municipal, Ivan Nogueira de Almeida, autorizando a doação do referido terreno;
- Lei Municipal nº 1.904, de 13 de Outubro de 1977, sancionada pelo Vice-Prefeito em Exercício, Benedito Aparecido Pereira do Lago, efetuando a doação do terreno;
- Escritura de Doação, assinada pelo Prefeito Paulo Constantino e Dr^a. Maria de Lourdes Ferreira Lins, Presidente da Fundação do Museu, em 28 de Dezembro de 1977, doando o terreno e edificações do antigo Matadouro Municipal.

4.2 Matadouro Municipal

Nos primórdios da cidade, o gado para consumo era abatido em condições precárias de higiene, ao ar livre e transportado aos açougues

em carroças e caminhões, descoberto, exposto à poeira e insetos, gerando críticas por parte da população consumidora. Entre as medidas saneadoras surgiu a implantação do Matadouro Municipal, com objetivo de melhorar as condições da saúde pública pelo abate desses em local adequado, racional e higiênico.

A empreitada foi levada a efeito pelo Dr. Romeu Leão Cavalcanti, médico de origem nordestina, sendo uma das muitas famílias que migraram para a cidade e região, e nela se instalaram. Visando alcançar o objetivo proposto, fora buscar no Matadouro de Piracicaba, SP, (Figura 43), idéias para a construção do de Presidente Prudente.

Figura 43 - Matadouro Municipal de Piracicaba, SP, 1940.



Fonte: <http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/photos/matadouro-municipal-decada-1940/>

O Matadouro de Presidente Prudente foi construído à margem da Estrada Boiadeira, em 1929, (Figura 44), com a planta original datada de 1928, elaborada por um escritório localizado na Praça da Sé em São Paulo, a pedido do Dr. Romeu Leão Cavalcanti apoiou-se no mestre de obras Vasco Preto, a construção do edifício, cujo empreiteiro era o português Antonio Freitas (CORREIO DA SOROCABANA, 1980).

Figura 44 - Estrada Boiadeira, 1930.



Fonte: Museu e Arquivo Histórico de Presidente Prudente.

A matéria prima empregada na construção do edifício, erguida em tempo recorde de seis meses, foi produzida na orlaria do calabrês Francisco Lourenço, com tijolos especiais que

mediam 28 por 14 centímetros, (Figura 45). O modelo inspirado no Matadouro de Piracicaba, manteve a priori, suas sóbrias linhas arquitetônicas, vem abrigar o Museu e Arquivo Histórico Municipal, praticamente 50 anos depois de sua construção (CORREIO DA SOROCABANA, 1980).

As influências ecléticas que o edifício apresenta foram adaptadas à realidade local, contado com um sistema construtivo simples, de poucos detalhes e com grande adequação à sua função inicial. Gerando uma arquitetura interior e exterior singela.

Figura 45 - Matadouro Municipal em construção, 1929.



Fonte: Museu e Arquivo Histórico de Presidente Prudente.

Por muitos anos o Matadouro, após cessada sua atividade, ficou ocioso, arrendado a empresas, até ser descoberto pela Comissão de

Instalação e Organização do Museu Municipal, em 1976, quando foi iniciada a negociação de sua doação para sede da entidade.

Após inúmeras tentativas, em 1977, com concessão feita pela Câmara Municipal e sancionada pelo Prefeito Paulo Constantino, foi sacramentada a doação e feitas adaptações e ampliações no edifício do antigo Matadouro de linhas arquitetônicas sóbrias desde sua origem, instalando-se nele a Fundação Museu Municipal e seu acervo de peças e documentos, (Figura 46).

Figura 46 - Transferência do acervo para nova sede, 1978.



Fonte: Museu e Arquivo Histórico de Presidente Prudente.

Tem-se aqui contidas, as adaptações por que passou a edificação anos mais tarde (Figuras 47e 48).

Figura 47 - Reforma do Museu, 1989.



Fonte: Museu e Arquivo Histórico de Presidente Prudente.

Figura 48 - Reforma do Museu, 1989.



Fonte: Museu e Arquivo Histórico de Presidente Prudente.

As adaptações sofridas pela edificação se justificam-se, pois de modo geral, a sociedade desenvolve uma ideologia que, como conteúdo de arte, exige determinadas formas de transposição. A mesma sociedade exige que aquelas formas sejam alteradas no sentido de corresponderem ao seu próprio nível de desenvolvimento cultural, para que assim possam ser compreendidas por ela (CORREIO DA SOROCABANA, 1980).

4.3 O atual Museu e Arquivo Histórico Municipal

Com o edifício sob a posse da Fundação foram construídos nos anos 80 dois anexos, que abrigam atualmente a administração e um ramal da Biblioteca Municipal; o acervo documental e instrumental do Dr. Domingos Leonardo Cerávolo e o arquivo fotográfico, discográfico e documental do Museu (Figura 49). Anos mais tarde, em 1995 foi doado pela comunidade nipônica de Presidente Prudente um jardim japonês em comemoração aos 80 anos de imigração (Figura 50).

Figura 49 - Construção dos novos anexos.



Fonte: Museu e Arquivo Histórico Municipal de Presidente Prudente.

Figura 50 - Construção do jardim japonês.



Fonte: Museu e Arquivo Histórico Municipal de Presidente Prudente.

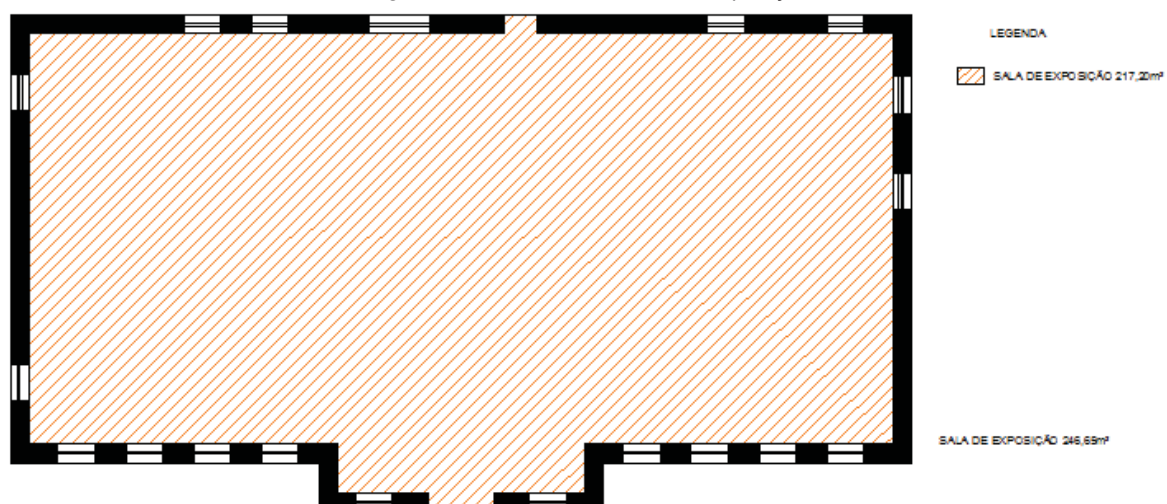
A seguir, a Figura 51 representa a implantação do Museu e Arquivo Histórico Municipal, demarcando as funções de cada edificação e os pontos relevantes no espaço.

As figuras 52 a 54 representam as plantas-baixas de cada edificação, apresentando as disposições dos ambientes e suas medidas.



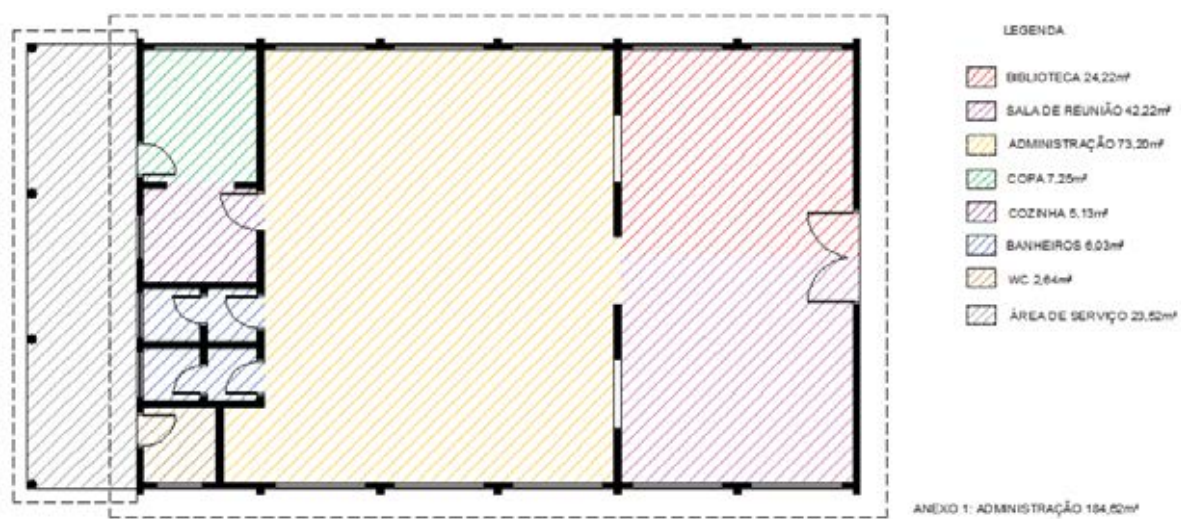
Figura 51 - Área do Museu e Arquivo Histórico Municipal.
Fonte: Autora, Março 2014.

Figura 52 - Planta-baixa da sala de exposição.



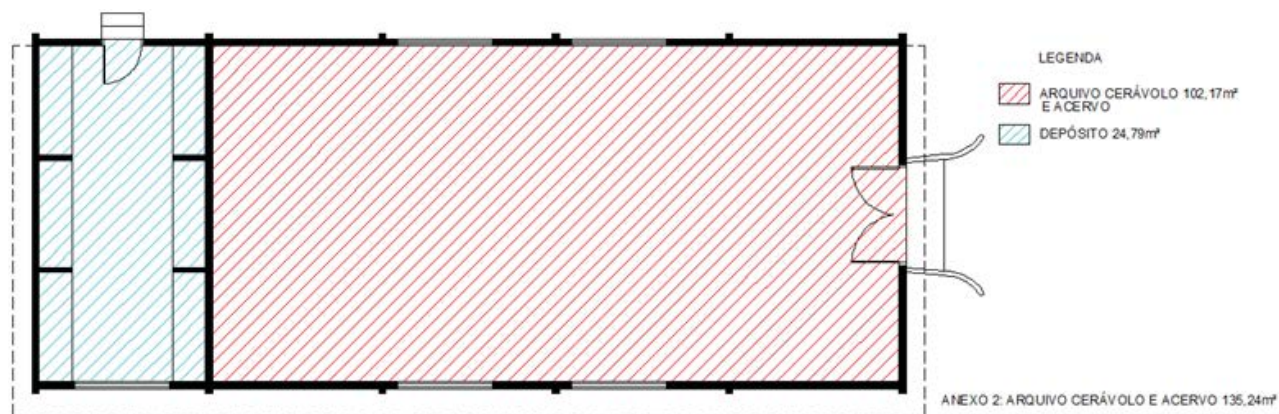
Fonte: Autora, Março 2014.

Figura 53 - Planta-baixa da administração.



Fonte: Autora, Março 2014.

Figura 54 - Planta-baixa do Arquivo Cerávo e acervo.



Fonte: Autora, Março 2014.

Em 2002, a Fundação Museu Histórico Municipal, após irregularidades nas eleições da diretoria e atitudes desastrosas, como queima de parte do acervo documental e arqueológico, foi destituída da sua função através de intervenção do então Prefeito Agripino Oliveira Lima Filho, passando o acervo e instalações da Fundação a fazerem parte do patrimônio da Prefeitura Municipal, sendo a Secretária Municipal da Cultura sua administradora, por meio do Departamento de Preservação e Memória.

O conjunto arquitetônico original (antigo Matadouro Municipal) sofreu, ao longo do tempo, descaracterizações que comprometem

sua integridade. Mas é um patrimônio aceito e mantido como importante para a memória da cidade.

O prédio com características construtivas simples, que em um primeiro momento serviu como equipamento de serviço à comunidade, atendendo às necessidades da época, sofreu transformações para atender aos novos usos e apropriação socioespacial no decorrer do tempo. Como o equipamento institucional exigiu intervenções no projeto original, agregando novos e duvidosos ornamentos e cores à fachada principal do edifício, além de outros edifícios no terreno, os anexos.

O conjunto de três edifícios se encontram interligados devido suas funções e pela proximidade física (Figura 55). Esta proximidade inibe muitas vezes o edifício histórico e dificulta sua visibilidade no espaço, sendo reforçado pela pintura em amarelo e as esquadrias em azul.

Figura 55 - Proximidade física dos edifícios.



Fonte: Autora, Março 2014.

Em 2002 com uma nova administração na direção do museu, propostas de reformulação começaram a ser discutidas. Segundo Neres (2008), esse processo de renovação no Museu e Arquivo Histórico Municipal começou com a devida triagem dos objetos que constituíam o

acervo, sendo selecionados apenas os que possuíam relevância para a memória da cidade.

A primeira medida para a renovação do espaço cultural da memória prudentina resultou, portanto, na seleção dos objetos. O acervo atual, de acordo com o site do Museu e Arquivo Histórico, é dividido nas seguintes categorias:

- Visual: fotografias, vídeos, filmes, mapas e plantas, cartazes e folders;
- Arquitetônico: plantas de edificações e mapas de traçado urbano;
- Musical: discos, fitas, K7, CDs;
- Literária: livros e documentos narrativos;
- Cênica: figurinos, adereços, textos, cartazes, convites e equipamento cenotécnico;
- Tecnologia: peças e equipamentos;
- Utilitária: peças domésticas, roupas, chapéus e objetos de uso pessoal e de produção artesanal;
- Simbólica: moedas e cédulas, selos, troféus, bandeiras, medalhas, placas de homenagem;
- Política: cédulas, objetos de campanha, jingles;
- Episódica: armas históricas, capacetes, uniforme de campanha, cartazes, documentos

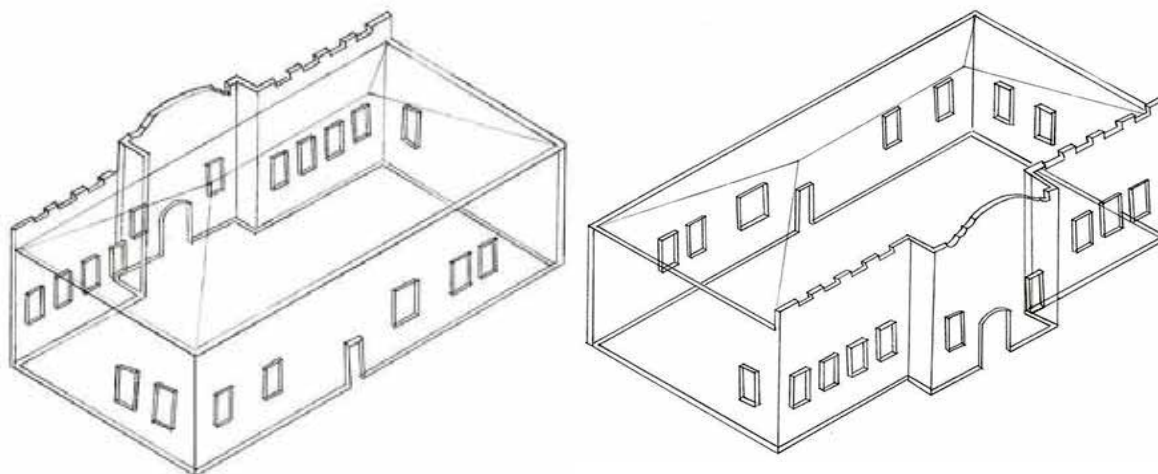
- Cotidiana: depoimentos, cartas, telegramas, jornais e revistas;
- Institucional: registros e livros, mobiliários e equipamentos;
- Religioso: peças sacras, paramentos e documentos.

Com a triagem dos objetos, a organização do acervo na sala de exposição por temas foi facilitada. A disposição temática do espaço expositivo busca, como afirma Lemos (1981) a contextualização do objeto exposto para que seja possível entendê-lo como parte de um processo e de um conjunto de necessidades e interesses

da sociedade a que pertenceu. Lemos (1981) ainda afirma que um objeto isolado é apenas um fragmento, um segmento que nada elucida.

Mesmo com a disposição de objetos afins próximos uns aos outros ainda há a necessidade da divisão física entre esses temas, pois os objetos se encontram todos no mesmo ambiente, a sala de exposição (Figura 56). O ambiente se torna pequeno para o acervo exposto e ainda passa a impressão de desorganização para o visitante. Por esse motivo surge a necessidade de se criar espaços mais adequados.

Figura 56 - Croqui do espaço expositivo.



Fonte: Autora, Março 2014.

A segunda mudança que a administração propôs buscava a diversificação das atividades, a oferta de oficinas, cursos e exposições temporárias, com o intuito de variar a programação e atrair públicos diferentes ao espaço do Museu, sendo organizadas as exposições de acordo com a temática, relativos à história local. Entretanto, hoje essas atividades estão cada vez mais escassas, sendo de total relevância mencionar a falta de infraestrutura adequada para a realização das mesmas.

Uma terceira medida, que está sendo implementada é a digitalização do acervo documental (fotografias, jornais, revistas e mapas). A disponibilização do acervo somente em formato digital se justifica, pois os documentos originais são preservados e há possibilidade de repassar os arquivos para uma parcela maior da população sem perigo de extravio.

As tentativas da nova direção de atrair mais visitantes se mostram ineficientes, devido à falta de espaço físico e infraestrutura. Outro exemplo é a incompatibilidade de usos quando aulas e cursos são ministrados no Museu, visto que elas

ocorrem no mesmo ambiente das atividades administrativas. Além dessa incompatibilidade, é no espaço da oficina que são feitos os reparos e a restauração dos objetos que necessitam de tratamento para a sua preservação, portanto a falta de espaços impede que a atividade de restauração e os cursos possam ser realizados ao mesmo tempo.

Logo, a parte externa do Museu se encontra subutilizada, havendo espaço para atividades ao ar livre, permanência e o convívio, porém, isso não ocorre (Figura 57).

Figura 57 - Espaço subutilizado.



Fonte: Autora, Março de 2014.

Na parte externa também estão expostas algumas peças de acervo (Figura 58) e alguns veículos antigos, dispostos de forma aleatória e sem preocupação com o caminho percorrido pelo visitante. O espaço do estacionamento dos carros antigos e dos visitantes, atualmente é utilizado pelos automóveis dos funcionários da Instituição (Figura 59).

A falta de um projeto paisagístico adequado torna a parte externa do Museu e Arquivo Histórico Municipal pouco explorada e atrativa, exemplo disso são as mesas e bancos que estão às sombras da árvores, que raramente são utilizados (Figura 60).

Figura 58 - Objetos expostos na parte externa.



Fonte: Autora, Março 2014.

Figura 59 - Estacionamento.



Fonte: Autora, Março 2014.

Figura 60 - Parte externa do Museu.



Fonte: Autora, Março 2014.

A respeito dos aspectos do edifício tombado, as fachadas, com seus elementos arquitetônicos foram descaracterizados (Figura 61), sofrendo alterações a partir da comparação com seu projeto original. Algumas janelas foram fechadas e concretadas, outras foram substituídas, a pintura foi reformada e o telhado foi refeito, perdendo suas aberturas zenitais originais da época do Matadouro. Houve também a colocação de forro escondendo a treliça de madeira que compõe o telhado; as luminárias também foram substituídas.

Houve uma tentativa de proximidade entre os três edifícios, a partir da imitação dos ornamentos arquitetônicos presentes no edifício histórico, refletido nos anexos, através dos detalhes na pintura em amarelo e as esquadrias em azul, podendo ser observados também na Figura 61 e 62. Tal ato, mais uma vez mascara o potencial do edifício histórico como elemento marcante do conjunto.

Figura 61 - Edifício histórico e seus elementos arquitetônicos.



Fonte: Autora, Março 2014.

Figura 62 - Anexo e seus elementos arquitetônicos.



Fonte: Autora, Março 2014.

Inicialmente o edifício, de característica eclética e com pouca ornamentação em sua fachada principal tinha aberturas simétricas e pé-direito duplo que atendiam as necessidades de iluminação e ventilação natural condizentes com a função do prédio e com o clima local. Um

frontão ondulado sobressai do prisma quadrangular marcando o acesso ao edifício. No decorrer dos anos essas características foram alteradas e a fachada do edifício histórico passou por três momentos distintos (Figura 63).

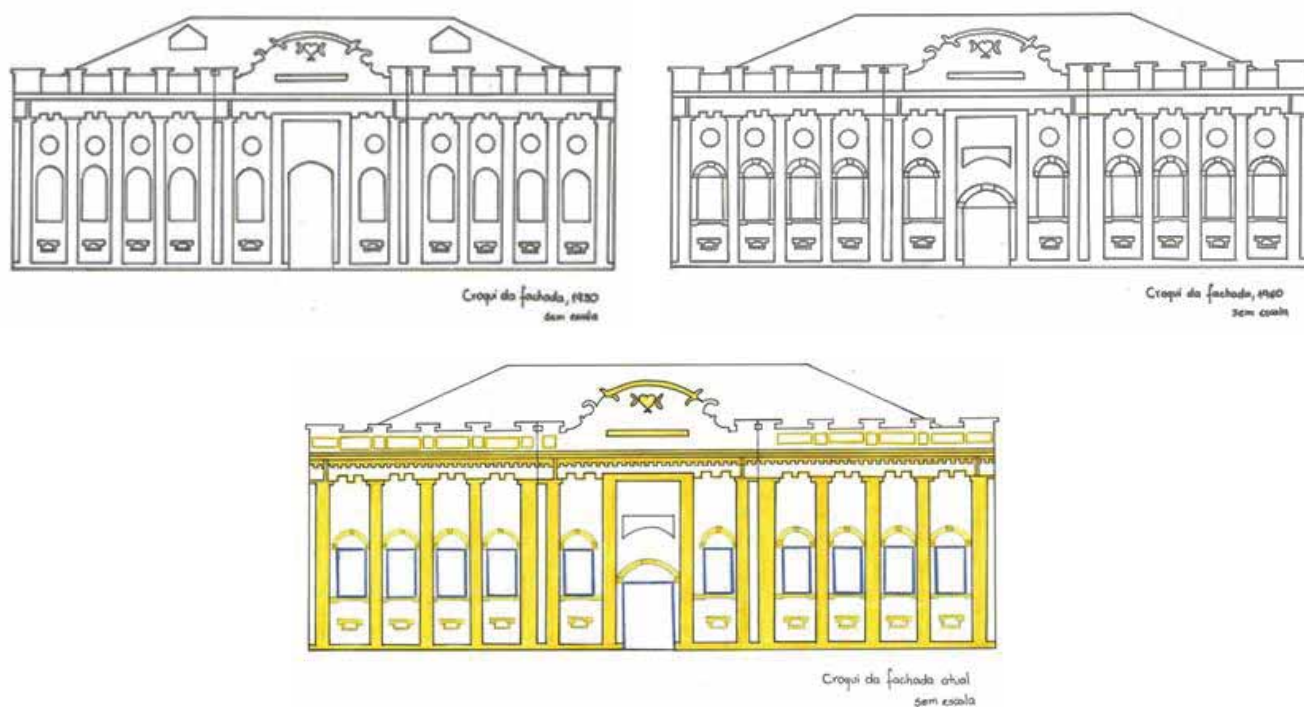


Figura 63 - Fachada ao longo dos anos.
Fonte: Autora, Março 2014.

Hoje se observa problemas no edifício histórico, como infiltração no telhado causando manchas na pintura interna (Figura 64). As esquadrias estão aparentemente em bom estado, sendo que algumas precisam ser repintadas apenas, já o piso se mantém o mesmo desde a época da primeira reforma em 1989, de ladrilho hidráulico na cor bege, estando em bom estado de conservação.

Figura 64 - Manchas na pintura interna.



Fonte: Autora, Março 2014

Num aspecto geral, o edifício apresenta uma boa conservação, mesmo com as modificações sofridas sem uma orientação especializada e falta de manutenção, havendo necessidade de melhorar seu arranjo físico de maneira a comportar melhor as necessidades de um museu histórico contemporâneo.

O antigo matadouro foi tombado pelo já extinto CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico de Presidente Prudente) pelo decreto nº 7.643 de 03 de Julho de 1991. Entretanto não há registro oficial em cartório de nenhum imóvel tombado na cidade, portanto não há efetivamente instrumento legal que o proteja de alterações e demolições sem nenhum critério.

Mesmo assim, o local se apresenta como "uma arquitetura de memória" servindo de referencial urbano, constituindo-se em elemento fundamental na percepção da paisagem de Presidente Prudente. Lynch (1982) aponta para a importância destes referenciais na legibilidade urbana, na qual a memória e o significado contribuem para a formação da imagem da cidade.

4.4 A perda do patrimônio histórico prudentino

A cidade de Presidente Prudente vem sofrendo constantes perdas de bens materiais do seu patrimônio histórico. Como a maioria das cidades médias brasileiras, apresenta pouco empenho quanto à preservação dos vestígios do seu passado, em nome do “progresso”, destruindo importantes registros materiais de sua história. Confundindo preservação de bens culturais com atraso, o preço do progresso seria a sua sucessiva substituição (LEMOS, 1981, p. 27-28). Assim, a cidade tem sua paisagem urbana transformada ao longo de sua existência com a substituição dos edifícios históricos.

O primeiro trata do Cine Presidente, com valores estéticos e históricos, sofreu um longo processo de degradação até um edifício vertical de apartamentos surgir no lugar. Outro foi o Hotel Municipal que também passou por processo de esquecimento e degradação e atualmente, intervenções ainda inacabadas continuam a descaracterizá-lo. Inclusive o Poder Público foi responsável por um episódio de descaso com o patrimônio local, quando em uma ação recente destruiu o edifício do “Expurgo” para construção eliminando outra

identidade histórica da cidade (HIRAO *et al.*, NERES, 2011).

A retirada das prerrogativas legais de tombamento de determinados edifícios é também parte integrante da história recente da cidade. A Catedral de São Sebastião, principal referencial da cidade, passou por esse processo. O CONDEPHAAT, quando ainda estava em atividade em 1985, tombou esse conjunto arquitetônico e, por meio de lei municipal, o Ministério Público “destombou” no ano de 1993, período que segundo Silva (2009) o CONDEPHAAT encontrava-se desativado, portanto, o destombamento aconteceu sem o aval do órgão regulamentador responsável pelo patrimônio municipal (HIRAO *et al.*, NERES, 2011).

O CONDEPHAAT, órgão municipal responsável pela preservação do patrimônio histórico, artístico e arqueológico, foi criado nos anos 1980 e era composto por representantes indicados pelas instituições ligadas à temática, sendo estes membros nomeados pelo Prefeito Municipal. No início dos anos 2000 o prefeito Agripino de Oliveira Lima Filho destituiu o órgão, uma vez que a atuação do conselho afetava os interesses políticos locais. Desse modo não se tem bem cultural tombado em Presidente

Prudente, uma vez que ninguém sabe do paradeiro do livro tombo, o instrumento jurídico de preservação dos bens históricos (HIRAO *et al.*, NERES, 2011).

Assim, se o Museu e Arquivo Histórico Municipal têm como característica ser um registro ou fragmento importante de seu passado, torna-se necessário buscar formas que

garantam sua salvaguarda e permanência no espaço urbano como identidade no cotidiano da cidade contemporânea.



CAPÍTULO 5: ESTUDO DE PROGRAMA DE ATIVIDADES

5.1 Reflexões sobre análise de campo

O objetivo desta análise foi obter um exame dos fatores que configuram o espaço do Museu e Arquivo Histórico Municipal e seu entorno imediato, possibilitando a criação de um diagnóstico da situação atual.

Concomitantemente, verificar sua função de museu histórico, suas relações físicas, as atividades e usos, as imagens e concepções que dele se fazem, de maneira a construir um sentido do lugar. Essas relações construíram para compreensão do espaço urbano em análise.

Assim, levando em conta os princípios de Addud (2006, p.165) e adaptando-os ao objeto de estudo, tem-se:

- Orientação solar

A orientação solar é um aspecto importante que deve ser considerado no momento de implantação do projeto, favorecendo o posicionamento da edificação de modo a aproveitar o potencial dos elementos naturais na iluminação e conforto térmico (Figura 65). Além de propor intervenções às formas dos edifícios para melhor explorar a iluminação natural e incorporar elementos e mecanismos, que também podem ser utilizados esteticamente.

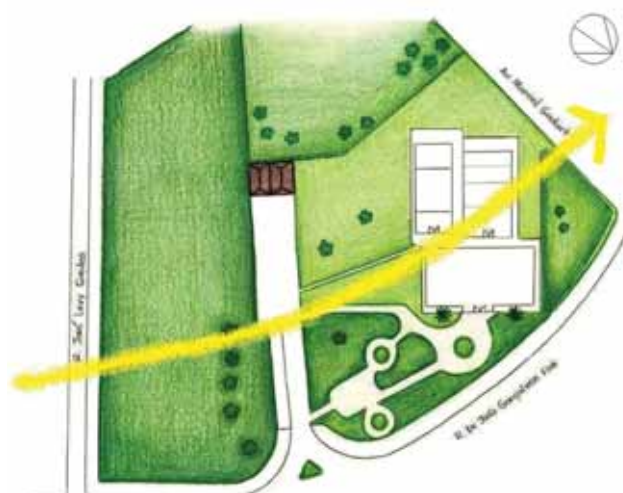


Figura 65: Orientação solar.
Fonte: Autora, maio 2014.

- Entorno e vistas

O terreno faz divisa com três logradouros: Avenida Manoel Goulart, Rua Gonçalves Foz e Rua José Levy Guedes. Há uma dificuldade de

acesso ao equipamento pelo excesso de veículos que transitam nas proximidades. Essa característica evidencia a necessidade de outros acessos ao espaço. A seguir a Figura 66 destaca o tráfego intenso de veículos na região.

Figura 66 - Entorno e vias.



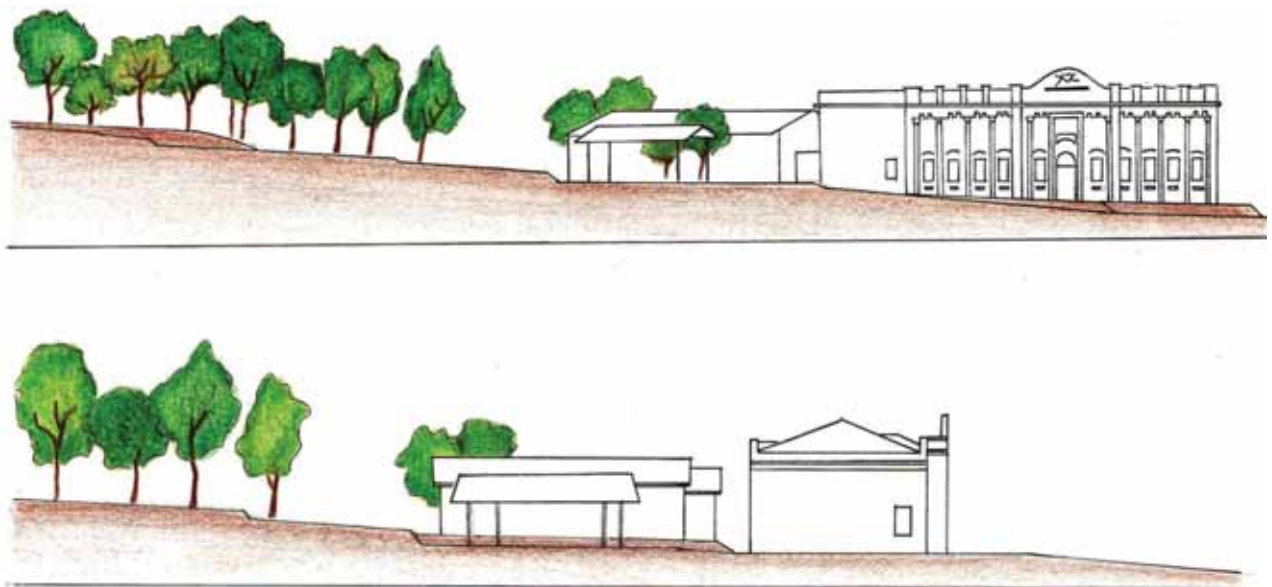
Fonte: Autora, Maio 2014.

- Formas de relevo

O terreno se localiza próximo a um fundo de vale conferindo um relevo acentuado, sendo a

parte norte a mais baixa (cota 500 m) e com aclive em direção à área não edificada, a qual se encontra na cota 508 m (NERES, 2009). Na Figura 67, um croqui referente aos cortes do terreno.

Figura 67 - Croqui do corte do terreno.



Fonte: Autora, Maio 2014.

- Vegetação existente

O terreno ocupa uma área de 7.253m², sendo que atualmente somente 380m² estão construídos, contando com aproximadamente 6.000m² de área verde, sendo representada por árvores, bancos e pequenos jardins (Figura 68). A

área livre localizada na parte lateral e posterior do terreno possui grande potencial a ser explorado e direciona a ocupação do possível anexo.

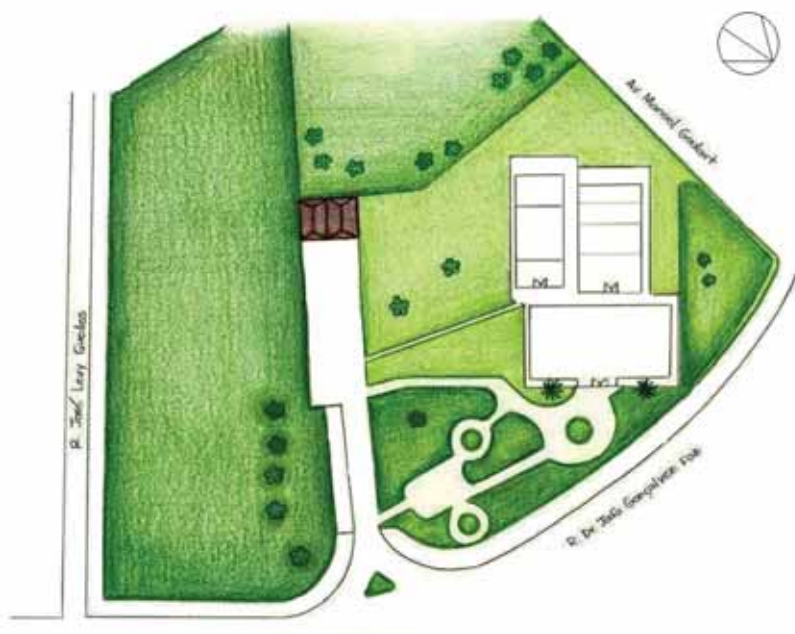


Figura 68 - Vegetação existente.
Fonte: Autora, Maio 2014.



- Ventos

Segundo Neto *et al.* Tommaselli (2009, p. 65), a direção predominante dos ventos ao longo do ano no município de Presidente Prudente, mais especificamente sobre o Museu e Arquivo Histórico Municipal, estão exemplificados na Figura 69.

As flechas se encontram em uma escala de proporção, assim os ventos preferencialmente de leste (flecha verde) tem uma média maior de atuação, ou seja, estão presentes durante todo o ano. Os ventos de sudoeste (flecha amarela) tem atuação nos meses de Maio a Setembro; e os ventos de noroeste (flecha vermelha) atuam de Outubro à Janeiro, em situações esporádicas.

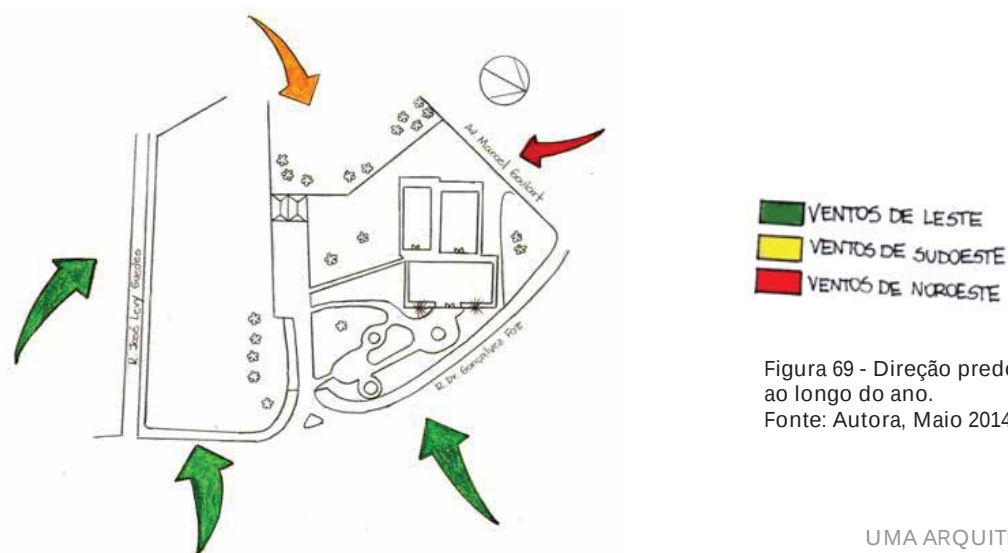


Figura 69 - Direção predominante dos ventos ao longo do ano.
Fonte: Autora, Maio 2014.

- Inventário

A partir da análise sensorial e da percepção visual do entorno, pode-se formular um diagnóstico referente à situação atual em que se encontra o Museu e Arquivo Histórico. A percepção e sinestesia livre foram registradas através de desenho (Figura 70) e matriz-síntese (Tabelas 14 a 17).

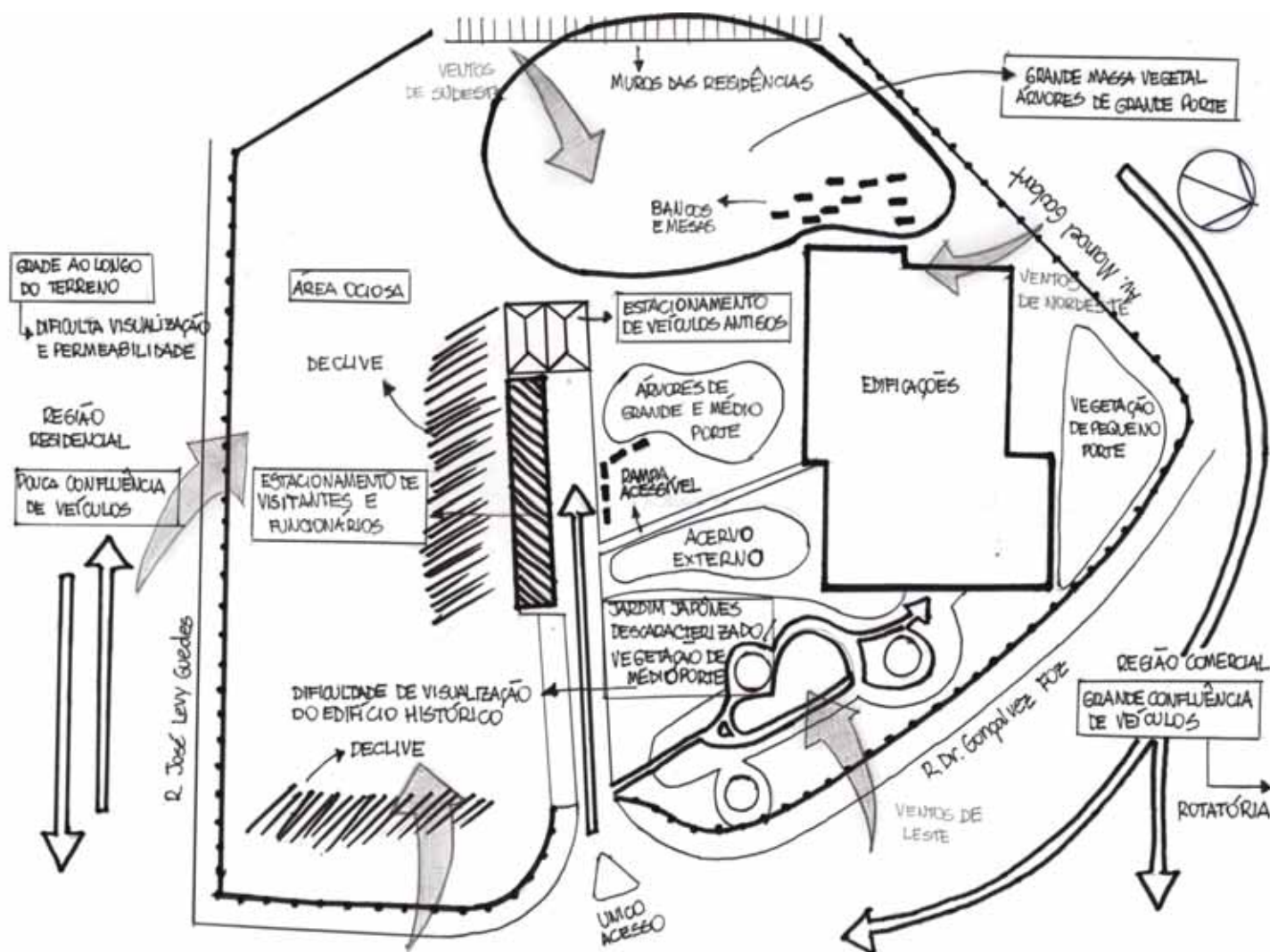


Figura 70 - Análise sensorial e percepção visual.
Fonte: Autora, Junho 2014.

Tabela 14 - Matriz-síntese do acesso.

<i>Vista externa</i>	<i>Acesso</i>	<i>Área interna</i>
		
		

Fonte: Autora, Maio 2014.

O museu é cercado por uma grade que demarca o terreno e dificulta a permeabilidade visual e de acesso. Concomitantemente, há uma única entrada/acesso ao equipamento que serve tanto para pedestre quanto para veículos, se encontrando na Rua Dr. João Gonçalves Foz.

A área interna é composta por um conjunto de edifícios, jardim, estacionamento e uma grande área verde ociosa.

Tabela 15 - Matriz-síntese da área externa.

<i>Estacionamento</i>	<i>Rampa acessível</i>	<i>Vegetação</i>
		
		

Fonte: Autora, Maio 2014.

O atual estacionamento comporta poucos veículos, sendo usado constantemente pelos funcionários do Museu. A acessibilidade fica por conta de uma única rampa que liga o estacionamento à área dos anexos. A vegetação

composta por árvores de grande, médio e pequeno porte, encontram-se mal cuidadas, obstruindo a visão do edifício histórico.

Tabela 16 - Matriz-síntese do conjunto arquitetônico.

<i>Anexos</i>	<i>Edifício histórico</i>	<i>Edifício histórico</i>
		
		

Fonte: Autora, Maio 2014.

Os dois anexos utilizam-se das características do edifício histórico, como a pintura em amarelo e das esquadrias em azul, para integra-se visualmente, entretanto não apresenta uma diferenciação clara entre o antigo e o novo. O edifício histórico sofreu ao longo dos anos reformas que alteraram sua composição

original, sendo descaracterizado a partir da pintura e dos ornamentos na fachada principal.

O frontão ondulado se sobressai marcando o acesso ao edifício. As aberturas que a priori, foram concretadas são perceptíveis, permanecendo seu registro.

Tabela 17 - Matriz-síntese da área ociosa e de convivência.

<i>Área ociosa</i>	<i>Área de permanência</i>	<i>Jardim japonês</i>
		
		

Fonte: Autora, Maio 2014.

No terreno há uma grande área ociosa, que se encontra subutilizada, não apresentando nenhum uso ou apropriação. Logo, as áreas de permanência, composta por alguns bancos e mesas, não apresentam infraestrutura para

receber os visitantes. O jardim japonês se encontra totalmente descaracterizado, não apresentando relevância no contexto das relações do sítio histórico.

5.2 A conservar

As recomendações para intervenções em obras que são consideradas patrimônio histórico determinaram o partido arquitetônico desse projeto, como respeito pela matéria original, os perigos da falsificação e a distinguibilidade da intervenção, seguindo os princípios de Camillo Boito no livro "Os Restauradores" (1884).

Com a intenção de preservar a ambiência do edifício histórico optou-se por conservar alguns elementos que representam seu caráter e integridade. Os ornamentos inseridos posteriormente serão mantidos, pois retrata as mudanças pelas quais o edifício histórico passou ao longo dos anos (Figura 71). Ainda na fachada principal existiam aberturas simétricas que imprimiam ritmo à fachada original, propõe-se suas reaberturas (Figura 72).

Concebe, também a retirada do forro que atualmente esconde as treliças de madeira (Figura 73), de maneira a manter a estrutura aparente e permitir uma maior amplitude do espaço e valorização da estrutura.

Os anexos construídos posteriormente, também serão mantidos no espaço (Figura 73), como registro de ocupações ao longo do tempo.

Figura 71 - Ornamentos no edifício histórico.



Fonte: Autora, Maio 2014.

Figura 72 - Aberturas simétricas.



Fonte: Museu e Arquivo Histórico Municipal de Presidente Prudente. Editado pela autora.

Figura 73 - Cobertura com treliças de madeira e anexos.



Fonte: Museu e Arquivo histórico Municipal de Presidente Prudente.

5.3 Programa de atividades e fluxograma

O Museu foi sede no antigo Matadouro da cidade, tombado pelo Conselho do Patrimônio Histórico Local, abriga o Museu e Arquivo Histórico Municipal. Apesar das tentativas de adequá-lo como espaço histórico-cultural, constitui-se atualmente mais como um lugar de depósito de objetos antigos.

Tendo isso em consideração e a partir da análise das condições atuais e das reflexões de campo, decidiu-se por uma proposta de reformulação (restauro e reabilitação) do Museu e Arquivo Histórico Municipal, considerando as

transformações urbanas por quais passa a região onde se insere.

Além de manter e preservar os acervos tradicionais, ou seja, a documentação primária com registros da história e evolução da cidade de Presidente Prudente e região, o museu contemporâneo também tem a missão de constituir-se em pólo ativo de atividades diversas. Educativa capaz de potencializar a fruição e a compreensão das obras ao acervo e a história no tempo; incentivar a pesquisa de maneira a garantir a ampla acessibilidade ao museu, influenciando aqueles que não são frequentadores, e incentiva-los à visitaçãõ;

impulsionar a organização de diferentes exposições e eventos, atuando na troca constante de experiências e conhecimentos.

Criar ambientes flexíveis garantindo maior participação da população, mediante serviços de informação. Permitir independência entre os espaços tornando-se atrativos e impulsionadores, além de contemplar cafeteria e loja.

Esta concepção de museu histórico contemporâneo, torna o lugar centro cultural, mas, também, para o consumo, passando a configurar o cenário da cidade como integrante

de uma rede cultural e onde o conhecimento se configura como atração. Discursando para além do seu acervo, cumprindo atualmente uma função aglutinadora de atividades, que de certa maneira lhes confere sentido.

O programa do museu deve acomodar de maneira mais eficiente seu conteúdo e será dividido em cinco setores: espaços de exposição, produção, apropriação, lazer e administrativo. Esses espaços e suas respectivas atividades serão divididos em dois blocos: museológicos e gerais (Tabela 18).

Tabela 18 - Atividades Museológicas.

<i>BLOCOS</i>	<i>TEMAS</i>	<i>PROGRAMA</i>	<i>ATIVIDADE</i>
<i>Museológico</i>	<i>Espaço de exposição</i>	Sala de exposição permanente	Exposição do acervo do museu
		Sala de exposição temporária	Exposições intinerantes do acervo do museu, exposições temporárias e eventos culturais
	<i>Espaço de produção</i>	Sala de restauro	Restauração e conservação das peças do acervo
		Reserva técnica	Armazenamento do acervo; cadastro, digitalização e disponibilização ao usuário
		Arquivo documental	Armazena o acervo documental do museu
		Arquivo de livros	Armazena o acervo de livros do museu
		Arquivo jornalístico	Armazena o acervo de jornais e revistas
		Arquivo visual	Armazena o acervo de fotos, mapas e projetos
		Arquivo musical	Armazena o acervo de discos e fitas
	<i>Espaço de apropriação</i>	Sala de leitura e pesquisa	Local para pesquisa e estudo
		Sala multiuso	Recepção de grupos e visitas guiadas; aulas sobre história local e palestras
<i>Gerais</i>	<i>Lazer</i>	Café/Bar	Refeições e local de convivência
		Loja	Venda de <i>souvenirs</i> relacionados ao museu
	<i>Administração</i>	Secretaria	Recepção e informações aos visitantes
		Curador	Administração e organização das atividades museológicas
		Setor pedagógico	Responsável por atividades diversas

Fonte: Autora, Maio 2014.

- Espaço de exposição: Destinado à apresentação do acervo do museu. Devem ter um espaço contínuo para o melhor aproveitamento e distribuição das peças. Deve ter iluminação uniforme, com a utilização de iluminação artificial (incandescente) indireta e a distribuição deve ser feita de modo a permitir uma iluminação homogênea em todo o espaço; as salas devem apresentar boa ventilação e apresentar segurança;
- Espaço de produção: Espaço com função primordial de armazenar todo o acervo do Museu, para posterior empréstimo, pesquisa, e consulta por parte do visitante. Prevendo salas de armazenamento e preservação dos objetos e documentação do acervo, também havendo precauções com as condições dos ambientes;
- Espaço de apropriação: Ambientes com características multifuncionais, muito importante na concepção de um museu moderno, pois proporciona o desenvolvimento de atividades complementares, gerando mais um espaço de interesse público;
- Lazer: Ambientes que também contribuam para a modernização da instituição, tornando-se locais de convivência;

- Administrativo: Engloba todas as atividades relacionadas com a administração, diretoria e funcionamento do Museu.

O Museu assim, assume-se como um espaço ativo, dinâmico, o qual engloba eventos, palestras, exposições. É um local de pesquisa e estudo, com salas para o desenvolvimento de atividades técnicas, artísticas ou educativas, exigindo, que o conjunto arquitetônico destinado a esses usos seja projetado ou adaptado convenientemente para atender estas expectativas.

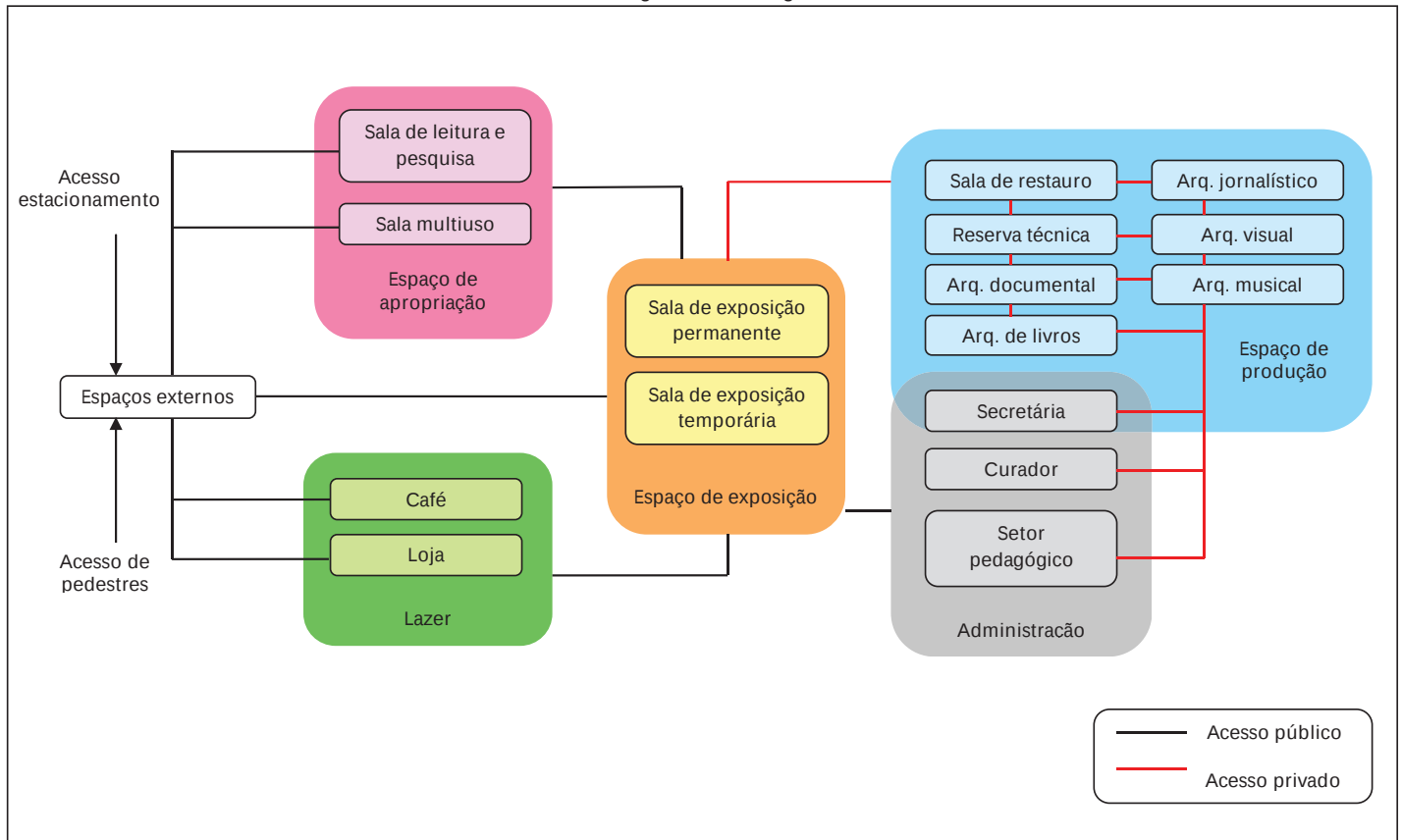
Em razão do grande espaço externo e sua pontencialidade, destaca-se nesse projeto seu papel fundamental como elemento central de conectividade e distribuição dos fluxos dentro do terreno e com as vias de entorno. Sendo o principal elemento de união entre o edifício histórico, os anexos e a nova construção, criando um conjunto integrado e resultando num espaço de apropriação e passagem.

O fluxograma do projeto está representado pela Figura 74 e reforça o papel fundamental dos espaços externos de convivência como elemento central de conectividade e distribuição dos fluxos. Os acessos, seja de pedestre e veículos,

obrigatoriamente direcionam os visitantes a adentrar esses espaços. Os cinco setores são funcionalmente independentes entre si, com exceção da reserva técnica que possui ligação

direta com os ambientes expositivos. Essa independência confere importância aos ambientes, assim como, garante que o café funcione de maneira autônoma ao museu.

Figura 74 - Fluxograma.



Fonte: Autora, Maio 2014.

Os estudos também levaram às seguintes decisões projetuais: uma nova edificação que ocupa prioritariamente a área sem uso no terreno que se localiza na cota mais elevada, abrigando o espaço de exposição e produção, além do administrativo; os espaços de lazer foram incorporados aos dois anexos já existentes e o edifício histórico abriga o espaço de apropriação.

O acesso de veículos foi transferido para Rua José Levy Guedes, assim como o estacionamento que se localizará também na cota mais elevada; o acesso de pedestres se dará em três pontos no terreno a partir de caminhos orgânicos que permitiam uma maior permeabilidade, possibilitado a passagem ao outro lado da quadra.

A decisão de implantar a nova edificação distante das preexistentes se fundamenta nas características de distinguibilidade da intervenção. O espaço externo, elemento principal de integração entre os edifícios, promove a conexão a partir dos caminhos e favorece a convivência dos usuários e da população.

Esta integração também é proposta pela retirada da grade que hoje isola o equipamento

da cidade. A demarcação do terreno se dará por uma cobertura vegetal que permitirá a permeabilidade visual e inibirá de certa maneira, o acesso indesejável.

Frequentemente se vê a arquitetura se tornar inadequada para a função que deve desempenhar. As novas formas arquitetônicas servem para acomodar de maneira mais eficiente o conteúdo museológico, mas também para renovar a imagem da própria instituição.

5.4 Necessidades técnicas para locais de exposição e armazenamento do acervo

A conservação das peças do acervo de um museu pressupõe sua guarda, transporte e exposição em condições adequadas. Para tanto, há necessidades técnicas que garantiam a integridade desses objetos e fatores relevantes que devem ser considerados: qualidade da atmosfera, umidade relativa, temperatura do ambiente, iluminação, insetos e poluição.

A qualidade atmosférica é um fator relevante, pois o ar contém impurezas variáveis, como poeira, areia, fuligem, gases, entre outros, que se depositam sobre o objeto, atacando-os. As consequências são: acúmulo de impurezas e

deterioração. Para evitar os danos causados às peças expostas, é necessário uma limpeza constante e manter os vidros das janelas fechados, evitando a incidência direta de raios solares.

As peças também sofrem danos causados pela temperatura e umidade. A boa conservação exige um ambiente climático constante, sem modificações bruscas que promovam por exemplo, dilatação e contração dos materiais, acelerando seu envelhecimento. Segundo Cassares (2000), "o recomendado é manter a temperatura o mais próximo de 20°C e a umidade relativa de 45% a 50%, evitando-se todas as formas de oscilação".

A exposição prolongada à luz, seja natural ou artificial, pode causar danos, como o amarelamento, ressecamento, descoloração e destruição do acervo. Cassares (2000) afirma que toda fonte de luz, emite radiação nociva aos materiais de acervos, provocando consideráveis danos através da oxidação. Para tanto, alguns cuidados devem ser tomados: evitar que os raios solares incidam diretamente sobre os objetos; as lâmpadas incandescentes devem ser colocadas longe dos objetos expostos; durante o tempo em

que o museu não estiver aberto ao público, deve-se deixar a sala na obscuridade.

Os artefatos em papel (fotos, mapas, documentos, etc.), são materiais extremamente sensíveis, necessitando de maiores cuidados. Segundo Neres (2009), o caderno técnico número 17 da série 'Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos', indica cinco regras para exposição destes objetos:

1. Utilize, sempre que possível, as cópias;
2. Não exiba permanentemente um artefato de valor;
3. Mantenha os níveis de iluminação mais baixos possíveis. Não coloque as lâmpadas dentro de vitrines de exposição;
4. Minimize a exposição à luz ultravioleta através de filtros adequados;
5. Assegure-se que as vitrines e as molduras sejam fechadas, vedadas e fabricadas com materiais que não prejudiquem os objetos em exposição. (OGDEN, 2001, p. 31, apud NERES, 2009, p. 70-71)

Outro fator relevante são os insetos, havendo necessidade de controle da temperatura, umidade relativa e higiene. Trata-se praticamente das mesmas estratégias utilizadas contra fatores ambientais, porém, Cassares (2000) leva em conta algumas observações: não usar fungicidas, pois

os danos causados aos documentos muitas vezes superam a eficiência do produto sobre as pragas; não utilizar água para limpeza dos ambientes, pois traz umidade, recomendando-se o uso do aspirador; e para o armazenamento do acervo utilizar estantes, arquivos e mapotecas de aço, pois esses materiais não podem ser infectados por insetos.

Por ocasião de montagem de exposições deve-se planejar com antecedência o deslocamento do acervo; fazer uma relação minuciosa de todos os objetos, verificando seu estado de conservação; objetos pequenos devem ser transportados um a um, logo, objetos de grande porte, o tranporte deve ser realizado por mais de uma pessoa.

Segunda a Secretaria do Estado da Cultura (2006), o sucesso de uma exposição depende de planejamento prévio e de alguns cuidados:

- Definir a temática ou estipular uma linha a seguir de modo a dar coerência à exposição;
- Definir número de peças do acervo a serem expostas;
- Listar e providenciar com antecedência o material utilizado na montagem da exposição;
- Trabalhar somente com locais apropriados;

- Não permitir comer ou fumar no local de exposição.

O museu é um espaço destinado à comunidade. Quando uma exposição é preparada, ou eventos são programados, existe sempre um público a ser atingido. Logo, para locais expositivos um problema inerente é a questão da segurança das peças do acervo, em função do local ser um receptor de públicos diversos. No período em que a instituição estiver fechada, a melhor forma de proteção são os alarmes e detectores internos. Cassares (2000), recomenda durante o horário de funcionamento se tenha somente uma porta para entrada e saída no ambiente onde se encontra a exposição, devendo ser usada por todos que frequentam o local, inclusive funcionários.

O acervo do Museu e Arquivo Histórico Municipal é constituído principalmente por peças tridimensionais. As atividades de conservação e restauro, por questões de segurança, necessitam de ambientes com acesso restrito aos funcionários. Na sala de cadastro será registrado todo acervo em sistema digital com o objetivo de controlar e organizar as peças e facilitar as pesquisas. Os ambientes referentes à

reserva técnica e aos arquivos, apresentam maiores questões técnicas a serem atendidas, como apresentadas acima.

Devido ao grande número de objetos, os locais de armazenamento serão divididos em seis ambientes que reúnem objetos e documentos, a

divisão facilita a organização e a utilização do acervo existente. Em função do museu estar passando por uma atualização, a partir da digitalização dos documentos, não se sabe ao certo o número exato de peças existentes.



Ao se pensar em desenvolver um projeto de intervenção em preexistência, a proposta de trabalhar com o Museu e Arquivo Histórico Municipal de Presidente Prudente exigiu um estudo do contexto urbano no qual está inserido.

O conjunto se articula na essência de uma região em constante evolução, como já analisado no Capítulo 3. A proposta é compreender sua importância histórica, a relação com a área em que se insere e as atividades locais, de maneira a evocar sua potencialidade diante da percepção da população e, a partir do entendimento e convergência entre os itens analisados, produzir um espaço possível para encontros e de valorização arquitetônica e ambiental.

6.1 Memorial de projeto

A proposta deste trabalho direcionou-se ao Museu e Arquivo Histórico Municipal de Presidente Prudente, propondo sua restauração e a reabilitação do espaço de entorno.

Primeiramente, foi feito um estudo sobre o estado de conservação do Museu, assim como da área de entorno e dos dois anexos. Conservar, de acordo com o artigo 2º da Carta de Burra de 1980, tem por objetivo a preservação da significação cultural de um bem, além de implicar medidas de segurança e manutenção, assim como dispositivos para sua futura destinação.

Sendo assim, a conservação é capaz de manter visualmente o caráter histórico e também ajuda a preservar esses aspectos. Outra questão diante da intervenção em um edifício histórico é a dos acréscimos. Muitos teóricos, como Brandi (1906-1988), defendem que os acréscimos devem ser facilmente notados e distinguir-se dos elementos históricos do passado. Além disso, eles devem ser passíveis de mutação, sendo reversíveis, caso sejam retirados.

Segundo Brandi (1977), historicamente, é legítima a conservação dos acréscimos, enquanto a remoção, quando justificada, deve ser feita de modo a deixar traços de si mesma sobre a obra.

Portanto, todas as intervenções foram destacadas sem ofuscar as características dos outros tempos e quando algumas dessas características foram retiradas, é possível identificar essa eliminação.

Pensando em quebrar a simetria existente e intervir no eixo de circulação, polarizado no Museu e Arquivo Histórico, concomitantemente, facilitar o acesso de automóveis transferiu-se a entrada para a Rua Levy Guedes de maneira a

proporcionar maior permeabilidade a partir de caminhos criados, conduzindo os visitantes e facilitando o acesso de pedestres (Figura 75).

Visando que os vários acessos/caminhos sejam um espaço de conexão, uma extensão da paisagem circundante, de maneira a continuar a ser contemplada, sem segregação, propõe a retirada da grade do alinhamento do imóvel (Figura 76).

Figura 75 - Museu e Arquivo Histórico Municipal e seus acessos.



Fonte: Autora, Março 2015.

Figura 76 - Permeabilidade e caminhos.



Fonte: Autora, Março 2015.

O paisagismo tem a função de projetar o espaço aberto externo com as áreas construídas de forma harmoniosa, criando espaços de convívio de modo a integrar o homem ao ambiente do museu. Para tanto, valoriza a edificação tombada, além de não causar interferências, se tornando um espaço útil e ao mesmo tempo belo, respeitando todo o entorno em que está localizado.

Utiliza-se espécies que melhor se adaptam ao clima da região e de suas localizações no

espaço, como Estrelízia, Piteira do Caribe, Moréia Parda, Ipês, Bromélias, Palmeira Imperial, entre outras espécies que não obstruem as várias visões do conjunto arquitetônico. Além disso, utilizou-se de materiais naturais para se integrar ao ambiente paisagístico como madeira (deck), pedras e cascalhos de maneira a demarcar caminhos e lugares de permanência, assim como o espelho d'água que auxilia na climatização (Figura 77).

Figura 77 - Área de recreação.



Fonte: Autora, Março 2015.

O aspecto exterior do edifício histórico se mantém com todos os ornamentos sobre uma pintura branca, com o objetivo de marcar a passagem do tempo e as mudanças advindas com ele (Figura 78). A postura crítica de Camilo Boito (1836-1914), norteia a restauração do edifício histórico, buscando respeito pela obra e seu caráter original e os seus vários momentos.

A análise das diferentes fachadas que o edifício possuiu no decorrer do tempo (ver Capítulo 5), proporcionou a restauração das aberturas circulares superiores a partir da retirada da alvenaria e do reboco, retornando ao seu formato original, sendo substituídas por panos de vidro com caixilho

Figura 78 - Edifício histórico.



Fonte: Autora, Março 2015.

Para tornar mais evidente as alterações realizadas, foi proposto um mezanino metálico em aço corten no edifício histórico, o qual abriga o espaço multimídia e exposição temporária com vídeos e arquivos digitalizados, propiciando também outras atividades, desde exposições até eventos.

A criação de um mezanino e sua expansão para o espaço externo do edifício possibilita a integração do espaço interno com o exterior mantendo a condição de reversibilidade ao estado anterior.

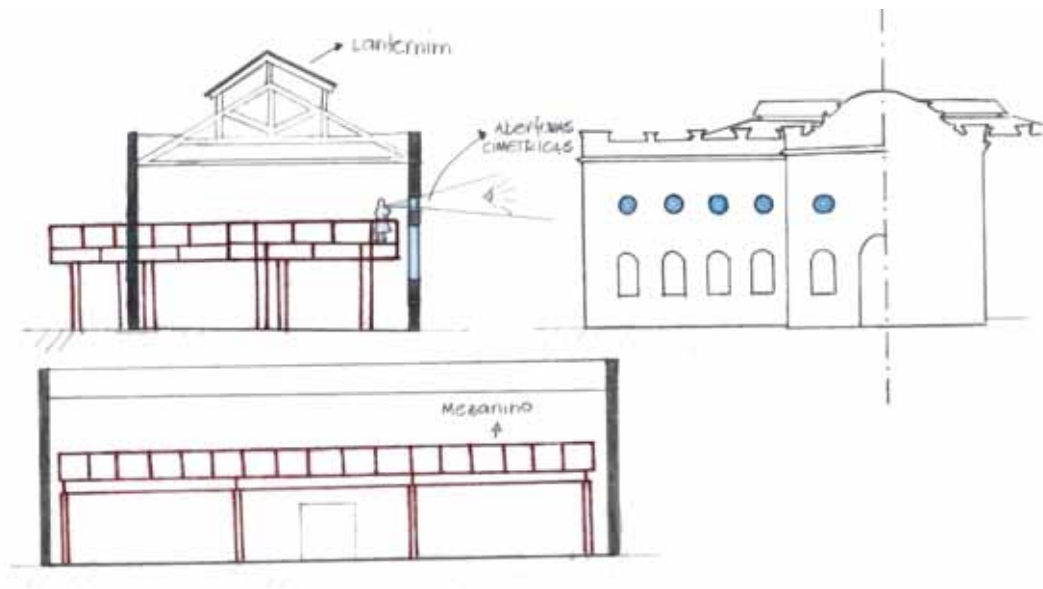
O forro interno foi retirado expondo as treliças originais de madeira e sobre a mesma, criou-se uma estrutura de cobertura tipo lanternim contribuindo para ventilação e iluminação do ambiente (Figura 79). Entre as conexões das treliças originais e a intervenção,

utilizou-se chapas metálicas na cor vermelha de forma a caracterizar o ponto exato da intercessão.

As portas do edifício foram substituídas por outras, pivotantes em aço corten. As esquadrias das janelas foram substituídas por panos de vidro fixos temperado. O piso atual em ladrilho hidráulico foi retirado sendo substituído por concreto pigmentado, contribuindo com a acessibilidade ao ambiente.

As intervenções possibilitaram uma flexibilidade e abrangência visível do espaço interno do edifício histórico, assim como os espaços externos através dos panos de vidro, permitindo ao visitante e usuário vistas do entorno do museu (Figura 79). O novo uso e os novos materiais marcam a intervenção.

Figura 79 - Intervenções no edifício histórico.



Fonte: Autora, Março 2015

Os dois anexos existentes no terreno foram adaptados e ganharam novas funções para melhor atender os usuários, passando a incorporar loja, café/bar e um balcão de informações que funcionam de maneira independente ao restante do conjunto, sendo parte indissociável dos museus contemporâneos, respondendo também a uma parte importante do turismo cultural.

As esquadrias das janelas desses ambientes foram mantidas e sobre elas criado brises a partir de duas placas metálicas perfuradas que se movem verticalmente auxiliando no controle térmico.

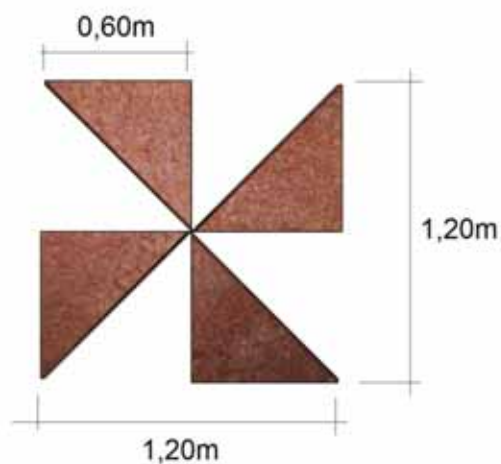


Figura 80 - Dimensões da cobertura espacial triangular.
Fonte: Autora, Março 2015.

Figura 81 - Interligação entre os edifícios a partir da cobertura espacial.



Fonte: Autora, Março 2015.

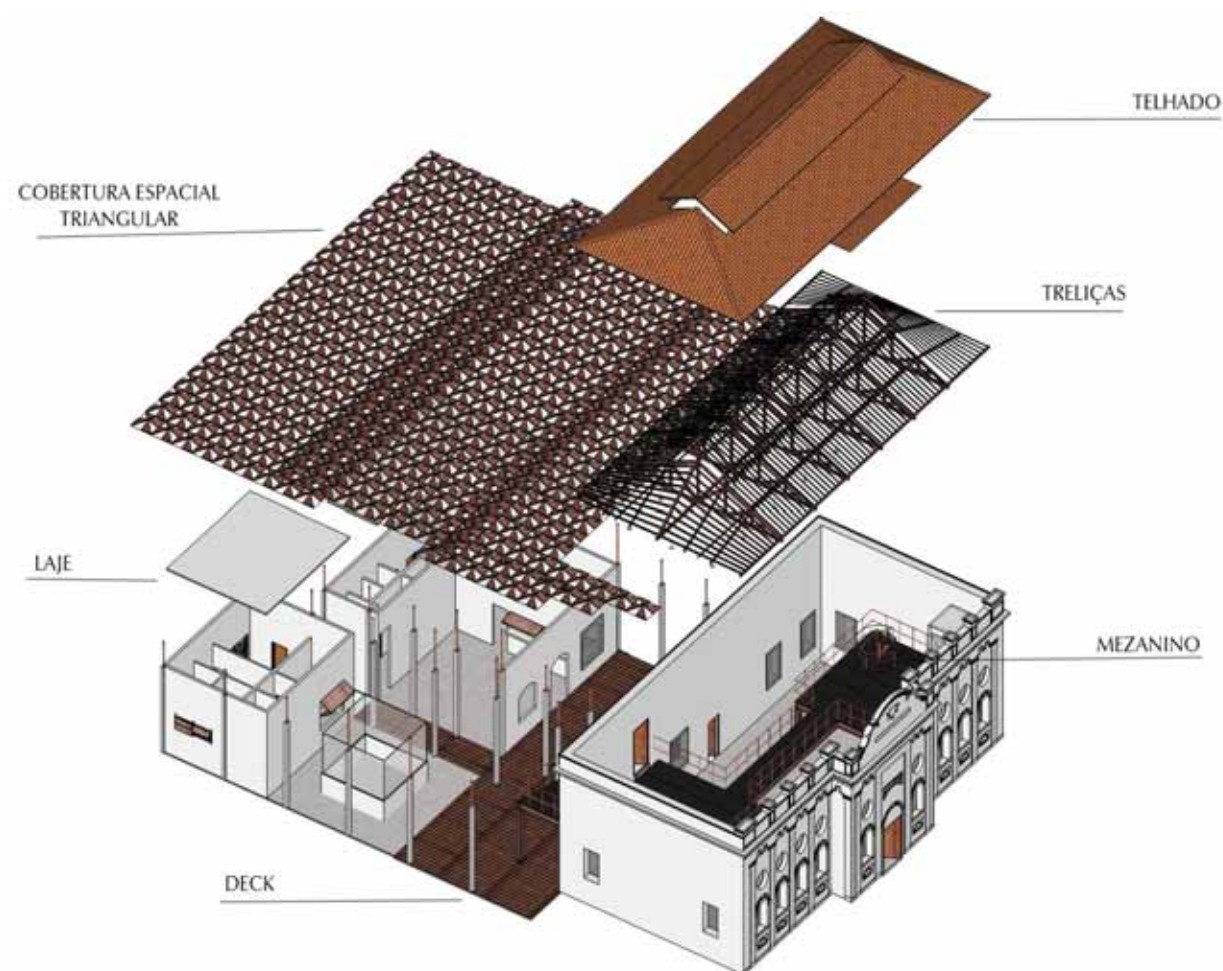


Figura 82 - Composição dos edifícios.
Fonte: Autora, Março 2015.

O novo edifício que completa o conjunto arquitetônico do Museu e Arquivo Histórico compreende o restante das atividades, dando suporte às questões museológicas e administrativas. Composto por térreo e dois pavimentos, estando parte do térreo subterrâneo em função do desnível do terreno.

Os materiais utilizados foram bloco de silico calcário por ser mais leve, recebendo acabamento de reboco e posteriormente, uma tinta cor de concreto. O lado externo é composto por uma carapaça de aço corten perfurada, que juntamente com duas clarabóias na cobertura auxiliam na iluminação e ventilação interna dos ambientes (Figura 83).

Figura 83 - Edifício administrativo.



Fonte: Autora, Março 2015.

No térreo se encontra o hall, espaço de pesquisa e os sanitários a partir da escada de aço ou do elevador tem acesso ao primeiro pavimento, de acesso público. Este é composto por sala de exposição permanente, referente as peças e arquivos do próprio museu, sala de restauro e atelier, cadastro e reserva técnica, buscando convidar o visitante a explorar tanto a exposição, quanto observar as atividades técnicas que acontecem diariamente na sala de restauro e no atelier. Estando adaptado às necessidades, como controle climático constante, umidade relativa, temperatura do ambiente, iluminação e insetos. Este ambiente ainda dá acesso ao exposição na parte externa, onde se localiza a garagem de veículos antigos.

Na sala de exposição permanente pretende-se criar uma rotatividade do acervo, diminuindo também a quantidade de objetos expostos simultaneamente. Concomitantemente, a cada vez que o objeto é exposto e retorna à reserva técnica ele passa pela sala de restauro para receber tratamento de conservação, evitando assim perdas ou danos ao patrimônio.

O segundo pavimento concentra as questões administrativas, com salas de arquivos, curadoria, sala de funcionários e sanitários, sendo um ambiente destinado aos funcionários do museu, não havendo acesso ao público. Este ambiente é dotado de clarabóias sobre cobertura espacial triangular em aço corten, proporcionando uma espécie de átrio entre o segundo pavimento e o primeiro (Figura 84).

Na parte externa encontra-se a garagem de veículos antigos que possui a mesma cobertura de ligação dos demais edifícios. Tendo acesso através do primeiro pavimento do edifício administrativo, colaborando na composição das exposições do museu (Figura 84).

O pé direito de cada andar é de 4m, porém os ambientes internos apresentam paredes de 3m, havendo uma permeabilidade e fluidez da iluminação e ventilação, assim como, abrangência do espaço visível.

Figura 84 - Garagem de veículos antigos e edifício administrativo (Átrio).



Fonte: Autora, Março 2015.

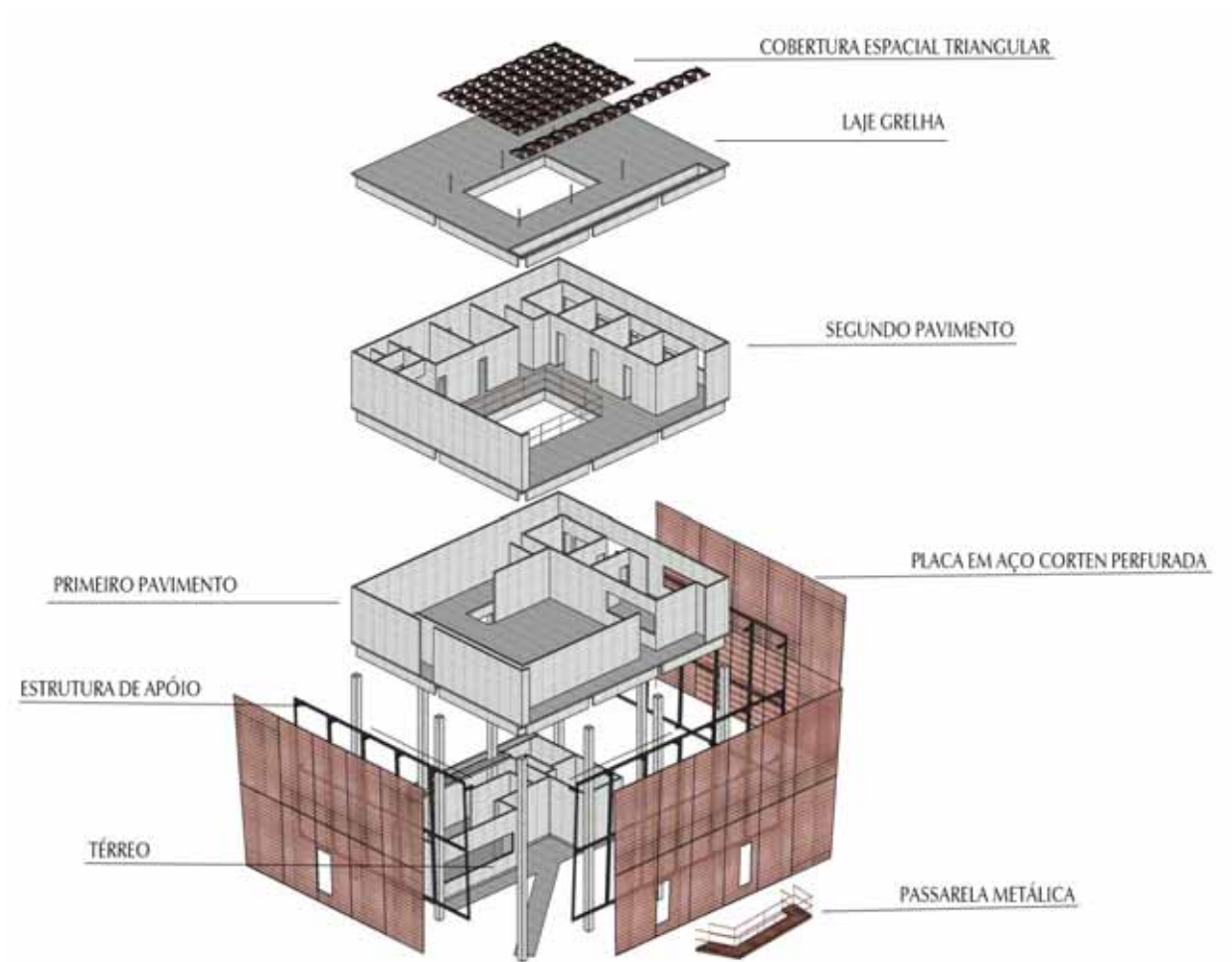


Figura 85 - Composição do edifício administrativo.
Fonte: Autora, Março 2015.

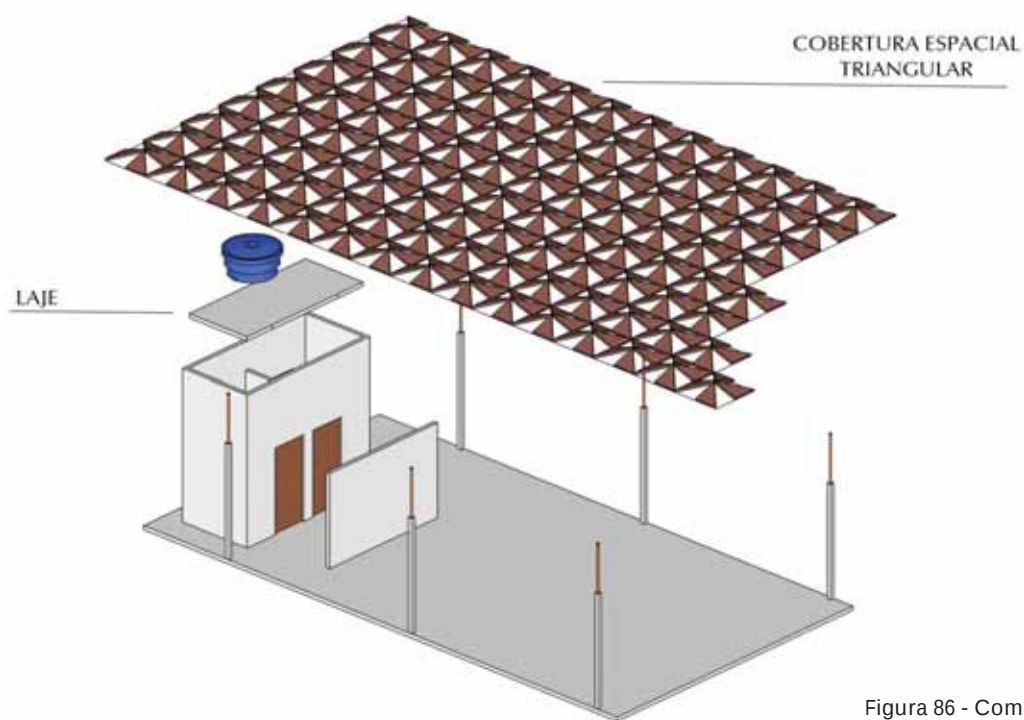


Figura 86 - Composição da garagem veículos antigos.
Fonte: Autora, Março 2015

6.2 Acessibilidade

Durante todo o desenvolvimento do projeto se pensou na acessibilidade. Há elevadores tanto no edifício histórico quanto no edifício administrativo e os sanitários destinados a cadeirantes se encontram no conjunto edificado. Todos os ambientes são acessíveis, não

havendo barreiras físicas que dificultem a locomoção de pessoas com deficiência.

A área externa é dotada de piso tátil permitindo a circulação e o acesso aos diferentes espaços no terreno. E no estacionamento a duas vagas reservadas há deficientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após discutir as referências teóricas, os projetos de referência e as teorias de restauração, é possível compreender a importância destas questões para propor um projeto de intervenção em uma preexistência.

O antigo matadouro é um testemunho histórico para a cidade e um símbolo destinado à preservação da memória da região. O uso e a apropriação socioespacial qualificam estas relações no imaginário urbano.

A proposta deste projeto é recuperar e potencializar as características de um museu no cenário contemporâneo em que se insere, proporcionando ao município de Presidente Prudente uma Instituição de cunho cultural ativo, integrando passado, presente e futuro.

Este trabalho ampliou meu conhecimento sobre a questão do restauro ao projetar contando com a intervenção do tempo e com a participação da memória coletiva, me ajudando a descobrir um novo olhar sobre Arquitetura.

REFERÊNCIAS

- ABBUD, B. *Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística*. 4º edição. Editora Senac, 2010.
- ABREU, D. S. *Formação histórica de uma cidade pioneira paulista*. Presidente Prudente. Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1972.
- ABREU, D. S. *Recortes*. Presidente Prudente. Impresso, 1997.
- ALMEIDA, P. A. S. de. *Unidade da Pinacoteca de São Paulo de Botucatu*. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciência e Tecnologia - FCT. Presidente Prudente, 2012.
- BRANDI, C. *Teoria da Restauração*. Cotia. Ateliê Editorial, 2004.
- CASSARES, N. C. *Como Fazer Conservação Preventiva em Arquivos e Bibliotecas*. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2000. (Projeto Como fazer, 5).
- CASTRIOTA, L. B. *Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. Belo Horizonte, 2009.
- CAVALCANTI, C. C. B. *Arquitetura de museus na cidade contemporânea*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sorocaba, 2013.
- CIRCUITO CULTURAL LIBERDADE. Conheça o Circuito. Disponível em: <<http://www.circuitoculturalliberdade.mg.gov.br/projeto/conheca-o-projeto>>. Acesso em: mai 2014.
- CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade. UNESP, 2001.
- CORREIO DA SOROCABANA. *O Museu Histórico de Presidente Prudente*. Presidente Prudente, 01 jun 1980.
- COSTA, L. M. *Museologia, Arte e Políticas de Patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2002. 388p. II.
- CUNHA, C. R. *A atualidade do pensamento de Cesare Brandi*. 2012. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/03.032/3181>> Acesso em: mar 2012.
- CUNHA, C. R. *Restauração: Diálogos entre teoria e prática no Brasil nas experiências do IPHAN*. Universidade de São Paulo - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2010.
- FUNDAÇÃO MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE. II Anais, v.2, 1986.
- GASPAR, A. *Museus e Centros de Ciência - conceituação e proposta de um referencial teórico*. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação. São Paulo, 1993. Disponível em: <<http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/Dissertacoes/gaspar-tese.PDF>> Acesso em: mar 2014.
- GORSKI, J. *Reciclagem de uso e preservação arquitetônica*. 112f. Dissertação (Mestrado em arquitetura) - Faculdade de Arquitetura,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

HELM, J. *Praça das Artes/ Brasil Arquitetura*. 2013. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-98332/praca-das-artes-brasil-arquitetura>> Acesso em: mai 2014.

HIRAO, H.; NERES, R. M. *O Museu Histórico e Arquivo Municipal de Presidente Prudente* – SP: Patrimônio, projeto e identidade na cidade contemporânea. 2011. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.134/3957>> Acesso em: mai 2012.

HARVEY, D. *Condição Pós-moderna*. 16º Ed. São Paulo, Editora Loyola, 2007.

CARTA DE BURRA. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 1980, p. 3.

CARTA DE LISBOA. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 1995, p.1.

KIEFER, F. *Arquitetura de Museu*. Arqtexto 1, 2000.

KÜHL, B. M. *A Lâmpada da Memória*. In: JOHN RUSKIN. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

KÜHL, B. M. *Viollet-Le-Duc e o verbete restauração*. In: VIOLLET-LE-DUC, E. E. *Restauração*. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

LE GOFF, J. *História e memória*. 4. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LEMOS, C. *O Que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MARQUES, J. G. *Museus contemporâneos*. locais de contágios e hibridismos. 2013. Disponível em: <<http://midas.revues.org/89>> ; DOI : 10.4000/midas.89> Acesso em: abr 2014.

MENEZES, U. B. de. *Museus Históricos: da celebração à consciência Histórica*. Como explorar um museu histórico. São Paulo: Museu Paulista: USP, 1992.

NETO, J. S.; TOMMASELLI, J. T. G. *O tempo e o clima em Presidente Prudente*. 1ª Edição. FCT/UNESP. Presidente Prudente, 2009.

NERES, R. M. *Museu da memória de Presidente Prudente*. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciência e Tecnologia - FCT. Presidente Prudente, 2009.

NORA, P. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. Revista Projeto História, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS. Ministério da Cultura. Relatório de gestão 2003/2004.

REVISTA ARQUITETURA E URBANISMO. *Cores novas à roupa antiga*. São Paulo: PINI, v. 214, jan 2012.

REVISTA ARQUITETURA E URBANISMO. *Praça das Artes*. São Paulo: PINI, v. 227, fev 2013.

ROCHA, P. M. *Paulo Mendes da Rocha*. projetos 1957-1999. 3. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

RODRIGUES, A. R. *O museu histórico como agente de ação educativa*. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais. v.2. Dezembro, 2010.

SANDER, R. *O museu na perspectiva da formação não-formal e as tendências políticas para o campo da museologia*. Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2006.

SANTOS, M. S. *Museus brasileiros e política cultural*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 19, p. 55-57, jun 2004.

SECRETARIA DO ESTADO DA CULTURA. *Princípios básicos da museologia*. Curitiba, 2006.

SILVA, R. R. M. da. *Tombamento e Destombamento da Catedral Matriz – São Sebastião - Presidente Prudente*. SABER ACADÊMICO - n° 07 - Jun. 2009.

Disponível em:
<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista7/pdf/27_tombamento.pdf>. Acesso em: 19/08/10.

ZEIN, R. V. *Museus: duas décadas de arquitetura*. Revista Projeto Design. São Paulo, ed. 144, p. 30-33, ago. 1991.

SITES

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaInicial.do>>

Acesso em: 15 Abril 2014.

Museu e Arquivo Histórico Prefeito Sandoval Netto. Disponível em:

<<http://museu.presidenteprudente.sp.gov.br/>>

Acesso em: 5 Março 2014.

Portal do Instituto brasileiro de museus (IBRAM): www.museus.gov.br

Disponível em:

<<http://tvfacopp.unoeste.br/tvfacopp/online/medias/arquivos/t532008-12-1919-33-21>][REVISTA_VIDERE.pdf]>

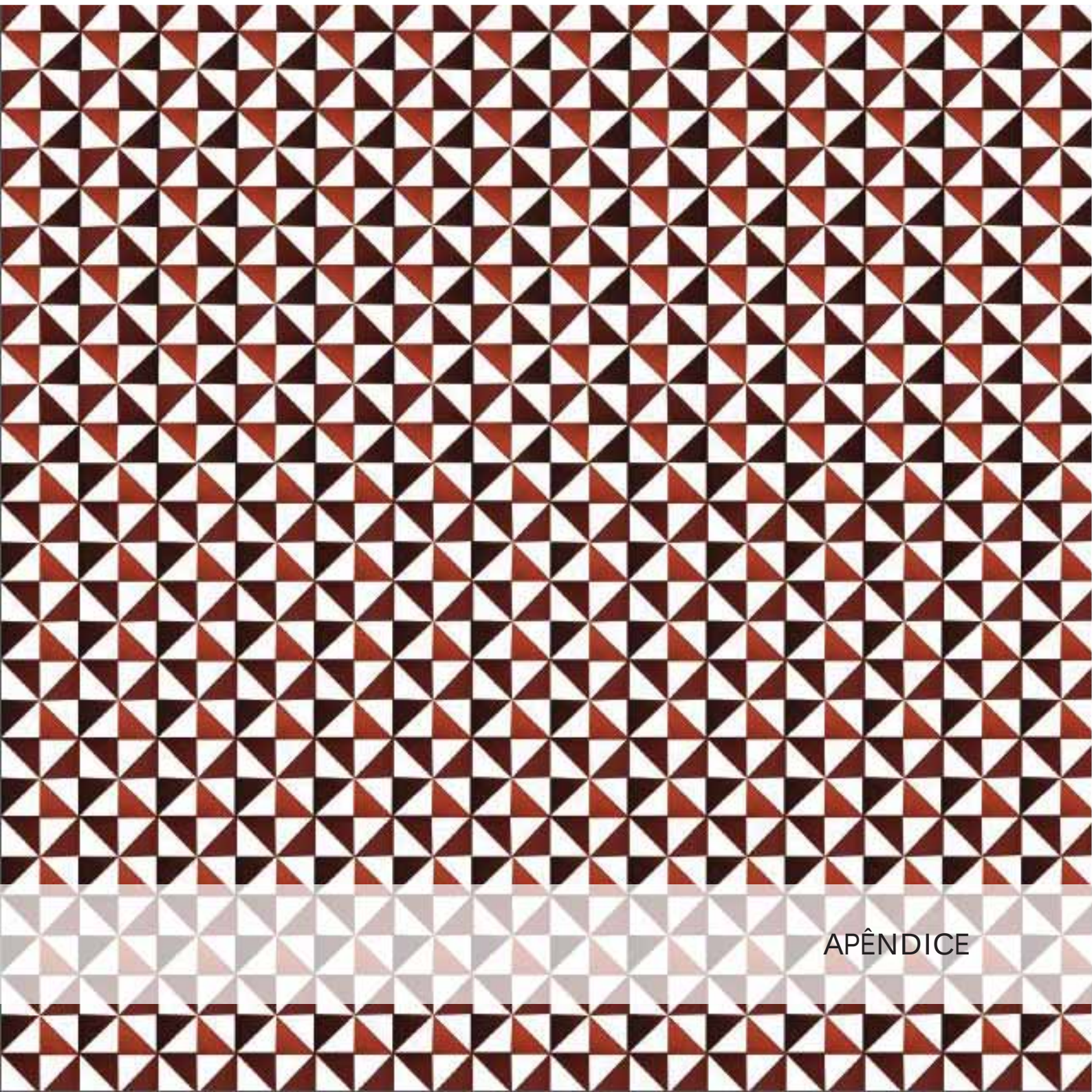
Acesso em: 20 Junho 2014.

Secretária da Cultura de Presidente Prudente

Disponível em:

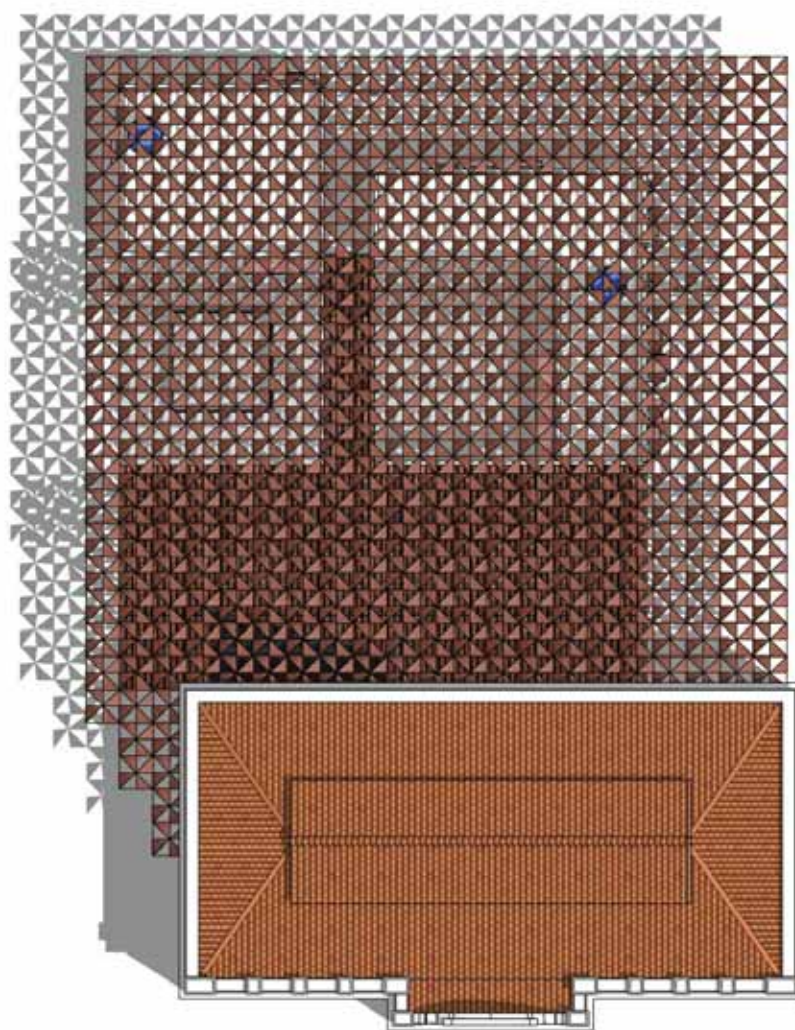
<<http://www.culturapp.com.br/index.php/equipamento/centro-cultural-matarazzo/>>

Acesso em: 5 Março 2014.



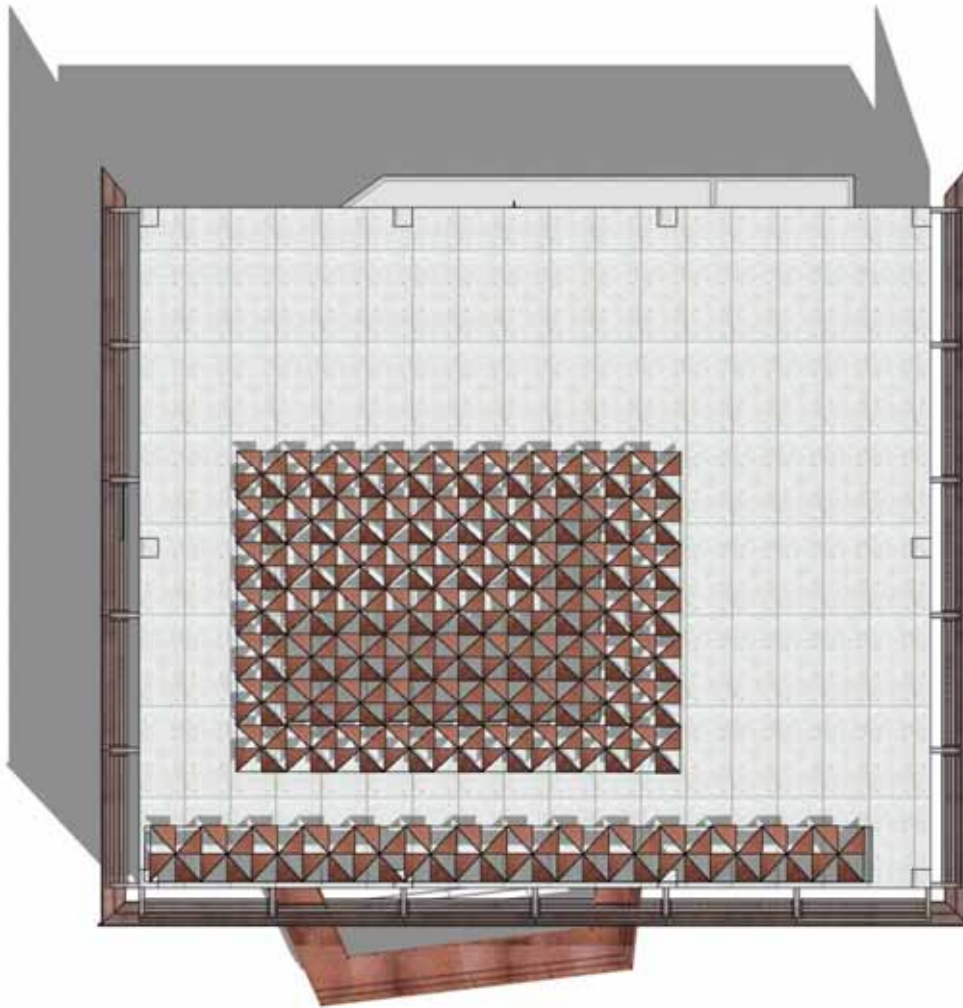
APÊNDICE

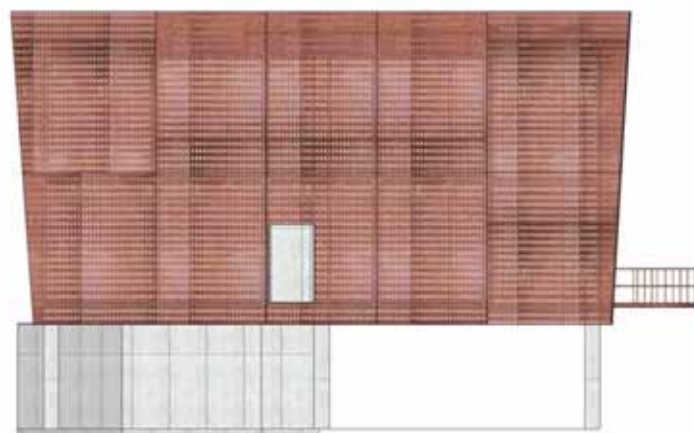
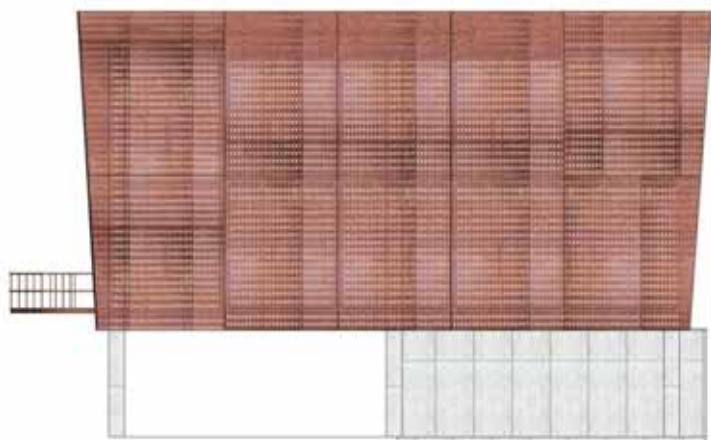
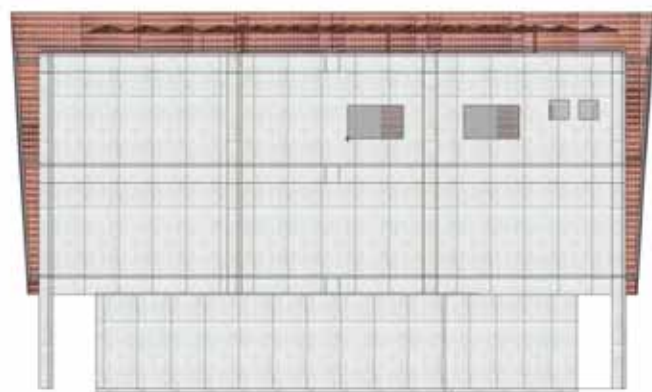
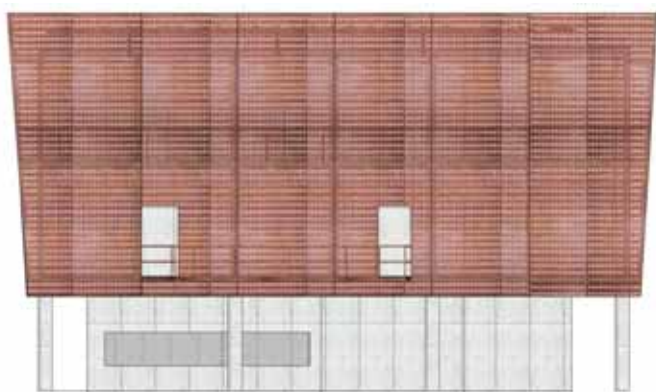
ANEXOS E EDIFÍCIO HISTÓRICO





EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO





GARAGEM DE VEÍCULOS ANTIGOS

